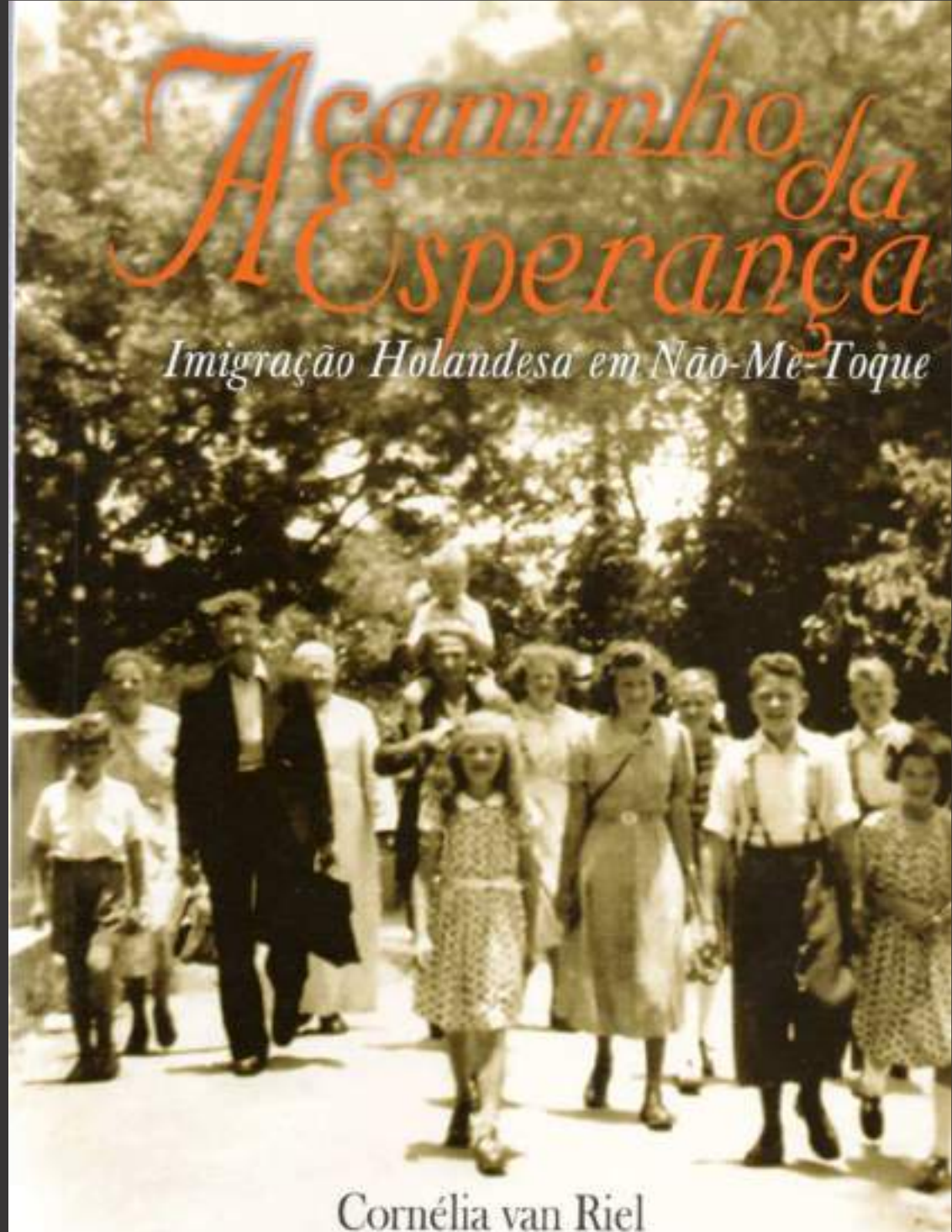


A Caminho da Esperança

Imigração Holandesa em Não-Me-Toque



Cornélia van Riel
Helaine Gnoatto Zart



Cornélia van Riel

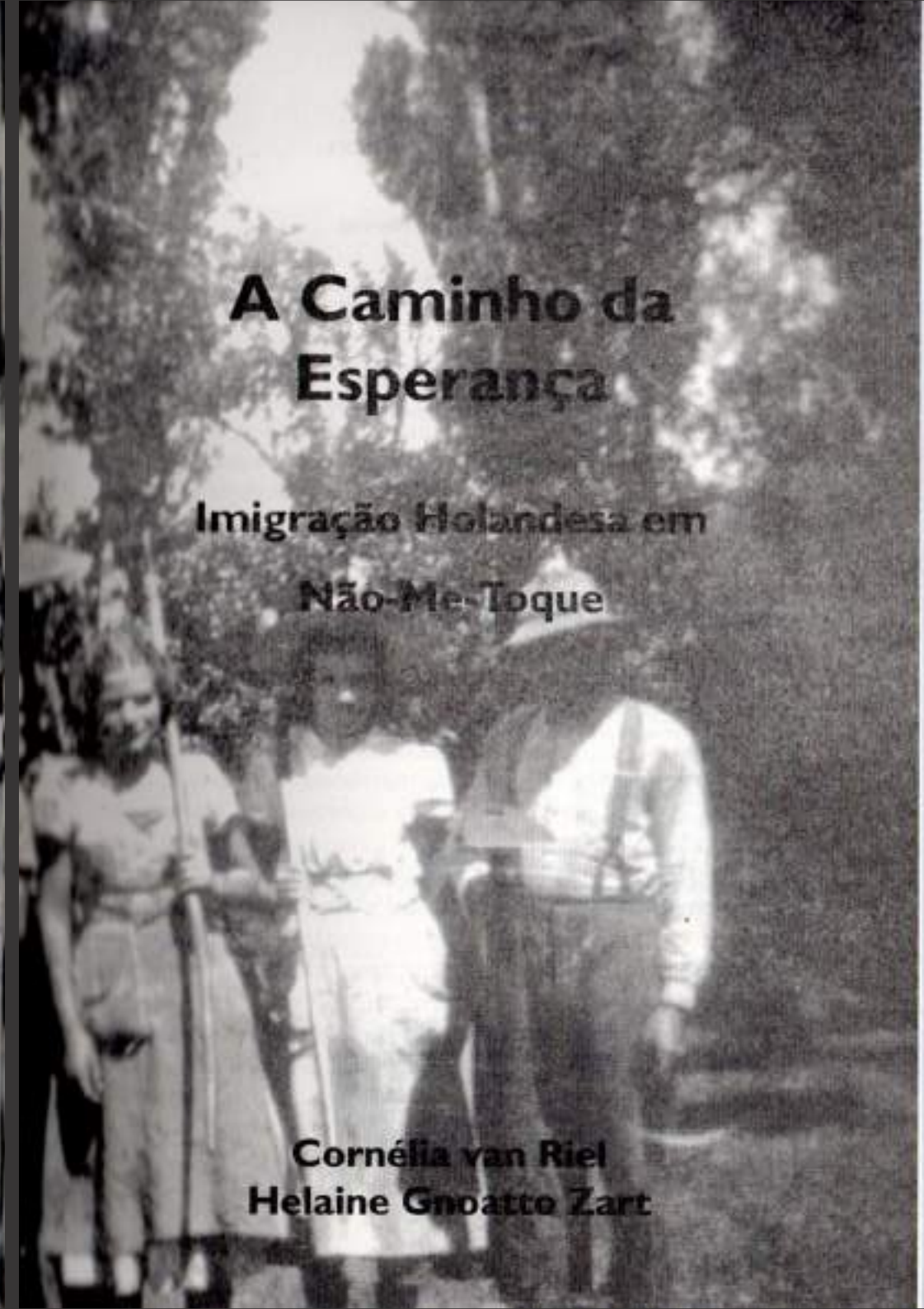
A Imigrante holandesa Cornélia Maria Josepha van Riel, chegou ao Brasil com 11 anos de idade. A maior parte dos fatos relatados nesta obra fazem parte de suas lembranças, de anotações e de pesquisas realizadas em documentos e entrevistas.

Escrever sobre a imigração foi seu sonho de mais de 30 anos que se concretizou a partir da parceria com a jornalista Helaine Griotto Zart. A publicação integrou as comemorações do Ano Brasil Holanda (2011) e foi viabilizada pela Lei Rouanet.

Desde a juventude, Cornélia se mostrou ativa e líder. Participou da organização da juventude holandesa e, depois, da Associação Holandesa. No município de Não-Me-Toque, deixou sua marca em muitas ações comunitárias, desde a fundação do Lar do Idoso São Vicente de Paulo, no Núcleo da Legião Brasileira de Assistência (LBA), coordenadora da Secretaria Municipal da Assistência Social – cargo que exerceu como primeira-dama do município – todas atividades voluntárias, sem remuneração, com exceção da LBA. Foi parceira e colaboradora do marido Johannes Arnoldus Maria van Riel em todas as diretorias em que ele atuou, como a Paróquia Cristo Rei, O CTG Galpão Amigo, a Associação Holandesa, a Prefeitura Municipal e o Hospital Beneficência

A Caminho da Esperança

Imigração Holandesa em
Não-Me-Toque



A Caminho da Esperança

**Imigração Holandesa em
Não-Me-Toque**

**Cornélia van Riel
Helaine Gnoatto Zart**

Preparo de originais
Helaine Maria Gnoatto Zart

Capa
Clarissa Gnoatto Hermes

Diagramação
Clarissa Gnoatto Hermes

Revisão
Ana Maria Kiellig Erpen
Helaine Maria Gnoatto Zart

Impressão e Acabamento
Gráfica Grapel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária Cristiane Dias CRB 10/1029)

R555c Riel, Cornélia van, 1940-
A Caminho da esperança : imigração holandesa em Não-Me-Toque /
Cornélia van Riel, Helaine Gnoatto Zart. – Não-Me-Toque, RS : RH
Publicidades Ltda., 2011.
298 p.
Inclui bibliografia

I. Biografias – Imigrantes Holandeses 2. História – Rio Grande do Sul –
Não-Me-Toque 3. Imigração Holandesa – Rio Grande do Sul
I. Zart, Helaine Gnoatto, 1962- II. Título

CDU 325.14(492 : 816.5)(092)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Cornélia van Riel
Rua Fernando Sturm, 608, Centro
99470-000 - Não-Me-Toque - RS
Telefone (54) 3332-1223
E-mail: cornelia.vanriel@yahoo.com.br

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ter me dado a vida e as inúmeras oportunidades para crescer como pessoa.

Aos meus pais, por seu exemplo de trabalho, honestidade, persistência e fé, valores que são os grandes responsáveis pelo que somos, eu e meus irmãos.

Ao meu marido Johannes, pois sem sua colaboração e paciência, jamais teria chegado aonde cheguei.

À minha filha, Carla, principalmente pela paciência com que me atendeu, sempre que o computador me vencia. À Luiza, minha neta, que por um bom tempo teve de passar sem sua companheira de brincadeiras e que me ajudou a escolher o título do livro.

Aos demais familiares que colaboraram com sua paciência e compreenderam os meus objetivos.

As pessoas que atenderam às entrevistas, emprestaram fotos e documentos, à vice-prefeita de Não-Me-Toque, Teodora Berta Souillje Lütkemeyer, que muito se empenhou na viabilização desta obra, através do projeto embasado na Lei Rouanet. Às empresas Foto Choks, Revista Momento e Jornal A Folha pela cedência de material.

E, finalmente, às jornalistas, Helaine Gnoatto Zart e Clarissa Gnoatto Hermes, que, com muita paciência, dedicação e companheirismo, durante um ano, se debruçaram sobre minhas memórias, fazendo delas este livro, principalmente à Helaine, a quem, juntamente com meu marido Johannes, minha filha Carla e demais familiares, dedico esta obra.

Cornélia M. J. van Riel

ÍNDICE

CAPÍTULO I	
Quando tudo teve início	11
CAPÍTULO II	
Presença dos freis franciscanos	21
CAPÍTULO III	
Família Souilljee	26
CAPÍTULO IV	
A decisão	34
CAPÍTULO V	
A preparação	37
CAPÍTULO VI	
A despedida	40
CAPÍTULO VII	
A viagem	42
CAPÍTULO VIII	
A chegada ao Rio de Janeiro	44
CAPÍTULO IX	
A chegada em Não-Me-Toque	49
CAPÍTULO X	
O início	56
CAPÍTULO XI	
A Rádio Hilversum	58
CAPÍTULO XII	
A alimentação	60
CAPÍTULO XIII	
As tragédias	64
CAPÍTULO XIV	
A cultura	66

CAPÍTULO XV	
Os casamentos	87
CAPÍTULO XVI	
O Hobby Club	91
CAPÍTULO XVII	
As artes	96
CAPÍTULO XVIII	
O Zescamp.....	100
CAPÍTULO XIX	
A economia	110
CAPÍTULO XX	
A industrialização	114
CAPÍTULO XXI	
Visitas ilustres	136
CAPÍTULO XXII	
Imigrantes que se destacaram na comunidade	142
CAPÍTULO XXIII	
A História das Famílias Pioneiras	184
CAPÍTULO XXIV	
O Imigrante Solitário	248
CAPÍTULO XXV	
Os Holandeses de Ijuí	250
CAPÍTULO XXVI	
A Holambra que deu certo	251
CAPÍTULO XXVII	
O Ano Brasil Holanda	253
CAPÍTULO XXVIII	
Diário de Bordo	257
CAPÍTULO XXIX	
Os Pioneiros	276
CAPÍTULO XXX	
Prólogo.....	293

PREFÁCIO

Quando Cornélia van Riel começou a juntar suas lembranças com documentos e relatos de quem viveu a experiência da imigração para compor as "Memórias de Corrie" – título originalmente pensado – esta obra não passava de um sonho distante, sem data. Foram mais de 30 anos até que fosse concretizado.

Juntar manuscritos, fotografias, entrevistar pessoas, pesquisar e transformar tudo isso em uma história, a que conta a imigração holandesa em Não-Me-Toque, é obra de uma vida. A autora, que executou grande parte deste projeto aos 70 anos, é digna de admiração pelo seu discernimento, tenacidade e doçura, marcas presentes em cada registro.

Cornélia van Riel é capaz de dividir com todos os personagens desta obra as dificuldades e as glórias da conquista de um povo que abriu mão do conforto para enfrentar o desconhecido, descer ao nível da pobreza para então vencer. Todos os imigrantes holandeses que chegaram a Não-Me-Toque, a partir de 1949, começaram pobres. Moraram em casebres, sustentaram as grandes proles com fé e determinação.

Os homens que decidiram fugir da possibilidade de uma nova guerra que viesse levar seus filhos, foram corajosos, porque deixaram uma vida confortável para viver incertezas quanto ao conforto físico, mas com a certeza da vida em harmonia. Para isso, contaram com o apoio decisivo de suas mulheres, que foram o cerne da família. Elas foram além do cuidado com a casa e com os filhos. Sabiam cozinhar, costurar, trabalhar na horta e na roça, e ainda davam sustentação

aos empreendimentos dos seus maridos. Religiosas, educavam os filhos para a solidariedade, a união e eram parceiras na formação de cidadãos com consciência de comunidade.

As memórias de Corrie relatam com emoção a trajetória de um povo que veio A Caminho da Esperança.

É realizador poder contribuir com a transformação destas memórias em documentário que oportuniza a todos conhecer e se emocionar com a história da imigração holandesa em Não-Me-Toque, que é a história de vida de pessoas simples, empreendedoras e muito apegadas à família.

É, também, a história da transformação do destino de Não-Me-Toque. Econômica e culturalmente, o município deve muito à presença deste povo que veio em busca de paz, de um futuro melhor para seus filhos, e acabou influenciando de maneira absoluta o progresso da agricultura e da indústria.

Helaine Gnoatto Zart

CAPÍTULO I

Quando tudo teve início

Tudo começou antes do início da Segunda Grande Guerra. Franciscus Souilljee (Frans) e Theodora Arts (Doortje), se guidamente, falavam aos filhos das dificuldades da crise pré-guerra – 1930 a 1939, anos difíceis em que quase não existia comercialização de produtos agrícolas e o custo de vida era muito alto. Frans levava sua produção agrícola e os leitõezinhos para vender ou trocar no mercado (tipo feira do produtor). Depois de um longo e cansativo dia, retornava para casa desanimado e frustrado, pois não conseguia vender nada. Ainda tinha de ficar atento para que outros produtores não colocassem leitões junto aos seus, para não tê-los de levar de volta. Afinal, o custo da ração era mais elevado do que o valor de venda dos porquinhos.

Foi nesta época que, devido às dificuldades financeiras, Frans e Doordje tiveram que vender a propriedade, porque não conseguiram pagar a hipoteca. Foi um duro golpe, pois a família tinha trabalhado muito para conseguir comprar os 10 hectares de terra e construir uma casa. O comprador (De Beiden Weeshuisen-Nijmegen), responsável por dois orfanatos, sensibilizado, permitiu que continuassem morando e plantando no local, mediante o pagamento anual de uma taxa de aluguel. Ali ficaram, então, com os filhos.

A luta continuou, a crise aumentou e a ameaça de guerra era cada vez mais iminente. Países vizinhos já haviam sido invadidos por tropas nazistas e na Holanda a tensão crescia a cada dia. Na madrugada de 5 de maio de 1940, o inevitável aconteceu. No silêncio da noite, tropas inimigas invadiram o sul do país, surpreendendo os holande-

ses durante o sono, mesmo depois de Hitler ter anunciado que não invadiriam o país vizinho.

Os soldados e o povo holandês resistiram ao invasor durante cinco longos e sofridos dias. O exército inimigo era muito superior, mais reforçado e mais bem preparado. Sua intenção era tomar a Holanda de assalto e ficar com o controle dos portos para atingir a Inglaterra e os Estados Unidos da América com mais facilidade. Foi com pesar que, depois de muito sangue derramado, o exército holandês se rendeu, pois não tinha outra alternativa. Os soldados foram levados para os campos de concentração como prisioneiros, para os trabalhos forçados na Alemanha. Infelizmente, o país estava sob o domínio nazista.

Cinco meses se passaram e no primeiro dia de outubro, ao som dos bombardeios distantes e dos caças que protagonizavam uma luta aérea violenta, nascia a oitava filha do casal Frans e Doortje Souilljee. Era uma menina robusta e saudável, de olhos verdes e cabelos castanhos, que caíam em cachos sobre a fronte. Deram-lhe o nome da avó paterna, Corrie (Cornelia).

O casal teve ainda mais quatro filhos. Ao todo, foram seis meninos e seis meninas. Doze bocas para dar de comer e doze corpos para vestir, especialmente no rigoroso inverno europeu. Não foi tarefa fácil, mas comida nunca faltou, pois os Souilljee eram agricultores e produziam os alimentos de que necessitavam. Vestiam roupas trocadas por alimentos ou deixadas por soldados. Usavam as botinas que os soldados haviam deixado para trás ao desocuparem a casa, que depois foi usada como Quartel General pelas tropas aliadas.

Neste período, os soldados ocuparam parte da casa e dormiam sobre a palha e o feno. Um dos quartos ficou para os oficiais. Frans organizou o porão para a família dormir.

Mesmo com o mínimo de conforto dentro da própria casa, outras pessoas não tinham a mesma sorte. Aqueles que moravam na cidade enfrentaram fome e miséria.

Chegou o mês de maio de 1945. Finalmente as forças aliadas conseguiram expulsar o inimigo e a Holanda foi o último país a ser libertado. O povo delirava de alegria por ver-se livre das tropas nazistas e da guerra. As pessoas poderiam voltar a trabalhar, viver,

reconstruir a vida e a nação. Era tarefa de todos colocar mãos à obra e não há preciso dizer duas vezes. Todos, velhos e jovens, colaboraram na limpeza das cidades, na reconstrução de estradas e pontes. A agricultura e a pecuária foram retomadas, mudando a paisagem de abandono do interior.

A vida mudara. As pessoas tornaram-se mais humanas. O povo começou a progredir e, lentamente, a lembrança dolorosa dos horrores da guerra foi amenizando. Entretanto o medo de outra guerra voltou a pairar sobre todos. Desta vez era a Rússia que estava tomando as nações, invadindo-as e massacrando os povos. Em 1947, três quartos da população achava que a situação estava pior do que antes da guerra.

No ano de 1948 ocorreu o bloqueio de Berlim e a tomada do poder na Tchecoslováquia. Os holandeses estavam muito preocupados, pois o país vivia uma guerra inútil contra a Indonésia, colônia holandesa importante, que lutava pela emancipação. O governo holandês não desejava entregar esta terra de riquezas naturais de valor inestimável e convocava todos os rapazes, quando completavam 18 anos, a lutar na Indonésia. Muitos familiares já haviam sido recrutados.

Em 1948, mais de 32% da população demonstrava vontade de deixar o país. Todos estes fatores contribuíram enormemente para tomarem a decisão de deixar a pátria. Muitos queriam ir embora o quanto antes.

Embora o desejo de emigrar fosse geral, o Governo Neerlandês inicialmente se mostrava tímido quanto ao pedido de emigração. Os Países-Baixos precisavam de sua gente para a reconstrução e somente a emigração de agricultores era permitida, porque não havia terra para todos. O país estava densamente povoado e a industrialização, como base da economia, seria a solução. A agricultura precisava dar lugar à indústria e às cidades. Conforme boletim de 1951, pelo menos 6 mil jovens agricultores deveriam procurar outro rumo nos 15 anos vindouros.

Com o governo investindo na industrialização, os agricultores, bem como as entidades de classe, demonstravam bastante resistência. Naquele tempo, era costume filhos de agricultores buscarem a formação agrária, com o objetivo de exercer a atividade por conta própria. Eles

se revoltavam com a idéia de ter que trabalhar como empregados em alguma fábrica, pois a rotina era cansativa. Os jovens tinham que partir pela manhã, com um sanduíche na mochila, para trabalhar na fábrica e voltar somente no final da tarde.

As poucas perspectivas existentes fizeram o Sindicato de Agricultores e Hortigranjeiros Católicos Neerlandeses (KNBTB), pouco tempo depois do fim da guerra, procurar incentivo para a emigração. Para isso foi criada, em 1947, a Fundação Pró-Emigração do KNBTB. A sua função era encontrar respostas às perguntas "para onde poderiam emigrar e quais as possibilidades de sucesso". Esta Fundação não trabalhou sozinha. Muitas outras entidades de classe aderiram, desenvolveram muitas pesquisas e realizaram contatos e visitas a países e pessoas ligadas à emigração e às instituições religiosas. A atenção das comissões para a estabilização dos emigrantes era dirigida, principalmente, à pessoa do emigrante, preparando os pretendentes, através de cursos especiais.

A emigração deveria ter como objetivo a colonização. Julgavam importante reunir companheiros de pátria, religião, hábitos e cultura numa terra estranha, para poder atender melhor às suas necessidades espirituais e materiais. Na época, consideravam que a vida religiosa das pessoas era tão ou mais importante que a material. Por isso, geralmente, padres e freiras acompanhavam os emigrantes, como guias espirituais.

A atenção da KNBTB inicialmente dirigiu-se à França, depois ao Brasil, pois estes países permitiam o ingresso de grupos de imigrantes. Foi então formada uma comissão, coordenada pelo engenheiro agrônomo, J. G. Heymeijer, para verificar as possibilidades de fundação de uma colônia no Brasil. Os integrantes voltaram muito entusiasmados da primeira viagem, porém receosos quanto às diferenças de povo, cultura e agricultura, que eram monumentais.

Foi necessário realizar várias viagens e contatos com o governo brasileiro. Além do estado de São Paulo, o Governo Federal viabilizou apoio financeiro para a realização do projeto. Havia muito interesse na vinda dos imigrantes holandeses à região, para por em prática o projeto cinturão verde ao redor da capital paulista, visando à produção de alimentos. A produção leiteira teria papel importante

para o abastecimento dos paulistanos. Mais tarde, quando a colônia entrou em crise, este apoio não foi cumprido integralmente.

Foi durante uma destas visitas da comissão da KNBTB, que foi oferecida a Fazenda Ribeirão, com 5 mil hectares. Situada nos arredores da cidade de Campinas, propriedade da empresa Americana Armour, era uma fazenda de gado coberta com diversos tipos de gramínea e cupinzeiros, que já tivera plantação de café e estava meio abandonada. A terra era bastante pobre e, além do desbravamento, seria necessária uma rigorosa correção de solo. Tinha a casa da fazenda, onde na época do café, morava o fazendeiro, e algumas casas de pau a pique, que eram habitadas pelos empregados. Faltavam casas, galpões e armazéns para os imigrantes. Não havia escola nem igreja, e que era muito importante, nem médico e hospital.

Na Holanda, os pretensos emigrantes pressionavam. Depois de muitas deliberações das varias comissões, muitas idas e vindas entre Holanda e Brasil, decidiram pela compra da Fazenda Ribeirão. Conforme a comissão, este seria o local ideal para fundar uma colônia de imigrantes holandeses (atual município de Holambra - SP), para onde foram enviados, em 21 de abril de 1948, inicialmente, dois jovens agricultores - Wim Miltenburg e Toon Cruisen - pioneiros com a incumbência de se alojarem na fazenda. Eles trouxeram consigo 30 cabeças de gado. Chegaram ao Brasil no dia 18 de maio de 1948. Anteriormente, já haviam partido para o Brasil três religiosas, a fim de aprenderem a língua e se familiarizarem com o país. Posteriormente, chegariam mais algumas famílias. Pretendiam, neste mesmo ano, mandar 50 pioneiros, seguidos de uma centena, até o final daquele ano ou no início de 1949, e, por fim, em 1950, um grupo maior de até 450 famílias. Para desbravar a fazenda e organizar a colônia, escolheram um sistema estritamente cooperativo.

Era grande o interesse pelos cursos de emigração em que recebiam informações sobre vários aspectos dos diferentes países de interesse dos pretensos emigrantes. Heymeijer realizava palestras para mais de mil pessoas. Só podia entrar quem tivesse ingresso. Para atender a todos os interessados, foram realizados vários cursos, com duração de mais de uma semana. Os cursistas permaneciam vários dias no local chamado: "Ons Erf in de De Steeg", ficando o trabalho da

propriedade aos cuidados das esposas e dos filhos. Ao contrário da França e do Brasil, o Canadá não permitia o ingresso de estrangeiros em grupos. Mesmo assim, o país recebeu um grande número de imigrantes holandeses, bem como a Austrália e América do Norte.

Enquanto isso, no Brasil, os preparativos para a vinda dos primeiros imigrantes estavam em andamento. Em junho de 1947 começou a seleção dos interessados. Inicialmente a preferência seria por solteiros. O envio de famílias era considerado ainda muito arriscado, mas os pais de família pressionavam, porque tinham pressa de deixar a Holanda. A procura pelos cursos de orientação aos interessados em fazer parte da cooperativa era tanta, que os organizadores tiveram que distribuir senhas, limitando o ingresso.

O fundador de Holambra era um idealista e queria que a colônia fosse social e economicamente modelo, para neste extenso país, abrir caminho a muitas outras. Por isso, era necessário selecionar pessoas maravilhosas, que estivessem dispostas a enfrentar muitas dificuldades e dar alguns anos de sua vida para a conquista da felicidade futura. Deveriam deixar para trás uma parte do conforto material e social, levando energia e estímulo para conquistar novamente o conforto na nova pátria. Planejaram realizar uma nova comunidade, na verdade pequena, que deveria evoluir para se tornar grande.

Na construção desta comunidade era difundida a visão ideal de uma comunidade cristã. Então, impunham-se exigências, como bom caráter, otimismo, uma elevada vida religiosa e moral, além de boa formação profissional. Era imprescindível, ser simples e trabalhar muito. Além disso, deveriam ser fortes economicamente. Os emigrantes deviam vender sua propriedade e depositar todo o dinheiro na conta da cooperativa. O valor obtido através da venda de equipamentos que não poderiam ser levados juntos era entregue integralmente à cooperativa. Dali para a frente, a cooperativa administrava todo o dinheiro. Ao chegar ao Brasil, todos seriam igualmente pobres.

Como a Holanda pós-guerra não tinha dinheiro, não permitia que grandes somas fossem para fora do país. O governo segurava o dinheiro para reparar os danos provocadas pela guerra, em troca podiam levar gado, tratores, implementos agrícolas, ferramentas e outros bens duráveis. O governo abria exceção para os agricultores,

incentivando sua emigração para dar lugar à industrialização.

Tanto as famílias que já tinham algum capital, como os solteiros que nada possuíam, tinham o mesmo direito. Todos deviam trabalhar imbuídos do mesmo ideal.

No primeiro ano, tudo funcionou muito bem. Trabalharam muito, mas sem demora, começaram as dificuldades. Os homens que sempre haviam sido agricultores autônomos, eram comandados por pessoas mais jovens, com pouca experiência. As moças de famílias bem instaladas na Holanda precisavam trabalhar para as famílias recém formadas. Ninguém recebia dinheiro e todo o valor recebido era contabilizado pela cooperativa. As compras eram feitas pela cooperativa e eram descontadas do capital. Quando alguém precisava de médico ou de medicamentos, precisava falar com a diretoria para ver se liberavam dinheiro. Outro problema era que a direção queria trabalhar a terra e tratar os animais à maneira da Holanda. Em consequência, o gado adoecia e muitos morreram por falta de tratamento adequado.

As sementes de batatinhas vindas da Holanda chegaram tarde e assim a primeira plantação ocorreu tardiamente. Como não tinham conhecimento das doenças e pragas que atacam as lavouras no Brasil, as colheitas eram fracas e algumas vezes nem aconteciam. Os imigrantes que tinham depositado todo o capital e a confiança na cooperativa, viram, em menos de dois anos, tudo desaparecer. Como a diretoria não quis dar ouvidos às sugestões e reclamações dos sócios, um grande grupo se rebelou, resolveu ir embora e construir o futuro em outro lugar.

propriedade aos cuidados das esposas e dos filhos. Ao contrário da França e do Brasil, o Canadá não permitia o ingresso de estrangeiros em grupos. Mesmo assim, o país recebeu um grande número de imigrantes holandeses, bem como a Austrália e América do Norte.

Enquanto isso, no Brasil, os preparativos para a vinda dos primeiros imigrantes estavam em andamento. Em junho de 1947 começou a seleção dos interessados. Inicialmente a preferência seria por solteiros. O envio de famílias era considerado ainda muito arriscado, mas os pais de família pressionavam, porque tinham pressa de deixar a Holanda. A procura pelos cursos de orientação aos interessados em fazer parte da cooperativa era tanta, que os organizadores tiveram que distribuir senhas, limitando o ingresso.

O fundador de Holambra era um idealista e queria que a colônia fosse social e economicamente modelo, para neste extenso país, abrir caminho a muitas outras. Por isso, era necessário selecionar pessoas maravilhosas, que estivessem dispostas a enfrentar muitas dificuldades e dar alguns anos de sua vida para a conquista da felicidade futura. Deveriam deixar para trás uma parte do conforto material e social, levando energia e estímulo para conquistar novamente o conforto na nova pátria. Planejaram realizar uma nova comunidade, na verdade pequena, que deveria evoluir para se tornar grande.

Na construção desta comunidade era difundida a visão ideal de uma comunidade cristã. Então, impunham-se exigências, como bom caráter, otimismo, uma elevada vida religiosa e moral, além de boa formação profissional. Era imprescindível, ser simples e trabalhar muito. Além disso, deveriam ser fortes economicamente. Os emigrantes deviam vender sua propriedade e depositar todo o dinheiro na conta da cooperativa. O valor obtido através da venda de equipamentos que não poderiam ser levados juntos era entregue integralmente à cooperativa. Dali para a frente, a cooperativa administrava todo o dinheiro. Ao chegar ao Brasil, todos seriam igualmente pobres.

Como a Holanda pós-guerra não tinha dinheiro, não permitia que grandes somas fossem para fora do país. O governo segurava o dinheiro para reparar os danos provocadas pela guerra, em troca podiam levar gado, tratores, implementos agrícolas, ferramentas e outros bens duráveis. O governo abria exceção para os agricultores,

incentivando sua emigração para dar lugar à industrialização.

Tanto as famílias que já tinham algum capital, como os solteiros que nada possuíam, tinham o mesmo direito. Todos deviam trabalhar imbuídos do mesmo ideal.

No primeiro ano, tudo funcionou muito bem. Trabalharam muito, mas sem demora, começaram as dificuldades. Os homens que sempre haviam sido agricultores autônomos, eram comandados por pessoas mais jovens, com pouca experiência. As moças de famílias bem instaladas na Holanda precisavam trabalhar para as famílias recém formadas. Ninguém recebia dinheiro e todo o valor recebido era contabilizado pela cooperativa. As compras eram feitas pela cooperativa e eram descontadas do capital. Quando alguém precisava de médico ou de medicamentos, precisava falar com a diretoria para ver se liberavam dinheiro. Outro problema era que a direção queria trabalhar a terra e tratar os animais à maneira da Holanda. Em consequência, o gado adoecia e muitos morreram por falta de tratamento adequado.

As sementes de batatinhas vindas da Holanda chegaram tarde e assim a primeira plantação ocorreu tardiamente. Como não tinham conhecimento das doenças e pragas que atacam as lavouras no Brasil, as colheitas eram fracas e algumas vezes nem aconteciam. Os imigrantes que tinham depositado todo o capital e a confiança na cooperativa, viram, em menos de dois anos, tudo desaparecer. Como a diretoria não quis dar ouvidos às sugestões e reclamações dos sócios, um grande grupo se rebelou, resolveu ir embora e construir o futuro em outro lugar.



Cornelia, autora desta obra, junto dos pais, Franciscus e Doortje Souilljee, em frente ao galpão que serviu de moradia até a construção da casa.



Antes do primeiro grupo de imigrantes embarcar no ônibus para a Antuérpia (Bélgica), posou para uma foto em frente à Catedral Sto. Jans Kathedraal. À esquerda aparece o engenheiro G. J. Heymeyer e à direita os secretários da KNBTB.

CAPÍTULO II

Presença dos Freis Franciscanos

Padres holandeses foram presença constante. Em 1949, Não-Me-Toque ainda era distrito de Carazinho, mas já era um povoado forte, formado basicamente por descendentes de imigrantes alemães e italianos vindos do "Alt Colonie" (Colônias Velhas), como São Leopoldo, São Sebastião do Cai, Santa Cruz, Garibaldi, Montenegro, Taquari, Guaporé, entre outras.

Depois de ter concluído seus estudos na Holanda, em 28 de janeiro de 1945, Frei Olímpio Reichert, padre da Ordem dos Franciscanos, descendente de alemães, tomou posse como primeiro pároco da Paróquia Cristo Rei de Não-Me-Toque, na época ainda Diocese de Santa Maria. O frei logo percebeu a necessidade de uma escola católica. Como havia na vila um terreno que pertencia à mitra de Santa Maria, este espaço foi confiado aos franciscanos pelo bispo. Frei Olímpio abriu ali uma escola com o nome de São Francisco Bulano. Ele mesmo dava aulas junto com o professor Luiz Hansen. O colégio era só para meninos, pois as meninas podiam frequentar o Colégio São José.

Frei Olímpio permaneceu à frente da Paróquia até 12 de abril de 1953. Como as atividades eram muitas, em agosto de 1945 chegou o frei Roberto Gense, como coadjutor. O padre holandês veio direto de seu país e precisou aprender a língua portuguesa. Foi o primeiro de uma série de religiosos católicos que atuaram em Não-Me-Toque e se tornaram o braço de apoio aos imigrantes.

Frei Roberto Gense ficou até janeiro de 1947, quando frei Sebastião Jans, igualmente missionário holandês, veio substituí-lo, em abril de

1947, permanecendo até 1952. Em agosto de 1947 veio frei Marcolino Melis, seu conterrâneo, para assumir a direção do novo Colégio São Francisco Solano. Os freis Olímpio e Marcolino trouxeram as primeiras duas famílias holandesas para Não-Me-Toque. Vieram Mateus Melis, irmão do frei Marcolino, e seu cunhado, Gerrit Jan Rauwers. Juntas, as duas famílias tinham seis filhos, cinco meninas e um menino.

No dia 20 de fevereiro de 1950 chegou frei Hildefonso Wouters, que assumiu a direção do Ginásio São Francisco Solano até 1959 e no período de 1959 a 1960 atuou como vice-diretor. Nesta mesma época, trabalhava no Ginásio São Francisco Solano o padre franciscano frei Ângelo, que também se dedicou bastante aos jovens holandeses, principalmente junto ao clube de jovens. Em 1952 veio frei Gustavo Driessen, outro franciscano holandês para atuar como coadjutor de frei Olímpio Reichert, até sua transferência para a paróquia de Agudo, em 12 de abril de 1953. Frei Gustavo tomou posse como pároco, permanecendo até 27 de Dezembro de 1960. Neste mesmo ano atuou também em Não-Me-Toque o padre holandês frei Willibrordus. De julho de 1963 a março de 1966, frei Irineu van Tongeren, outro missionário holandês, veio trabalhar na paróquia como coadjutor. Frei Gaspar Schnorrenberger, também padre holandês, tomou posse como vigário, de 20 de março de 1966 até 7 de maio de 1967. Ainda trabalharam na cidade, de 1978 a 1981, o padre holandês frei Adriano van Vught, filho de imigrantes radicados no município, que retornou a Não-Me-Toque em 1º de maio de 2007, e frei Gregório Wolfkamp, de 27 de dezembro 1983 a 6 de dezembro de 1988.



Colégio São Francisco Solano mantinha ensino ginásial e regime de internato para quem morava distante.



Escola São José, dirigida pelas Irmãs de Notre Dame, onde estudavam as meninas.



Rua central de Nã-Me-Toque no ano de 1957. Hoje Avenida Guilherme Augustin.



Vista da praça Dr. Otto Schmiedt em 1955. Ao fundo a Igreja Católica e o prédio que ainda existe, atual residência de Eloá Graeff.



Frei Marcolino Melis, responsável pela vinda das duas primeiras famílias de imigrantes em 1949.



Frei Olimpio Reichert que atuou junto ao frei Marcolino e foi fundador do Colégio São Francisco Solano.



Frei Hildefonso Wauters foi diretor do Ginásio São Francisco Solano de 1950 a 1959.

CAPÍTULO III A Família Souilljee

As lembranças e os registros documentais desta história começam com as memórias da Família Souilljee, a partir do pai de Cornélia van Riel: Franciscus Johannes Bastianus Souilljee.

Em 22 de outubro de 1901, em Hatert cidade de Nijmegen, na província Gelderland, Holanda, nasceu Franciscus Johannes Bastianus Souilljee e desde criança foi chamado de Frans, filho de Franciscus Johannes Souilljee e Cornelia van Beers.

Frans não nasceu numa família tradicional de agricultores, porém demonstrou desde muito cedo, o amor pela agricultura. Ainda garoto, trabalhou para agricultores da região. Aos 22 anos, formou-se com louvor no curso de inverno de técnicas agrícolas, com duração de três anos. Ainda solteiro, trabalhou como empregado rural, sempre sonhando em se tornar autônomo, com seu próprio pedaço de terra.

Nos invernos gelados da Europa, uma das poucas diversões dos jovens era patinar nas áreas alagadas e congeladas, pouco habitadas das terras baixas, entre os rios Mosa e Reno ("Maas e Rijn").

Frans, que sempre patinava no local, nem podia imaginar que estas áreas um dia lhe pertenceriam. Quando, depois de alguns anos as terras foram drenadas e colocadas à venda, ele foi um dos primeiros a se interessar por elas e convidou o cunhado, Jan Verbiezen, para juntos comprarem uma gleba de terras que ainda não tinha sido cultivada. Os jovens agricultores assumiram a tarefa de desbravar a área, localizada no chamado "De Horst" pertencente ao povoado de Alverna, que

teve este nome por causa do Convento dos Franciscanos construído em 1809, no município de Wijchen, na província de Gelderland.

Assim que conseguiu construir uma garagem, Frans se casa com Theodora Arts, conhecida por Doortje, em 15 de novembro de 1930, e os dois passaram a morar naquelas instalações.

Doortje nascera no dia 4 de janeiro de 1904, em Malden, no mesmo município, filha de Hendrikus Arts, agricultor, e Petronella Vos, morreu quando Doortje tinha apenas quatro meses de idade, vítima de um acidente com a charrete. Hendrikus Arts ficou sozinho com oito filhos, e depois de alguns anos, casou-se, novamente, com Theodora van den Broek.

Frans e Doortje iniciaram a construção da casa em 1931, ano em que nasceu a primogênita do casal, Petronella Maria Cornelia (13/1931), chamada por Nellie.

Nellie Souilljee recebeu o primeiro nome da avó materna, o segundo em devoção à Nossa Senhora, e o terceiro em homenagem ao avô paterna. Consecutivamente todos os filhos receberam Maria como segundo nome.

Na fachada da casa foi construído um nicho, no qual Frans colocou uma imagem de Nossa Senhora, que permaneceu até a demolição da casa, no ano de 1983. A Santa recebeu, depois disso, um lugar na casa dos pais de Pieter Föllings, autor do livro "Het vergeten gebied", que passou a morar no local depois que os Souilljee partiram para o Brasil.

O casal Frans e Doortje tiveram mais 11 filhos:

- Franciscus Maria Hendrikus (Frans), nascido em 4 de março de 1933, que recebeu o primeiro nome em homenagem ao avô paterno e o terceiro, em homenagem ao avô materno.

- Hendricus Maria Cornelius, nascido em 29 de abril de 1934, rotineiramente chamado Henk.

- Maria Cornelia Gertruida nasceu em 15 de junho de 1935. Inicialmente foi chamada de Ria, mais tarde, de Marie.

- Theodorus Maria Hubertus nasceu em 4 de setembro de 1936, levou o nome de Theo, que mais tarde, ficou Thee.

- Joseph Maria Johannes, Jos, veio ao mundo em 20 de março de 1938. Morreu em 1º de novembro de 1998, no Brasil.

- Theodora Maria Francisca, Doortje, nasceu em 30 de maio de 1939.

- Cornelia Maria Jozepha, Corrie, nasceu em 1º de outubro de 1940 – a autora desta obra.

- Elisabeth Maria Johanna, Lies, nasceu em 27 de janeiro de 1942.

- Johannes Maria Theodorus, Jan, nasceu em 21 de maio de 1943.

- Johanna Maria Petronella Francisca, a última menina, passou a ser chamada de Anneke e, quando adulta, Annie.

- Cornelis Maria Hendrikus, Kees, encerrou a prole em 22 de outubro de 1946.

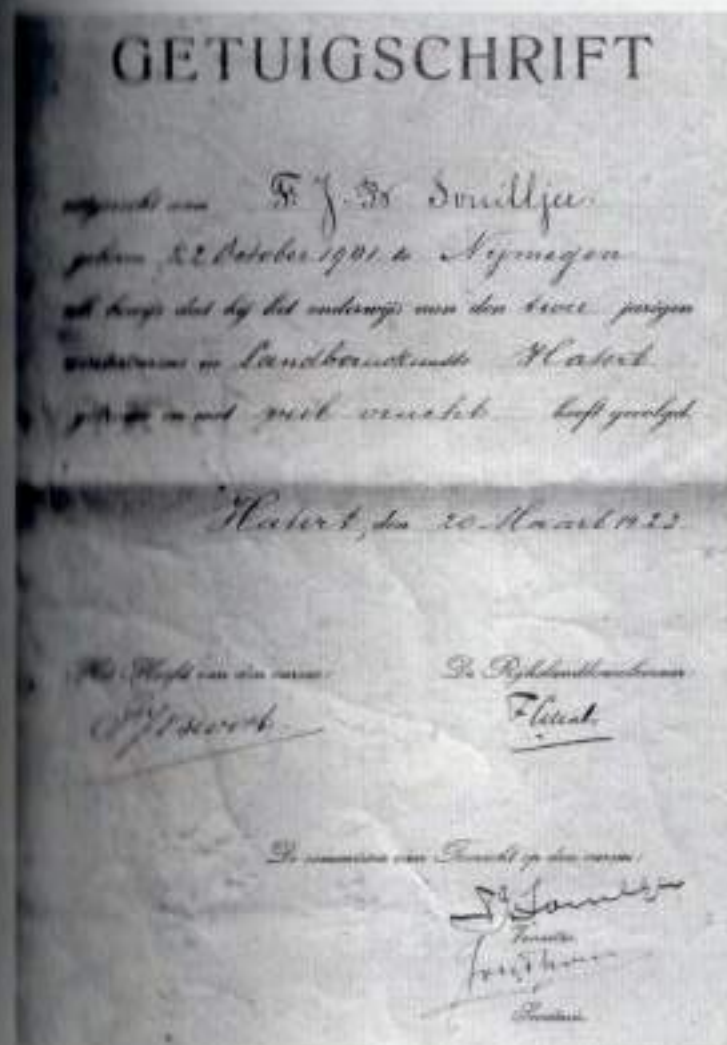
Todos os filhos eram batizados no dia em que nasciam, ou no dia seguinte. Quanto antes melhor, pois assim não corriam o risco de morrer sem a bênção de Deus.

Esta é a família Souilljee, que no ano de 1951 imigrou pra o Brasil. Para prover a família, Frans e Doortije trabalhavam de sol a sol na lavoura. Antes de clarear, tiravam o leite das vacas, pois o leiteiro passava cedo para recolher o produto. Os cavalos deviam ser bem tratados, porque da força destes animais robustos dependia o trabalho na lavoura. Além desses animais, tinham porcos e galinhas. Todo o trabalho era braçal e a renda pequena. Eles se privavam de tudo o que não fosse estritamente necessário. Plantavam trigo, centeio e cevada, que eram cortados com máquina puxada por dois cavalos. Enquanto Frans cortava o cereal, a mulher e os filhos amarravam o produto em feixes que colocavam em montes para secar. O destino final era a trilhadeira, que separava as sementes da palha, que era guardada para forrar o piso da estrebaria, servindo para os animais deitarem e se aquecerem no inverno. A palha também tinha a função de aumentar o adubo orgânico que os animais produzem e que, na primavera, era distribuído nas lavouras. Parte das sementes era armazenada para consumo próprio e o restante era vendido. Também cultivavam beterraba branca, que servia para tratar os animais e para a indústria de açúcar.

As beterrabas eram semeadas em carreiras e quando alcançavam dentre 5 a 8 centímetros de altura, toda a família, inclusive as crianças, iam à lavoura desbastar as mudas, deixando só uma plantinha a cada 15 centímetros. Também plantavam nabos (knollen) para os porcos, batatinhas para consumo próprio e para vender. No último ano da família na Holanda, Franciscus Johannes Bastianus Souilljee,

também plantava moranguinho e framboesa para o comércio. Colheita era feita com a ajuda das crianças maiores.

No verão e no outono, os agricultores preparavam bastante silagem de milho e grãos para tratar os animais, que passavam confinados em estábulo todo o inverno.



Certificado de Conclusão do Curso de Técnico Agrícola de Francis Johannes Bastianus Souilljee, em 1923.



Doortje com a primogênita do casal, Petronela Maria Cornelia, que passou a ser chamada Nellie.



A casa de Frans e Doortje começou a ser construída em 1931.



Nellie, Frans, Henk, Marie e Theo.



Os filhos da família Souilljee atrás da casa em que viviam.



Frans levava as crianças aos parques para brincarem na neve.



Mãe (Evoortje) Arts Souilljee e Franciscus Johannes Bastianus Souilljee.



Imagem de Nossa Senhora resgatada da antiga casa dos Souilljee, em Alverno, que hoje se encontra na residência de Franciscus, o filho mais velho.

CAPÍTULO IV A decisão

No início de outubro de 1951, o padre frei Hildefonso Wouters, da Ordem dos Franciscanos, atuando como missionário no Brasil, estava encerrando suas férias na Holanda, em visita aos pais. Porém, antes de voltar, veio encontrar-se com seus confrades no Convento de Alverna. Lá, soube da vontade da família Souilljee de imigrar. Tratou logo de conhecer a família e, na tarde do dia 2 de outubro, chegou de bicicleta e vestido com o hábito dos franciscanos. As crianças tiveram de brincar fora da casa, pois não era permitido que acompanhassem a conversa dos adultos. Mais tarde, quando o padre já tinha ido embora, todos souberam que os pais haviam decidido emigrar logo para o Brasil, mais precisamente, para Não-Me-Toque, na época distrito do município de Carazinho, onde os franciscanos mantinham um colégio e ajudavam na paróquia.

Tudo aconteceu muito rapidamente. Os dois filhos mais velhos, Frans (18 anos) e Henk (17 anos) viajaram em companhia do frei Hildefonso, no navio De Maashaven, um transatlântico de carga e de passageiros.

Depois de concluir o curso de Técnicas Agrícolas, o filho Frans trabalhou para um agricultor da região, onde se hospedava e fazia todas as refeições. Tinha folga somente aos domingos, quando vinha para casa. Era um tempo em que a crença cristã era forte e os católicos guardavam religiosamente os domingos e os dias santos.

Logo que foi tomada a decisão de emigrar, o pai mandou que Jos, um dos filhos que estavam em casa, fosse chamar Frans na propriedade em

Stava trabalhando. Ele deveria voltar para casa, imediatamente, embarcaria junto com Henk para o Brasil.

A partida foi no dia 5 de outubro, na cidade de Antuérpia, na Holanda, com destino ao Porto de Rio Grande, no sul do Brasil, onde chegaram no dia 27 do mesmo mês. Os irmãos Souilljee conseguiram umas duas vagas para embarque.

Durante os preparativos da viagem, Frans (Vader) passava o tempo todo às voltas com uma pesada pasta marrom cheia de documentos.

A documentação para os emigrantes que eram sócios da Cooperativa Holambra era providenciada pelos dirigentes da organização, o não foi o caso da família Souilljee que decidiu emigrar por conta própria. Frans Souilljee até participou do curso, mas não foi selecionado, o que pode ter ocorrido em razão de não possuir capital. Ele teve de providenciar tudo sozinho.

O tempo urgia e restavam poucos dias. Os filhos precisavam fazer exames obrigatórios, apresentar atestados de saúde, de bom caráter, garantia de hospedagem e subsistência no Brasil, entre outras coisas. Com o auxílio do padre, que tinha experiência em viagens, tudo ficou resolvido e ainda conseguiram marcar viagem para o resto da família, bem como para o futuro genro, Willem Saedt, que estava pensando em deixar a noiva, Nellie, viajar sozinha. Quem partia tinha expectativa de voltar a ver os familiares e amigos da pátria holandesa, onde haviam deixado suas raízes. Junto com os pais, Frans Souilljee, embarcaram os dez filhos e o futuro genro, no dia 22 de novembro de 1951.



Passaporte de Willem Souilljee traz o registro dos filhos menores.



Os dois filhos mais velhos, Franciscus e Hendricus, com 18 e 19 anos, à esquerda, embarcaram antes dos pais para o Brasil.

N. V. HAVENLIJN
ROTTERDAM - ANTWERP

N. 251

GENERAL AGENTS:
COMPAGNIE TRANSATLANTIQUE
ARGENTINE S.A.
10 KROONP. — ANTWERP



PASSAGE

RECEIVED from Mr. H.M.G. Souilljee, Wjichen.

the amount of SPAAIJ ROTTERDAM ROTTERDAM

in settlement of the passage money in favour of

N I M S I I

from Antwerp to Rio Grande (Brazil)

per N. V. HAVENLIJN cabin ----- berth 000

to sail from Antwerp on 01st Oct October 1911.

on the conditions of passage mentioned hereafter.

Rotterdam, 01st Oct, 1911.

N. V. HAVENLIJN.

N. V. HAVENLIJN
W. J. J. J.
Rotterdam

PARAMOUNT CLAUSE.

It is to be understood that the liability of the carrier and/or owner under this order exceeds the amount for which he would be liable when having limited his liability to the extent which the Netherlands law permits. His liability is, notwithstanding anything to the contrary in this order, limited to the last mentioned extent. This clause shall have no effect in so far as it conflicts with compulsory law applicable to the contract.

Days and hours of embarkation and disembarkation are fixed by the Captain resp. the agent in the port of embarkation resp. disembarkation. Trunks are brought to embark resp. disembark at the day and hour so fixed.

Passagem de navio de Henk com destino ao Rio Grande do Sul, Brasil.

CAPÍTULO V
A preparação

Os dias que se seguiram ao embarque dos irmãos foram como um turbilhão, principalmente para o pai que, ao contrário das famílias que partiam para Holambra, em Paulo, teve de providenciar tudo pessoalmente. Para essa tarefa, contou com a ajuda do futuro genro, Willem Saedt, um fiel acompanhante. Todos foram vacinados e para isso se deslocaram até Wjichen. Além dos documentos, era necessária a autorização do governo para emigrar. O pai precisava de sua gente, com exceção dos agricultores, pois nessa atividade havia muitas pessoas sobrando. Os irmãos franciscanos forneceram o atestado de habitação e a garantia de trabalho, então estava praticamente tudo pronto.

Aqueles tempos era comum os filhos acompanharem os pais até a Holanda, Amsterdam, onde admiravam os canais, o palácio oficial da Rainha, a sede do governo, em Haia. Enquanto os pais resolviam seus assuntos, as crianças ficavam na casa dos pais de Hildefonso, o que era uma festa. Viagens nunca haviam feito na vida dos Souilljee na Holanda, mas o pai sempre levava as crianças para passeios de charrete ou de bicicleta. Ele tinha uma bicicleta que engatava na bicicleta e permitia levar quatro crianças. O casal costumava, também, levar os filhos ao zoológico, em Amsterdã, e a outros passeios.

Enquanto era providenciada a documentação, a caçula das meninas, Maria, de 7 anos, foi preparada às pressas para fazer a Primeira Comunhão, antes da viagem. Os pais anteviam a dificuldade com a língua portuguesa.

CAPÍTULO VI A despedida

Finalmente chega o dia da partida. Cedo, na tarde de 22 de dezembro 1951, encosta o ônibus que tia Gertruida, irmã de Frans, encomendará para levá-los ao porto de Amsterdã, onde embarcariam.

Conforme escreve a filha Doortje em seu diário, o ônibus teve de ficar a quase um quilômetro longe da casa - na esquina dos vau Dreumel - pois a estrada estava muito barrenta. Tia Anna, os primos, as primas, tio Jan Verbiesen, os vizinhos Pouwels e demais amigos e relações do pai vieram para a despedida. Os adultos davam-se as mãos, a mãe e as irmãs maiores choravam, o que fez com que os menores também se emocionassem. Quando o ônibus deu a partida, agitaram os braços para uma última despedida. No momento em que Corrie se deu conta de que nunca mais haveria de ver essa terra e as pessoas que ficavam, uma sensação estranha a invadiu. Os Saedt embarcaram alguns quilômetros adiante, para acompanhar a partida do filho Wim. Corrie passou muito mal no trajeto até o porto. Uma mistura de emoção e sacolejo da condução foram as possíveis causas.

Chegando em Amsterdã, precisaram esperar até as 10 horas da noite, para então poderem subir no navio. Despediram-se dos parentes que os acompanhavam e estes retornaram com o mesmo ônibus.

Permanece vivo na memória de Corrie o momento da despedida, a tia chorando muito, a mãe e as filhas também. Os pais e irmã de Guilherme Saedt sentiram muito a despedida do filho caçula, que julgavam ver pela última vez. As crianças escondiam-se atrás das portas para não se despedir, mas isto não resolveu muito, pois os familiares

quiseram se despedir de todos. Depois subiram por uma escadinha estreita pendurada ao lado do navio. O pai e a mãe, preocupados com o estado febril dos pequenos, iam à frente. Os demais filhos, todos bem apasalhados, vinham seguindo-os. Finalmente puderam entrar em suas celas que seriam sua casa pelos próximos 21 dias.

O camarote possuía somente beliches e as malas foram colocadas sob as camas. Cornélia, Elisabeth, Johannes, Johanna e Cornelis ficaram junto com os pais. Nellie, Maria e Theodora seguiram com três moças argentinas em outra cela. Wim Saedt, Theodorus e Jozeph ficaram junto com outros homens. Felizmente o futuro genro veio com eles, pois junto com as irmãs mais velhas, ajudou muito a atender os mais novos, o que foi um grande alívio para os pais. O navio partiu no outro dia.



*Recibo da carga dos
pertences da família
que
embarcou no navio
de bandeira
Argentina, YAPEYÚ*



CAPÍTULO VII

A viagem

De acordo com registros no diário de Theodora, no dia 23 de dezembro de 1951, o navio partiu às 8 horas. Foi durante o café que o gigantesco transatlântico foi rebocado para fora do porto, assim que os motores começaram a roncar, num ritmo sonoro. Em pouco tempo estavam navegando em alto mar.

No primeiro dia, constantemente passavam pelo grande navio outras embarcações. Os viajantes viram as Montanhas Cretáceas mas à tarde começaram a ver somente água e mais água. O mar estava bastante agitado e a maior parte da família teve enjoos, com exceção de Kees, que, com cinco anos, se manteve firme por um bom tempo. À noite o pai foi sozinho à mesa para o jantar, pois todos estavam doentes, menos Corrie.

Dia 24 de dezembro, véspera de Natal, quando estavam no início do golfo de Biscaia, que se localiza em frente à costa da França, na altura da cidade de Bordeaux, enfrentaram uma tempestade forte e um mar bastante bravo. Em pleno dia o céu ficou escuro, como se fosse noite, e a embarcação balançava muito forte. Passaram por outro navio, cuja distância não parecia longa, mas o suficiente para que pudessem vê-lo ser levado para o alto, sobre uma onda gigante e, no momento seguinte, só o mastro aparecendo sobre a água.

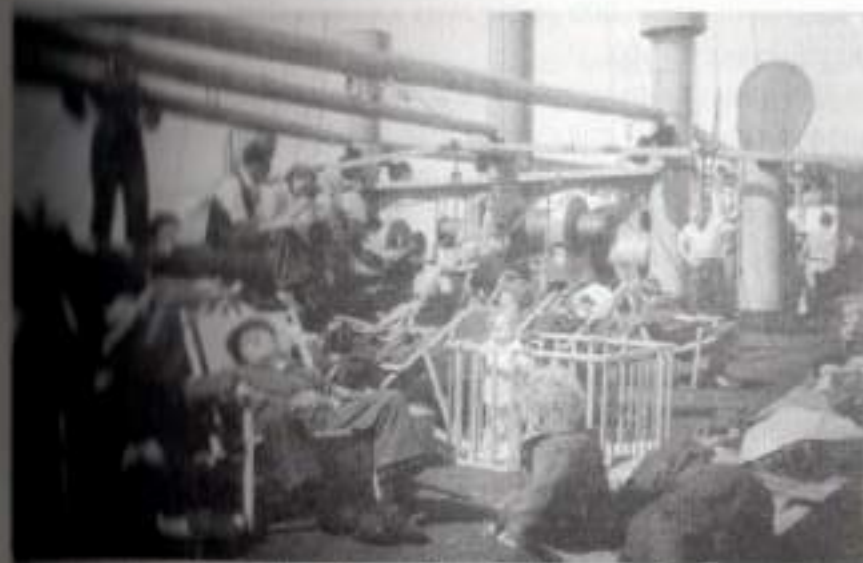
Cornélia lembra que era proibido subir ao convés por causa da tempestade. Todos estavam recolhidos nos seus camarotes. Somente Corrie arriscou-se sair do quarto, às escodidas. Para caminhar pelos corredores precisava segurar firme para não ser jogada de um lado ao outro. Curiosa, primeiro desceu as escadarias até a sala dos motores,

olhou e viu alguns homens com macacões cor de laranja mexendo nos motores e máquinas enormes que produziam um barulho infernal. Ninguém notou sua presença, então voltou e continuou a caminhada pelo navio. Subiu ao corredor da primeira classe que dava acesso à escadaria que leva ao convés. Não se conteve, olhou, não viu ninguém e subiu rapidamente ao convés, ficando grudada contra a parede do andar dos botes salva-vidas. O navio era jogado para lá e para cá metros acima, com as ondas revoltas. No momento seguinte, mergulhava de bico no vazio das mesmas ondas. Quando uma onda maior jogou uma carga de água sobre o convés, sozinha no escuro, em meio àquela tempestade observando toda a força do mar, Corrie sentiu medo e voltou correndo. Desceu as escadarias que davam para a primeira classe, depois para a da segunda, onde se sentiu segura de novo. Ninguém percebeu nada e ela nada contou.

Theodora escreveu no seu diário:

Esperamos que Deus nos dê, amanhã, no Natal, um mar mais calmo. Provavelmente não teremos um Natal muito bonito, pois nem padre temos a bordo. Mesmo assim, vamos festejar o Natal.

Para detalhes no capítulo Diário de Bordo, na página 257.



Quando o clima permitia, os passageiros desfrutavam da viagem no convés do navio, tomando banho de sol.

CAPÍTULO VIII

A chegada ao Rio de Janeiro

Naquele dia 10 de janeiro de 1952, de longe, Frans Souilljee avistou os topos das montanhas da Serra dos Órgãos, do Dedo de Deus e do Pão de Açúcar, e o aeroporto do Rio de Janeiro, linda paisagem banhada pelo mar. Enquanto o navio aguardava, dava para ver pequenos aviões subindo e descendo com frequência, brilhando ao sol, parecendo pássaros luminosos.

O navio, o Yapeú, de uma companhia argentina, ficou ancorado por algumas horas em alto mar, em frente ao porto, aguardando ordem para entrar. Alguns barcos menores rebocaram o enorme transatlântico, com 800 passageiros a bordo, além da tripulação, até o cais do porto.

Quando o navio atracou, ainda não foi possível desembarcar. Os passageiros tiveram que esperar mais algum tempo. A mãe, com auxílio das filhas mais velhas, havia juntado todos os pertences da família Souilljee e guardado em inúmeras malas. Depois de algumas horas, foi permitido descer. Uma vez no cais do porto, em terra firme, quase não conseguiam caminhar. Cambaleantes, tinham a sensação de ainda estar sobre as ondas. Custou um pouco até que se habituassem de novo à terra firme.

Lá estavam pai, mãe e 10 filhos - com idade entre 5 e 19 anos -, um genro e um grande número de malas, sem ninguém para recebê-los. Esperavam que os dois filhos mais velhos, que haviam viajado antes, na companhia do padre frei Hildefonso, estivessem à sua espera para desejar boas vindas. Mas ninguém apareceu para introduzi-los à nova terra.

Para as crianças era tudo aventura. Elas se divertiam muito. No entanto, para a mãe, tudo era assustador. Onde ficar com tantos filhos? O pai, acompanhado do genro, Wilhelmus Saedt, foi em busca de informações, e voltou com um representante do governo brasileiro, muito gentil, que se admirou com as crianças louras e foi logo chamando uma de "Pop" (boneca), apesar de não falar a língua dos imigrantes. Mais algum tempo, e veio um representante da Embaixada Holandesa para explicar que não poderiam viajar imediatamente ao Rio Grande do Sul e ficariam algum tempo na Ilha das Flores, localizada na Baía de Guanabara. O porquê da demora da liberação nunca foi explicado direito.

Os imigrantes que haviam entrado pelo Porto do Rio de Janeiro, depois de registrados pela Central de Imigração, foram encaminhados para a hospedaria da Ilha das Flores. Desta vez embarcaram numa lancha motorizada, toda a família, todas as malas, o representante do governo brasileiro e o condutor do barco. Foi um belo passeio pela Baía. A ilha, de natureza tropical, exuberante, faz jus ao nome pelas inúmeras espécies de flores e frutos que ali encontraram. Foram, então, recebidos pelo capelão, padre José Antônio Müller, que também era holandês e conhecia a cidade natal da família Souilljee e pessoas que lá viviam.

Ele os encaminhou à hospedaria onde ficariam alojados nos próximos quinze dias. Os filhos mais novos ficaram no mesmo aposento dos pais, as moças foram para a ala feminina, o genro e os dois rapazes ficaram na ala masculina. Depois de instalados, desceram para a casa do padre que os havia convidado.

Na Ilha das Flores encontravam-se pessoas de diversas nacionalidades. Muitos eram fugitivos de países que viviam sob o regime comunista, russos, alemães, romenos, tchecos, gregos, iugoslavos, belgas, espanhóis, entre outros. Eram pessoas infelizes, perseguidas por motivos políticos. O governo brasileiro as recebia e arranjava-lhes trabalho para poderem viver no Brasil.

Para se alimentar, precisavam entrar na fila e aguardar o que era trazido em um bandeirão. Comiam pouco, porque não conheciam os alimentos servidos. Durante o dia, sentiam muito calor. As crianças brincavam juntando do chão e comendo uma fruta amarela, que havia

em abundância. Era manga e, por estar quente, muitos passaram mal.

Em meio à bela paisagem, o mar calmo convidava para o banho, uma boa forma de suportar o calor. Bom para as crianças, mas para os pais, cada dia era uma preocupação a mais, pois a autorização para viajar ao Rio Grande do Sul demorava e não havia explicação para isso.

Todos os dias, o pai embarcava na lancha e segua para a cidade do Rio de Janeiro em busca da autorização. Sempre levava consigo um ou dois dos rapazes, para conhecerem a cidade, mas retornava desolado. As meninas e a mãe ficavam na ilha, de onde podiam ver a grande estátua do Cristo Redentor. Felizmente lhes era possível participar das missas, celebradas diariamente. A família também podia participar das aulas de português, ministradas por uma professora grega.

Ficaram nesta ilha durante dezesseis dias, até que no dia 25 de janeiro de 1952, na companhia do frei Hildefonso Wouters, iniciaram a viagem para o Rio Grande do Sul.

Depois de se despedirem do padre Antônio Müller, saíram da ilha em uma lancha. Foram levados de caminhão, do ancoradouro, no Rio de Janeiro, até a ferroviária, onde embarcaram no trem, na segunda classe, rumo à capital São Paulo. No dia seguinte, 26 de janeiro, seguiram em outro trem, até Carazinho, no estado do Rio Grande do Sul.

O frei Hildefonso Wouters acompanhou a família na viagem e providenciou comida no restaurante do trem, mas comeram apenas pão, por medo de passar mal. O aniversário de Elisabeth foi comemorado no trem, com balas e uvas. Passaram pelos estados do Paraná e Santa Catarina, parando nas estações e, às vezes, no meio da mata, para abastecer de lenha a locomotiva. Foi assim que seguiram dia e noite.



Uma vista do porto do Rio de Janeiro que os imigrantes puderam ver a bordo da navio.



A chegada na Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, recepcionados pelo padre José Antônio Müller.

(Anny) e Gerarda Maria (Marian).

- Matheus Melis e Judith de Keyzer Melis, com dois filhos. Ela era irmã de Maria Rauwers, e as duas famílias haviam sido as primeiras a chegar, direto da Holanda, em 1949, a convite de frei Marcolino, que era irmão de Matheus Melis.

- Johannes van den Mosselaar, com a esposa Maria Johanna Borghuis e três filhos, Rinie, Jan e Hennie, que foram os segundos a chegar, também diretamente da Holanda, em 1950.

Em 1951, na primeira leva de imigrantes que veio da Fazenda Holambra (SP), estavam as famílias de:

- Antonius Assinck, a esposa Miena e os filhos Jan, Maria, Johana Thea, Antoon, Willie, Harrie, Theo e Álida.

- Theodoor Hermanus van Ass, a esposa Petronela e os filhos.

- Piet Uit de Willegen, a esposa e os filhos.

- Hermanus Theunissen, a esposa e três filhas. O único filho havia morrido por afogamento, em Holambra.

Em terceiro lugar, vieram também de São Paulo as famílias:

- Jacobus van Riel, a esposa Maria Josephina, com os filhos: Marij, Adrianus, Franciscus, Norbertus, Johannes (Jan), Cornelis, Pedro, Johannes (Jo), Cornélia, Johanna, Josephina e Antonius.

- Thomas Sanders e a esposa Johanna Cornelia, com os quatro filhos e o irmão solteiro, Adrianus.

Os Souiljee foram recebidos calorosamente pelos padres e compatriotas holandeses, bem como pelo povo não-me-toquense que, a pedido de frei Olimpio Reichert, tratou muito bem os imigrantes auxiliando-os no que era possível.

Decorridos quinze dias, a bagagem ainda não havia chegado. Os padres e outros imigrantes emprestaram colchões, cobertas e todos os utensílios de casa e cozinha, pois só tinham as roupas trazidas nas malas. Foram morar com a viúva Maria Meiyer e a filha Dulce, na localidade de Mantiqueira, uma vez que ainda não havia sido resolvida a compra desta propriedade que, a princípio, tinha sido reservada para os Souiljee.

Mesmo assim, dona Maria convidou-os para morar juntos, pois a casa era espaçosa para ela e a filha. As duas filhas mais velhas dos Souiljee permaneceram no colégio, como empregadas, ajudando na

limpeza e na limpeza.

Então não tinha luz elétrica. A água para beber, cozinhar e até para lavar roupa era buscada em balde da fonte que existia no quintal da casa. O chuveiro era de lata e precisava ser abastecido com água. Nos dias frios, a água era aquecida numa enorme chaleira, sobre o fogão.

A família Souiljee começou a plantar a roça, pagando arrendamento. Já morou por mais de um ano, até a compra de dois lotes de terras, pois a localidade esgotada, uma com benfeitorias em mau estado, por 14 lotes, localizada perto dali, quando, finalmente, pode ingressar na sua casa e plantar a terra própria.

A respeito disso, em 1954, Jacobus van Riel escreveu aos seus amigos na Holanda, tentando convencê-los a emigrar para Não-Me-Toque:

Meus desconhecidos um exemplo. A família Souiljee chegou há dois anos totalmente desprovida de recursos e tem agora seu próprio sítio. A filha mais velha casou-se e trabalha por conta em uma terra arrendada.

A casa dos Souiljee era extremamente pequena para toda a família. Tinha uma varanda, uma cozinha, uma salinha e três quartos. Os quartos eram minúsculos e era quase impossível se mexer entre as coisas. Não havia lugar para roupeiros ou outros móveis, aliás, não tinham móveis. As roupas, depois de lavadas, passadas a ferro e suspensas no fogão a lenha e dobradas, eram guardadas dentro de malas, abaixo das camas.

No primeiro fim de semana na "casa nova", o vizinho mais próximo, Aloisio Friedrichs, veio fazer uma visita com toda a sua família, pagando os desprevenidos, pois estavam acostumados a trabalhar o dia inteiro na roça, também aos sábados.

Como não havia camas para todos, na hora de dormir espalhavam colchões pelo chão. Quando alguém precisava levantar, tinha de tomar cuidado para não pisar em quem estava no chão. O sanitário, que era uma latrina, encontrava-se fora da casa, perto da estrebaria. Corria o medo que sentia muito medo de sair de casa durante à noite, porque sabiam que lá existiam tigres, onças ou outros animais selvagens. Sempre que necessário, fazia o trajeto correndo.

Nessa época, Gertruida Souiljee, irmã de Frans, que era enfermeira em um grande hospital na cidade de Heerlen, província de Limburg,



A família foi encaminhada à Ilha das Flores, na Baía de Guanabara, até ser autorizada pelo governo para viajar ao Rio Grande do Sul.



Ancoradouro e hospedaria na Ilha das Flores.

CAPÍTULO IX

A chegada em Não-Me-Toque

Ao chegarem em Não-Me-toque, que na época possuía apenas 3.000 habitantes, dos quais pelo menos oitenta por cento era descendente de alemães e italianos, foram logo levados ao Colégio São Francisco Solano. Como era tempo de férias, os aposentos do internato estavam desocupados e puderam alojá-los ali mesmo. Sem demora todos dormiram. Era dia 31 de janeiro de 1913.

No dia seguinte, a primeira pessoa que encontraram foi Edgar Fritzen, aluno do Solano. Depois conheceram o restante do Colégio. Era uma construção grande, de madeira, onde funcionavam a capela, a secretaria, os aposentos dos padres, os dormitórios dos internos, a cozinha e o refeitório. Também havia um prédio grande, moderno, todo de alvenaria, com muitas salas de aula, secretaria, recepção, corredores espaçosos e escadarias largas. O Solano, como era conhecido, também tinha uma chácara onde eram produzidos muitos dos alimentos necessários aos internos. E essa terra passou a ser trabalhada pelos imigrantes, como forma de compensar o trabalho que os padres tinham com todos.

Como precisavam aguardar a vinda da bagagem, acondicionada em grandes caixas de madeira, ficou resolvido que permaneceriam hospedados no colégio. Os holandeses já residentes na localidade foram encarregados de conhecer os novos imigrantes. Nesta época, nove famílias de imigrantes moravam em Não-Me-Toque:

Hertz Jan Rauwers, a esposa dona Maria de Keiyszer Rauwers com os filhos, Bernardus Johannes (Bennie), Johanna Maria Alberta

no sul da Holanda, veio visitá-los, com o objetivo de ficar morando em Não-Me-Toque. Tiveram de preparar um lugar decente para ela. A salinha, que já funcionava como dormitório para os filhos menores, foi transformada no quarto para a tia. Em consequência, as meninas foram removidas para o quarto dos rapazes e estes, transferidos para o galpão de milho.

Não havia colchões suficientes, por isso eles dormiam no galpão sobre a palha de milho e se cobriam com sacos de estopa. Duas meninas dormiam na casa do vizinho, Aloísio Friedrichs. Elas adoravam dormir lá, pois os colchões eram de palha de milho, bem fofinhos, e o cobertor era de penas de ganso. Estas coisas eram luxo para os imigrantes.

Nesta ocasião, Gertruida, que não tinha outros herdeiros, fez a doação de um trator David Brown ao irmão, o que ajudou bastante na lavoura. Sua estada em Não-Me-Toque durou apenas seis meses, pois adoeceu e quis retornar.

Quem pudesse trabalhar se empregava como doméstica, no caso das filhas, ou como peão de granja, no caso dos filhos. Enquanto isso a mãe e a filha de onze anos (Corrie) cuidavam dos afazeres da casa. Apesar das dificuldades, a mãe era uma pessoa alegre. Enquanto trabalhavam, ela entoava canções em holandês.

Os meninos maiores estudavam no Colégio São Francisco Solano e as meninas e meninos menores frequentavam a Escola São José, das Irmãs de Notre Dame. As crianças iam a pé para a escola, calçando muitas vezes, simples alpargatas. Em casa, nem isso tinham e andavam descalços. Seguidamente os pés ficavam feridos, principalmente por causa dos bichos-de-pé. Logo compreenderam o verdadeiro sentido de pé rachado.

Saiam de manhã, bem cedo, para cinco quilômetros de caminhada até a escola. Durante o caminho, juntavam-se aos filhos de outros imigrantes. Muitos deles moravam ainda mais longe, para as bandas de Arroio Bonito. As aulas eram ministradas das oito às 11 horas e 30 minutos. Caminhando ligeiro, podiam chegar em casa até as 11 horas, porém, com o sol quente, ou em dias de chuva, era muito mais demorado.

Quando os pequenos se cansavam, os maiores os carregavam nos

costos, mas as atrações enquanto caminhavam eram muitas, como jogar bolinhas azuis. Um dia, trouxeram um esquilo para casa e o mantiveram algum tempo em cativeiro. As crianças falavam poucas palavras em português. Para se fazer entender, a professora falava em holandês. Apesar de tudo, o primeiro boletim foi muito bom.



Jan Brouwers e Matheus Mels com as esposas, os filhos e o frei Marcolino.



Uma casa da família Soulljee em Não-Me-Toque, em 1953.

Verklaaring van de veld van Padre Olimpio
Rescheat D. F. M., pastoor van Otaquize. Logue
Otaquize 16 julie 1957 Van el Bonum!

Boletim de Alfama

Kintang heb ik icht gevonden van de familie
van 11 personen, waaroer je gevraagd hebt heb ik
hoopen of te lussen. Bij deze behuurt ik je een veld
gevoen woord van de Wld. Alfama, door schied
alle van heer schom van Alaisa Frederica de
Wld. Alfama hield van ter familie van 28 de
van tusselant, met grote woning, voldoende
18 personen, met 4-5 hectare land, 1200
kromen, op een veld van 3 km van het dorp, met
te grote en goede veld, 1. lang 1/2, 1/2, 1/2, 1/2
je veld van 1/2 km.

1) Om te koop, indien dit onmiddellijk geveerd
komt alle te koop op 65 conto 2 id 100 pulchra, 100
kan om 20 conto (1000 gld) klaren. Alaisa 11/11
van te koop 45 maderland.

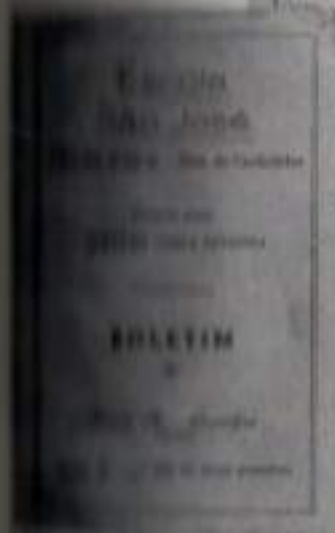
2) Als te veld kunnen koop, kunnen te veld
hacen veld par, 1000 5 conto (1000 gld) per
1/2 van dan veld het veld par veld veld veld
In alle veld veld veld veld veld veld veld
te veld, en veld veld veld, maar van
veld veld veld te veld veld.

Als dit veld voldoende van zijn veld veld veld
veld veld veld veld veld veld veld veld

In geval van veld, heeft de hollandsche
te veld veld veld veld veld veld veld veld
geveerd te veld veld veld veld veld veld veld
veld veld veld veld veld veld veld veld veld

Parte da carta escrita por frei Olimpio, tratando da vinda da família Souilljee e da reserva da terra.

Alfama												
DATA	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Nome												
Sexo												
Idade												
Profissao												
Estado Civil												
Religiao												
Assinatura												
Local e data												



Boletim de Johanna (Annie) mostra que as crianças conseguem aprender apesar de não entender o português.



Uma casa com uma ampliação.

CAPÍTULO X

O início

Durante o ano de 1952 vieram, ainda, aproximadamente 35 famílias. Até 1961 vieram, ao todo, 70 famílias, entre as quais alguns jovens solteiros. O início foi muito difícil. Sofreram muito até a adaptação, com a saudade, com o clima e também com a alimentação que, muitas vezes, era escassa.

Todos os dias alguém ia a pé para a vila e passava no correio para buscar as correspondências que, eventualmente, houvessem chegado e que eram aguardadas, com ansiedade, como uma forma de ligação à pátria distante, onde a vida havia sido melhor. As correspondências vinham por via marítima e demoravam, às vezes, um mês ou mais para chegar.

Algumas pessoas não conseguiram adaptar-se e tiveram que voltar para o país de origem, também por motivo de saúde. Uma jovem senhora, com problemas de depressão causada pelas dificuldades, foi internada no Hospital de Caridade, de onde fugiu. Toda a comunidade ajudou a procurá-la. O desaparecimento durou vários dias, ocasião em que até choveu com intensidade. Desesperados, apesar da profunda fé cristã, os familiares recorreram a uma vidente, que indicou o caminho no mato, a caminho de Colônia Saudades, onde realmente ela foi encontrada. Depois disso, a família voltou para a Holanda.

Muitos sofreram com diarreia e furúnculos enormes. O Dr. Otto Stahl era quem os socorria. Muitas vezes, vinha de táxi Ford 29 ou com seu próprio automóvel, para atender aos doentes, no interior. Os imigrantes pagavam quando podiam, o que podia levar mais de ano.

O vigário da Paróquia, frei Olímpio Reichert, assim como os de-

outros missionários holandeses, ajudou muito nestes primeiros anos. Eles estavam junto com os imigrantes, visitavam as famílias montados no burro ou mesmo a pé, levando-lhes coragem e consolo. Faziam o papel dos pais, orientando ainda a respeito dos usos e costumes do país e de como trabalhar a terra.

Frei Olímpio Reichert acompanhava pessoalmente os agricultores do Banco do Brasil, em Passo Fundo. Atuava como intérprete e interessava-se pela garantia ao banco a integridade dos colonos. Chegou a tirar o valor do caixa da paróquia ou tomar emprestado da Congregação para quitar as dívidas dos colonos, pois sem sua quitação, não conseguiam outro financiamento. O empréstimo era devolvido ao banco logo que o banco liberava o valor solicitado.

Em 1953, o Banco do Brasil inaugurou sua agência em Não-Me-Toque, ficou mais fácil para os colonos de Não-Me-Toque. Frei Gustavo Driessen, outro missionário holandês, substituiu frei Olímpio Reichert, no mesmo ano.

O uso de adubo não era conhecido pelos agricultores locais. Porém, ao constatar o resultado das colheitas, rapidamente, também passaram a prática em suas lavouras. O povo brasileiro apoiou e ajudou muito bem os imigrantes, emprestando dinheiro, equipamentos e solidariedade, orientando quando solicitado. Os gaúchos também aprenderam com os holandeses. Foi uma troca constante de experiências. Houve aqui uma rápida aculturação de ambos os povos.

Comparados com imigrantes de outras colônias, os holandeses de Não-Me-Toque foram privilegiados. Não foi uma colonização organizada - eles vieram por conta própria - a maioria dos imigrantes não conhecia antes, para constatar a viabilidade do empreendimento, algo que seria muito difícil, mas não impossível. Foram chegando, aos poucos. Tratavam pessoalmente dos negócios, coisa que em Holambra era a cooperativa fazia por eles. Travaram a luta com muita coragem, persistência, ânimo, trabalho e fé. A presença e apoio dos missionários holandeses, principalmente dos padres, os freis Hildefonso Wouters, Sebastião Pelis, Olímpio Reichert, Gustavo Driessen e Ângelo, bem como o povo brasileiro, foram uma graça muito grande.

CAPÍTULO XI

Rádio Hilversum

No tempo em que as comunicações com a Holanda eram feitas apenas por escrito, a compra do primeiro rádio foi um verdadeiro acontecimento para as famílias da comunidade holandesa em Não-Me-Toque.

Com o rádio, os imigrantes voltaram a se sentir parte integrante do mundo, depois de um longo tempo afastados dos meios de comunicação em linguagem compreensível. Finalmente, eles podiam tomar conhecimento do que estava ocorrendo, como se ainda estivessem na Holanda.

Desde que chegaram no Brasil, as notícias chegavam através de jornais e revistas. Como estes vinham de navio, chegavam sempre com mais de mês de atraso, enviadas pelos parentes, depois de lutas. Mesmo assim, eram aguardadas com muita expectativa.

Na casa dos Souilljee, a compra do aparelho foi por volta de 1933 e o vendedor veio instalar o rádio pessoalmente. O aparelho ficou sintonizado na Rádio Hilversum, transmitida em ondas curtas. Todos os dias, às 19h, a família se reunia para escutar notícias da Holanda e do mundo.

O rádio era unicamente para esta finalidade. A estação ficou sintonizada e ninguém podia mexer. O ritual era praticamente o mesmo em todas as casas.



Um dia van Riel ao pé do rádio que trazia as notícias da sua na antiga Holanda e do mundo.

CAPÍTULO XII A Alimentação

A alimentação era muito diferente do que eram habituados. Feijão e arroz, da forma como são preparados aqui não conheciam. Todo o arroz consumido na Holanda é importado, por isso era servido como sobremesa, o conhecido arroz doce. O feijão era branco e servido como salada. Demorou anos até que se acostumassem com a comida brasileira e aprendessem a preparar um prato saboroso. Os holandeses comiam batata inglesa todos os dias, preparada de várias maneiras. Stampot é batata cozida junto com algum legume ou verdura crua ou cozida e amassada com linguiça defumada cozida. Diversos tipos de legumes com molho branco e verduras, carne de panela com molho, linguiça cozida e também frita, appelmoes (purê de maçã), batat frit (batata frita) são pratos típicos da Holanda.

Assim como no Brasil, existem as carrocinhas de pipoca, crepes e cachorro-quente, na Holanda se encontram facilmente batatas fritas, peixe e linguiça fritos com pão. Tudo é servido em saquinhos de papel e quem gosta ainda pode acrescentar maionese e mostarda.

Sempre que recebiam visita, os holandeses serviam café com leite acompanhado de bolachas, vlaai ou bolo, tradição mantida até hoje e de bom tom em algumas famílias tomar chá, que é servido de manhã antes das 10 horas e à tarde antes das três. Depois, servem café ou dependendo da ocasião, um aperitivo, sempre em tacinhas individuais.

Estranharam muito o uso em comum do copo, tal como o do marrão. Churrasco não queriam comer, achavam pouco higiênico a maneira como era preparada a carne, muitas vezes ao ar livre

Estavam estranho ver a carne espetada em varas tiradas do mato e posta sobre uma cova com brasa incandescente.

Os homens se adaptaram mais facilmente do que as mulheres. Eles se encontravam diariamente com os brasileiros, enquanto que as mulheres foram mais isoladas, cuidando da lida de casa e dos filhos. Na Holanda o padieiro trazia o pão pronto em casa. Aqui as mulheres tinham que aprender a preparar o pão e lidar com o forno de barro, o que era absolutamente estranho para elas, que preferiam fazer o pão e depois fugir a lenha.

Uma Hayer ensinou Theodora Souilljee a preparar a beldroega, que é uma planta hortense com muitas propriedades parecidas com a repolho, usada em saladas cruas. A rama de batata doce, bem como a própria batata doce, cozinhavam em água e sal da mesma forma que a batatinha. Mandioca e certos alimentos, como canjica, eles não conheciam.

Por um bom tempo, Theodora fez pão de quirera (milho triturado para casão), porque, quando o milho ia para o moinho para ser transformado em farinha, recebiam quase vinte por cento a menos, e ainda das casquinhas e outras coisa mais que eram descontadas. Como tinham pouco milho e pouco dinheiro para comprar, aproveitavam tudo. Todos comiam o pão com muito gosto.

Os holandeses consumiam muito leite e seus derivados, como manteiga, cremes e pudins. Iogurte era novidade na Holanda. Naquela época ainda não era muito consumido. No navio havia um passageiro belga que levava clandestinamente uma quantidade de iogurte. Ele mantinha as bactérias vivas com leite em geladeira para levar ao filho, que tinha uma fábrica de laticínios na Holanda. Quando Theodora descobriu, não sossegou enquanto o pai lhe cedeu uma pequena quantidade, que os holandeses passaram a chamar de "sementinhas", porque era capaz de se multiplicar em contato com mais leite. Este iogurte foi cultivado por eles um tesouro. No início, era comprado um litro de leite por semana, somente para os dois filhos menores e para manter vivas as bactérias do iogurte. Até 2011, membros da família Souilljee passaram cultivando, em casa, uma porção remanescente daquele iogurte trazido pelo passageiro belga.

Habitado a comer mingau de leite todos os dias, o pai sente muito a falta do alimento. Um dia ele preparou um prato de mingau com água, farinha e um pouco de açúcar e se deliciou tanto, que fez todos provarem. A partir de então, o mingau foi preparado e consumido todos os dias.

Não conheciam as plantas medicinais brasileiras e demorou muito tempo até que se encorajassem a tomar os chás. A maioria das holandesas era boa de cozinha, pois as moças já aprendiam toda a lida doméstica na escola.



A comida típica é colocada à disposição do público na casa holandesa construída na Praça Dr. Otto Schmiedt, durante a programação do Natal Étnico de Não-Me-Toque. Na foto Cristina Stapelbroek, Marijke van Schik Willig e Débora van Schaik.

Bande Schotel

Entrada à base de batatinhas e carne ou peixe, servida em uma pequena porção, por pessoa.

Ingredientes:

1kg de batatinhas - 2 ovos - 1 cebola - 2 tomates
1 maça ácida - 1 lata (100g) ervilhas - alguns pedaços de pipino, vagem e cenoura cozida - peixe, peito de frango cozido ou assado - um pouco de maionese e vinagre

Modo de preparar:

Cozinhe as batatas, ferva e esmague. Tempere com sal, pimenta, pimenta e maionese.
Corte os demais ingredientes em pedacinhos e misture às batatinhas esmagadas, prove e tempere a gosto.

Croquetes

Ingredientes:

1 kg de carne de frango cozida com algumas cenouras, sal e sal. Deixar esfriar, cortar em pedaços pequenos (reservar)

Para o molho:

1/2 litro do caldo (em que a carne foi cozida)
100g de manteiga
100g de farinha de trigo
10g de gelatina incolor e sem sabor
4 gemas (reservar as claras para empanar)

Preparo:

Derreter a manteiga, acrescentar a farinha mexer bem, acrescentando o caldo de carne aos poucos e as gemas até obter uma mistura homogênea. Derreter a gelatina e acrescentar ao molho. Misturar a carne e as cenouras picadas, provar e temperar a gosto. Guardar para gelar e obter consistência a ponto de formar os croquetes, que são empanados e após, fritos em gordura quente.

CAPÍTULO XIII

As tragédias

Desde a chegada até os dez primeiros anos em Não-Me-Toque, cada família viveu a sua história de dificuldades, avanços e retrocessos. Alguns episódios foram marcantes para todos. Houve tragédias familiares que foram sentidas pelos imigrantes e abalaram a estrutura da colônia.

No dia 25 de agosto de 1955, chegaram diretamente da Holanda as famílias de Franciscus van Vught e os Leermakers. Esta última comprou uma área de terras em Ibirubá e seguiu para aquele município onde se estabeleceu por pouco tempo, pois logo regressou à pátria de origem.

Chegaram em Não-Me-Toque justamente no dia em que Johanna Gertruida van Herk foi sepultada. A imigrante morreria devido a picada de cobra, deixando o marido com seis filhos menores.

Grande consternação se abateu sobre a comunidade holandesa. Abalado e incapaz de imaginar como cuidaria sozinho dos filhos, o viúvo preferiu retornar, pois estariam mais amparados pelos familiares e pelo governo holandês.

Um incêndio de grandes proporções foi outra tragédia que se breveio à comunidade holandesa, atingindo diretamente a família de um dos primeiros imigrantes, Gerrit, Jan e Maria Rauwers. Sua casa, móveis, documentos e a oficina com todos os equipamentos foram completamente destruídos e só lhes restaram as roupas do corpo. O sinistro aconteceu numa manhã de domingo, no ano de 1957, quando o povo estava reunido na igreja matriz Cristo Rei, participando de missa dominical. Ocorria o sermão, quando a filha mais nova do casal Marian, com apenas dez anos de idade, entrou correndo na igreja

avisando ao pai o que estava ocorrendo. Jan tomou emprestada a bicicleta que viu estacionada perto da igreja e, seguido por todos à noite dos fiéis, rumou em direção a casa. Quando chegou, a casa toda tomada pelas chamas. A tentativa de apagar foi em vão, pois era tarde demais e tudo virara cinzas. Por três meses a família – pai e quatro filhos – ficou dividida, morando em casas de amigos e parentes. A comunidade toda se mobilizou e, em três meses, reconstruiu casa e oficina nova e a família pôde reunir-se novamente em casa.

No dia 16 de março de 1964, quinta-feira Santa, Cornelius Antonius van den Schaik morreu repentinamente. Deixou esposa e cinco filhos, a mais velha com sete anos, a mais nova ainda bebê. No mês de maio do mesmo ano, outra tragédia na família. Pierre Wolfs perdeu a vida em decorrência de um acidente com o trator em que trabalhava, deixando a esposa doente e seis filhos, Johanna, a mais velha, com apenas 12 anos. Esses dois acontecimentos trágicos causaram na comunidade uma crise bem séria, provocando o início da debandada de muitos para voltar à Holanda. Esse também foi um processo difícil, pois com mais de dez anos fora do país, os holandeses se depararam com muitas mudanças, o que tornou difícil a readaptação.



Maria Rauwers teve sua casa e a oficina destruídas pelo fogo.

CAPÍTULO XIV

A Cultura

No início falavam somente a língua holandesa. Os mais velhos falavam um pouco do alemão aprendido com os soldados alemães durante a guerra, fato que os ajudou muito, pois eles não conseguiam aprender a língua portuguesa. Para fazerem compras no mercado, levavam um pequeno dicionário, a fim de se fazerem entender ou apontavam os produtos que queriam comprar. As crianças e jovens aprendiam rapidamente, tanto é que os pais chegaram a proibir os de falar o português em casa, pois não entendiam mais os próprios filhos. Às vezes o imigrante pensava que estava falando português. Entretanto, falava uma mistura das três línguas - holandês, alemão e português - resultando em algo que ninguém entendia.

Em todos os domingos era celebrada uma missa, com homilia em holandês, no Colégio Solano. Depois, os padres ouviam as queixas de alguns e as conquistas de outros, consolando, orientando e usando as histórias de sucesso para alegrar os deprimidos. Nestas ocasiões as famílias se encontravam, colocando as notícias em dia e conversando à vontade, na língua materna. Depois todos voltavam para suas casas, a pé, de bicicleta, de charrete, ou até de carroça. O importante mesmo era participar.

Logo, por influência dos padres, habituaram-se a participar das atividades da comunidade. Durante algum tempo, os padres celebravam na Igreja Matriz, uma missa por mês em holandês e uma em alemão. As demais missas eram em português. Nessa época, eram celebradas três missas no domingo: missa das sete horas; missa para crianças às 8h30min, e, às 10 horas, missa solene gregoriana, cantada pelo coral com as orações todas rezadas em latim e o padre voltado de costas

para os fiéis.

Frei Hildefonso dirigia o coral da paróquia. Frans Souilljee e o irmão Maria Rauwers e muitos holandeses foram coralistas, pois sabiam muito bem o Canto Gregoriano. Para preparar a missa das 10 horas, todas as semanas havia ensaio. Frans Souilljee dirigia a missa. Quando ocorria temporal e noite escura, ele largava as rédeas e deixava o cavalo seguir seu caminho. As moças van Houts moravam a quilômetros de distância - moravam nas imediações do Foz de São Miguel - para participar dos ensaios do coral, teatro e das atividades. Quando frei Hildefonso ficava impedido de dirigir o coral Frans Souilljee o substituíam.

Depois da missa, as pessoas se reuniam em pequenos grupos, atrás da igreja para conversar em holandês e contar as peripécias do dia a dia e as novidades da antiga pátria, hábito que perdura até hoje. Para que todos pudessem cumprir o compromisso dominical, os domingos se revezavam entre a primeira e a última missa. Os padres, especialmente Frei Hildefonso, ensinavam religião, português e história do grandense aos jovens, uma vez por semana, à noite, no Colégio Solano, atividade de que a grande maioria dos jovens participou. Era mais uma oportunidade para se encontrarem com pessoas de sua origem, mesmo que para isso fosse necessário percorrer alguns quilômetros, a pé. Cada ano acontecia um retiro espiritual que durava três dias e era ministrado em holandês, no Colégio Solano para os homens, e na Escola São José, para as mulheres.

A Organização Social

De sua pátria de origem, os holandeses eram organizados em clubes, sindicatos, fundações e associações. Aqui, sentiam muito a falta dessa organização e de pessoas capacitadas para a liderança, tanto para os jovens quanto para os adultos.

Para os assuntos econômicos e de agricultura, já haviam fundado, em 1944, a Cooperativa Agrícola Gaulanda, mas sentiam necessidade de uma entidade para cuidar dos jovens.

Fundaram, então, em 1955, a Associação Cultural Holandesa que, inicialmente se chamou "Na União a Força" e, na sequência, "Associação Cultural Holandesa", que veio a se tornar a Associação Holandesa

de Não-Me-Toque. Esta organização foi criada para zelar e defender os interesses morais e culturais dos holandeses, promovendo sua graça, através de festas, práticas de esportes e outros.

Para acolher a juventude, também em 1955, foi criada uma Associação de Jovens, com diretoria própria e sede no salão paróquial chamada Jeugd Club (Clube de Jovens). Todos aderiram. A finalidade era oferecer à juventude um ambiente sadio e cristão, onde podiam divertir-se.

No início era freqüentado exclusivamente por holandeses e falavam somente a língua holandesa. Conforme seus integrantes foram aprendendo o idioma local, iam falando entre si uma mistura de línguas, que resultava em palavras e frases muito estranhas. Quando os jovens holandeses começaram a formar amizades e mesmo namoros com os jovens não-me-toquenses, estes eram espontaneamente aceitos pelo grupo.

O desejo de praticar alguma modalidade esportiva esbarrou na falta de material. A solução foi organizar uma festa, o que agradou a todos. A primeira das festas organizadas pelo jovens holandeses foi no dia 20 de janeiro de 1956. Passaram a realizar encontros recreativos semanais, sempre precedidos de uma reflexão orientada pelo diretor espiritual que era um dos padres do Colégio São Francisco Solano, seguida de atividades lúdicas.

Nesses encontros foi que surgiu o primeiro grupo de danças sob a denominação específica, que ensaiava sob a orientação da jovem Houtje van Houts. Ela começou a ensinar as danças folclóricas da Holanda.

Antonius van Aken, recém vindo da Holanda, havia praticado ginástica olímpica e se dispôs a ensinar esta modalidade esportiva.

Cornelis Nieuwkuik entendia de teatro e auxiliado pelo professor Itelmo Mölmann e por Leonardus Phillipsen, criaram um grupo, composto por muito bons atores, como: Cor van Schaik, Nico Burger, Nelly Jansen, Rietje Theunissen, Maria Souilljee, Agnes Stapelbroek, Harrie Jansen, Henk Souilljee, Frans Souilljee, Janus van Riel, Jo Rietjens, Antoon Assinck, Theo Souilljee, Mientje van Houts, Piet Piet van Houts e muitos outros. O grupo era muito valorizado pela comunidade local e apresentava duas peças por ano. Enquanto isso os jovens brasileiros também se organizaram num grupo forte chamado "O Minuano".

São Nicolau

São Nicolau é festa característica exclusiva dos países de idioma holandês. Assim como outros povos que criaram suas próprias lendas e costumes, fossem estes baseadas em fatos ou fantasias, surgiu a festa de São Nicolau que tem por base fatos históricos.

São Nicolau realmente existiu, viveu e morreu no dia 6 de dezembro do ano 342 ou 343, na cidade de Mira (Ásia Menor). Filho de uma aristocrata, Nicolau era cristão fervoroso. Ao ficar órfão, distribuiu sua fortuna entre os pobres e entrou para um convento. Mais tarde tornou-se Arcebispo de Mira, uma cidade não muito distante de sua moradia. Dali sua fama de bondade e santidade se espalhou por várias regiões mediterrâneas. Tão logo foi enterrado, a fronteira entre o mundo real e a fantasia se desvaneceu, dando lugar a uma série de lendas e mitos. Com o passar do tempo, São Nicolau se tornou o padroeiro dos sapateiros e mercadores, sobretudo das crianças.

Na Holanda, o dia seis de dezembro é o mais alegre e efusivo acontecimento anual do país, quando os neerlandeses trocam presentes e se divertem.

Por primeiros dez anos, os holandeses, em Não-Me-Toque, ainda comemoravam a festa de São Nicolau, anualmente, no domingo anterior ao dia seis de dezembro, reunindo-se nas dependências do Colégio São Francisco Solano. Depois ocorreu uma fase de abandono, por causa da proximidade das festas de Natal. Com o retorno do Cônsul de Porto Alegre, Wouter de Kroes, a festa voltou a ser comemorada e continua até os dias atuais.

Biblioteca

A compra de uma biblioteca com livros holandeses sobre diversões, jogos e um projetor de filmes foi um dos resultados da visita do Sr. Henrique Bernardo à colônia, em 1959. A biblioteca funcionava no salão paróquial Cristo Rei. Depois da última missa dominical, os livros eram trocados, o que ocorria com freqüência. Sempre que o resultado enviava filmes novos, os colonos se reuniam, no domingo à noite, no referido salão, para assisti-los. Geralmente, eram filmes sobre a Holanda. Nos dias atuais, grande parte dos pioneiros

assiste ao canal da Holanda através da TV por assinatura.

No fim da década de 60 (1960), o período era de expansão agrícola e de muito trabalho. Muitas famílias transferiram residência para outros estados e, nessa época, ocorreu o retorno de muitas famílias para a Holanda. Como a televisão tomava o lugar dos filmes projetados no cinema, o interesse pelos filmes holandeses diminuiu.

Organização dos jovens

Em 1961, no salão da Comunidade Católica, que ficava nos fundos da Igreja Cristo Rei, onde hoje se encontra o salão de esportes foi organizado um baile com a escolha da Rainha da Juventude Holandesa. O médico local, Dr. Otto Stahl, foi convidado para ser o padrinho da primeira Rainha dos Imigrantes, representada por Elisabeth Soulljee. O prefeito municipal, Ernesto João Cardoso, e o vice-prefeito, Arnaldo Arlindo Lauxen, foram convidados para conduzir a 1ª e a 2ª Princesas, Elisabeth Rietjens e Francisca van Houts.

O objetivo do baile foi angariar fundos para a realização da primeira excursão do grupo de jovens holandeses à Fazenda Holandesa (SP). Johannes van Riel, em seus primeiros passos de líder comunitário, presidia a Associação de Jovens. A excursão foi muito bem sucedida e os jovens ficaram hospedados em casas de famílias durante uma semana.

Frei Ângelo, que era o dirigente espiritual dos jovens, muito se empenhou para a realização da excursão. Durante o período em que atuou foi benquisto pela juventude e as suas orientações eram muito importantes.

Em 1965, durante um animado baile promovido pela associação de jovens, no salão paroquial, ocorreu a escolha da segunda Rainha da Juventude Holandesa. A eleita foi Mientje Daandels, hoje Wilhelmina Scolari. A 1ª Princesa foi Dorotheia (Dolly) Jurrius, que regressou à Holanda em 1967, e a 2ª Princesa foi Jacoba (Jaqueline) Michels.

O valor obtido com a promoção foi investido na realização de outra excursão, desta vez para a Colônia Holandesa de Carambei (PR) hoje município de Carambei. A viagem foi de trem (Maria Fumagalli Johanna (Annie) Soulljee lembra que o trem partiu de Curitiba com 11 horas de atraso. Era inverno e fazia muito frio na estação

de Carambei para integrar a juventude das duas colônias. Este objetivo não teve muito efeito, por vários motivos; distância muito grande, difícil contato, diferença de prática religiosa, entre outros. Os presentes trouxidos foram muito bem recebidos pelos imigrantes da colônia, que organizaram jogos de vôlei, brincadeiras, passeios etc.

Um ano e meio em Não-Me-Toque

Após as anotações do Capelão, em 1963 a colônia passava por dificuldades. Os imigrantes não se entendiam mais e se dividiram em dois grupos bastante rivais, fonte de discórdia e paralisação. Foram necessárias várias reuniões e uma forte chamada do capelão holandês que ameaçou retirar-se se a situação de divergência persistisse. Diante disso, formou-se uma comissão que, depois de várias tentativas fracassadas, no dia 6 de janeiro de 1964, durante o Natal, finalmente reorganizou o Clube Holandês. Foi fundada, então, a *Economische Stichting* (Fundação Econômica e Social) – SES para avaliar as novas diretrizes. Lambertus van Houts foi eleito o primeiro presidente do Clube Holandês. Theodorus Hagen foi o primeiro presidente da SES.

Logo meses depois, aconteceu que a colônia holandesa foi duas vezes gravemente abalada, com a morte de Cornelius van Schaik e Maria Wolfs.

Esses dois acontecimentos trágicos causaram depressão, pois todos estavam sofrendo severamente a insegurança social a que estavam sujeitos. Além disso, ao mesmo tempo alguns outros pontos fracos da colônia. No fim do mês de maio, cinco famílias regressaram para a Holanda. Outras pensaram em fazer o mesmo, mais tarde.

Por que voltaram

Essa pergunta foi feita repetidas vezes pelo povo de Não-Me-Toque. Os membros do Fundo Hospitalar, do Clube Holandês e do SES se reuniram para estudar a situação penosa da colônia. Enviaram carta ao Bispo Theodor Th. Hendriksen, Bispo auxiliar da diocese de Utrecht; ao Príncipe Bernard e para o governo holandês, por intermédio

do representante oficial da Embaixada, W. Oosterberg. Com o tempo, debateram o conteúdo da carta, e ele prometeu tudo o que fosse possível. Ao mesmo tempo, o vigário, frei Otávio Reichert, escreveu uma carta a Dom Cláudio Colling, Bispo da Diocese de Passo Fundo.

Dificuldades expostas

1º) A falta de assistência social em caso de viuvez, de doenças e acidentes graves.

2º) A falta de recursos financeiros para a compra de terra para os filhos.

3º) A falta de aposentadoria para os mais velhos, de modo que eram obrigados a voltar para a Holanda.

4º) A tentativa fracassada de obter terra por intermédio do governo Estadual.

5º) O diminuto número de jovens disponíveis para o futuro compromisso de casamento. A solução seria atrair mais famílias.

6º) A necessidade de uma formação geral melhor para todos os componentes da colônia.

Resultados neste ano e meio de trabalho

- Na hora em que se apresentou a grave crise, contaram com homens e órgãos competentes.

- Estão mais unidos e há mais compreensão.

- Conhecem as dificuldades e trabalham para resolvê-las. Não vivem mais tanta saudade do passado, estão abertos para o futuro.

- Chamaram a atenção das autoridades da Holanda e foram atendidos. Está desaparecendo a velha desconfiança causada pela insegurança.

- O Governo Holandês resolveu o mais rapidamente possível a questão de ajuda financeira às duas viúvas e está trabalhando num sistema de crédito financeiro para os imigrantes holandeses no Brasil.

- As relações dos colonos com os diversos ministérios, na Holanda, estenderam-se. Já eram mais conhecidos e perceberam que haviam permanecido muito parados: que teriam de agir, em vez de ficar se queixando. Junto com os empréstimos de dinheiro queiram

agilidade assistente, casado, para morar e trabalhar no lugar. Ele gosta de fazer muito pelos rapazes e homens; a esposa, pelas mães e senhoras.

Estagiário

Neste período, pela primeira vez, contam com um estudante da Universidade Agrotécnica de Wageningen (Holanda), Huizinga, que veio fazer um estágio de seis meses. A tarefa principal dele era estudar a colônia sob o aspecto sócio-demográfico e apresentar relatório ao seu professor e às diversas instâncias, na Holanda, o que ajudou a colônia mais conhecida. A impressão é de que o pior estava a se abrir um horizonte mais risonho para a colônia.

Em 1988, pela segunda vez, a colônia conta com estagiário da Universidade Agrotécnica de Wageningen, A. A. Bartelink, que trabalhou por seis meses, ajudando a colônia através de seus relatórios, acompanhado por alguns agrônomos que auxiliaram muito os colonos a se organizarem melhor.

O Grupo "De Tulp"

Em 1981 foi formado um grupo de danças folclóricas dirigido por Maria Bruggema (Mientje) van Houts, que ensaiava semanalmente e, duas vezes, se apresentava ao público.

Em 1984 as mesmas pessoas - a maioria já com família constituída, - a convite de uma entidade da cidade de Carazinho, ensaiaram as danças e se apresentaram na cidade vizinha. Arrancaram aplausos do público. Para aquela comunidade, as danças típicas e o ritmo dos tamancos até então eram desconhecidos.

O atual grupo de danças - De Tulp - foi fundado por Maria Gerarda Bruggema (Marian), no ano de 1983. No início, atuavam só em festas. A indústria Jan patrocinou as primeiras roupas típicas. O senhor van Riel doou os primeiros tamancos de adultos trazidos da Holanda. Para as crianças, foram criados tamancos de imitação. Em 1985, um grupo de jovens foi recrutado para dar continuidade ao grupo que permanece ativo até os dias de hoje.

A contribuição do grupo também se deve a Anny Souilljee Eltinck e

suas filhas, Wilma e Teodora, que dedicaram muito tempo ensinando danças típicas aos jovens.

Desde 2009, integrantes da Invernada Artística do Centro de Iniciações Gaúchas Galpão Amigo integram o grupo, que preserva a música e a dança folclórica, com coreografias que interpretam o cotidiano dos holandeses. Para se manter fiel na tradução de sua mensagem, o trabalho requer muita pesquisa de suas coordenadoras, Teodora Breda Souilljee Lütkemeyer e Marijke van Schaik Willig. Entre os integrantes, além de jovens da comunidade local que não tem sua origem na Holanda, estão netos e bisnetos dos imigrantes.

O grupo De Tulp, no decorrer do tempo, conquistou importante reconhecimento local e regional. Apresentou-se na Capital Gaúcha participando de festividades regionais e interestaduais, eventos culturais como o Milka Show, e eventos de negócios, como a Expoagro (Esteio) e Expodireto Cotrijal (Não-Me-Toque). Participou das festividades do Centenário da Imigração Holandesa em 2011 de Carazinho (PR), que integraram as comemorações do Ano Holanda no Brasil.

Como convidada especial, a delegação não-me-toquense, formada por autoridades municipais e membros da Associação Holandesa levou uma representação do grupo de danças De Tulp e o tenor Leo Carlos Wiedthauper, para a recepção preparada pela Cônsul, Ingrid de Kroes, de Porto Alegre, aos representantes dos Países Baixos e empresários convidados, em outubro de 2010.

O grupo De Tulp representou Não-Me-Toque no segundo Mercosul em Dança que aconteceu no mês de abril de 2011, no Hallage, em Foz do Iguaçu. O grupo alcançou o terceiro lugar em sua apresentação, na modalidade mista de danças étnicas, com a música - Hakke Tone -, e quarto lugar com a música - Baonopsteker. Na ocasião, foram convidados a participar de um concurso em Misiones, na Argentina, no quinto Festival de Danças do Mercosul, realizado no mês de agosto deste ano. Também se apresentaram na cidade de Canela (RS).

Esporte

Todos os domingos, à tarde, aconteciam jogos de handebol no campinho de propriedade dos van Riel ou dos Assink. Quem con-

ta o esporte era Johannes (Jo) van Riel. Periodicamente, era realizado um baile, no galpão, ou mesmo nas casas dos imigrantes. Nesta ocasião, a limonada (suco de limão), era oferecida pela família anfitriã, assim como o bolo (vlaai) e outras comidas típicas. Os irmãos, João e Joseph Stapelbroek, eram os gaiteiros; João Assink e Joseph Stapelbroek eram gaites de boca. O importante era se encontrar e divertir-se. Os bailes eram organizadas excursões para Ernestina. A diretoria do Club Holandês contratava um caminhão que levava a juventude a passar o dia na barragem. As moças vestiam maiô feito em casa. Algumas delas traziam um bolo pronto e lá faziam piquenique compartilhado, com bolachas vermelhas, queimados do sol, mas felizes.

A pé ou de charrete

Muitos todos moravam no interior. Para ir à missa dominical vinham de várias direções. Jansen, Hagen, Jurrius, Brouwers e Sanders vinham por estrada que dá acesso à Vila Fogo. Jacobus, Norberto, Cornelis, Theo Melis, Jo e Jan van Riel, Cornelis van Schaik, Theo Melis e Joseph van Hout vinham de Mantiqueira até a estrada geral que dá para Arroio Bonito quando seguem o mesmo trajeto de Petrus Uitdewillegen, Theo Rietjens, Cornelis Nieuwkuik, Johannes Kok, Hermanus van Hout, Bernard Kok e Nico Berger. Franciscus Souilljee, que mora perto de Mantiqueira, Johannes Giessen, Franciscus van Esch, Petrus van Hout, Harrie de Bruin, Frans Vorselen, Nicolaas Rietjens, Nathaus Rietjens, Antonius e Thomas Jan Miechels, Johannes van der Berg Hogenelst, Antonius Assinck e Wilhelmus Saedt vinham por estrada que leva a Arroio Bonito.

Joseph van Spreuwel, Thijs van Herk, vinham pela estrada de Invernada. Petrus Wolfs, Johannes Daandels, Willibrordus van Lieshout, Theo Rietjens e Jan Winters moravam na estrada que dá acesso a Arroio Bonito.

Josephus Philippsen e Franciscus van Vught vinham de Bom Jardim. Nathaus Spreuwenberg e Johannus Rietjens moravam na estrada de Vila Gramado. Johannes van den Mosselaar, Jan Rauwers, Petrus Rietjens, Van der Ploeg, Theo Rauwers, Kees Fillekens e Josephus Bernardus Stapelbroek moravam na vila de Não-Me-Toque, que dá acesso ao distrito de Carazinho.

Todos vinham de charrete, lotada de crianças e adultos. Quando um cavalo não conseguia puxar sozinho, colocavam dois cavalos.

Aos domingos e dias santos, faltava espaço nas imediações da igreja para amarrar tantos animais. Na Semana Santa, o povo vinha de longe para participar das missas, Via Sacra, procissão, homilia vespertina e outras solenidades.

A procissão de Corpus Christi também era bastante valorizada. No Natal, a Missa do Galo era celebrada à meia noite e não havia lugar para todo o povo que vinha dos quatro cantos da paróquia. Os primeiros natais eram estranhos, pois trocar os natais brancos e gelados pelos natais verdes e quentes foi difícil. Custou um pouco se sentirem, de novo, o clima natalino. Não era hábito holandês oferecer presentes no Natal, porque este costume acontecia na festa de São Nicolau. Aliás, nos primeiros anos não havia recursos para presentes. As famílias preparavam um almoço melhor e viviam o espírito de Natal na igreja e no coração.

Bailes e festas

Depois de algum tempo, os pais já autorizavam a participação dos filhos aos bailes e festas locais, porém a ordem era estar em casa à meia-noite. Sempre saíam em grupo. Os Jansen vinham de Vila Fogo, juntavam-se com os van Riel na estrada da Mantiqueira passando pelos Souilljee, no travessão que liga as estradas que vão a Colorado e Arroio Bonito. Ali, na encruzilhada, os Arns se juntavam ao grupo e, enganchados, ocupavam toda a estrada. Caminhavam uma hora ou mais, dependendo da localidade que promovia o baile, que podia ser Arroio Bonito, Vila Fogo, Vila Conceição ou outra. Quando os pais liberavam a charrete, porque não havia serviço para os cavalos, e estes não necessitavam de descanso dos finais de semana - regra respeitada pelos imigrantes holandeses -, os jovens festejavam, pois aumentava em uma hora a permanência no baile.

Em uma ocasião, quando retornavam para casa, a charrete cheia de gente, três cavalos puxando, numa subida, encontraram um automóvel. Os faróis cegaram os animais, que deixaram a charrete correr em marcha à ré, descida abaixo, derrubando todos numa enorme barreira

de terra, como se estivessem descarregando feno. Era gente correndo para todo lado! Felizmente foi só um susto.

Esses bailes começavam às sete horas da tarde e terminavam no fim da noite pela manhã. A música era acústica, não existiam amplificadores, tinha até cinco gaiteiros, alguns violões, trompetes entre outros instrumentos. Foram sempre os rapazes que convidavam as moças a dançar, nunca o contrário. Quem tinha dinheiro podia jantar no salão ao salão de baile. Geralmente eram servidas galinhada e bolos. O sanitário era uma latrina construída distante do salão.

Moventos de lazer

No dia de outubro de 1966 foi organizada uma competição de arado na propriedade dos Theunissenm, atualmente, área situada entre a Indústria Stara. Durante a competição foram servidos café e cachorro-quente. Foi permitido usar todo o tipo de arado. A inscrição, que custava Cr\$ 1.000,00 (um mil crizeiros), por enquanto, foi exclusiva para holandeses e era feita com Antonius e A. A. Bartelink (o engenheiro agrônomo estagiário).

A competição considerou os seguintes itens:

- 1. Velocidade de afixar o arado
- 2. Rodagem do arado
- 3. Profundidade
- 4. Tratamento
- 5. Trabalho (travar economicamente)
- 6. Tempo viragem e rodagem (wentelen)
- 7. Os membros do júri: Jan Stapelbroek, Toon Miechels e Willie Hartman. Os prêmios foram entregues posteriormente numa festa de festa.

Em todos os tipos de tratores podiam participar. Durante a tarde eram servidos cachorro-quente e bebida.

Hipismo

Edwin (Jan) Frenken comandava um grupo de hipismo do qual faziam aproximadamente 15 jovens., que treinavam periodicamente. Jan ensinava o correto manejo dos animais e como saltar

sobre obstáculos. Os treinos ocorriam sempre aos domingos à tarde.

Por que a demanda de volta

Os jovens casavam e formavam novas famílias. Em poucos anos tinham numerosa prole. A maioria casava com jovens do próprio grupo. Demorou muitos anos até que saísse um casamento misto, principalmente por causa da língua e costumes diferentes. Wilhelm (Wim) Daandels conta que as filhas dos imigrantes, ainda adolescentes começaram a namorar os peões de granja. Este fato foi um dos motivos que levaram os holandeses a repatriar, na década de 1960. Outro motivo era a enorme dificuldade de ganhar dinheiro. Inicialmente os agricultores levavam seus produtos (batatinha) com o trator e caminhão até Carazinho e Passo Fundo, para vender de porta em porta. Muitas vezes ficavam sem almoçar e até acontecia de retornarem à pé de Carazinho a Não-Me-Toque, gastando metade da sola das alpargatas por terem perdido o horário do ônibus.

A situação começou a mudar em meados de 1965, com a expansão das lavouras de soja e de trigo.

Foi nesta época que sentiram a necessidade de plantar mais terra. Para isso, era necessário adquirir mais terras. Então, primeiramente arrendaram terras de campo, na região, depois adquiriram e outras terras, mais ao longe, em outros estados brasileiros.

A Bandeira

Durante reunião na casa de Marian Rietjens, que tratava de assuntos relacionados ao grupo De Tulp, foi apresentada a necessidade da Associação Holandesa ter uma bandeira e um emblema próprios.

Entre as diversas idéias sugeridas para o emblema, venceu a do tamanco holandês, em amarelo, cor tradicional dos tamancos. Dentro deste, um buquê de tulipas vermelhas, flor símbolo da Holanda. Uma faixa com a inscrição Associação Holandesa de Não-Me-Toque completaria o símbolo.

Uma tulipa branca sob o emblema, cercada por um fundo verde

representa o campo. A arte final do emblema e da primeira bandeira foi criada pela artista plástica Theodora Assink, e está em uso até hoje.



O emblema da Associação Holandesa de Não-Me-Toque representa, em um tamanco tradicional dos tamancos, e dentro deste um buquê de tulipas vermelhas, flor símbolo da Holanda.



Registro de 1952, após a missa celebrada em holandês na capela do Ginásio São Francisco Solano. Como a capela não comportava todas as pessoas, algumas ficavam pelos corredores e salas próximas.



Mientje van Houts, à direita, na frente, orientou o primeiro grupo de danças que se apresentava durante os encontros festivos da comunidade não-me-toquense, em 1959.



Frei Angelo, 1ª Rainha dos Imigrantes, em 1961, Elisabeth van Houts e Francisco van Houts, as Princesas, junto com o padrinho, o Dr. Stahl e sua esposa Vilma Stahl. À esquerda, frei Angelo, dirigente que muito ajudou na organização da juventude.



Frei Angelo, 1ª Rainha da Juventude, em 1965: Mientje Daandels e Wilhelmina Scolari, com as Princesas, Dorotheia (Dolly) e Joana (Joque) Michels.



Grupo de teatro. Da direita para a esquerda: Nelly Jansen, Maria Souilljee, Agnes Stapelbroek, Harrie Jansen, Janus van Riel, Jan Bouysse e Frans Souilljee. Atrás, Antoon Assinck, Kees Nieuwkuik e Leo Philipson.



Sete integrantes do De Tulp, em 1983, orientadas por Janus van Riel.



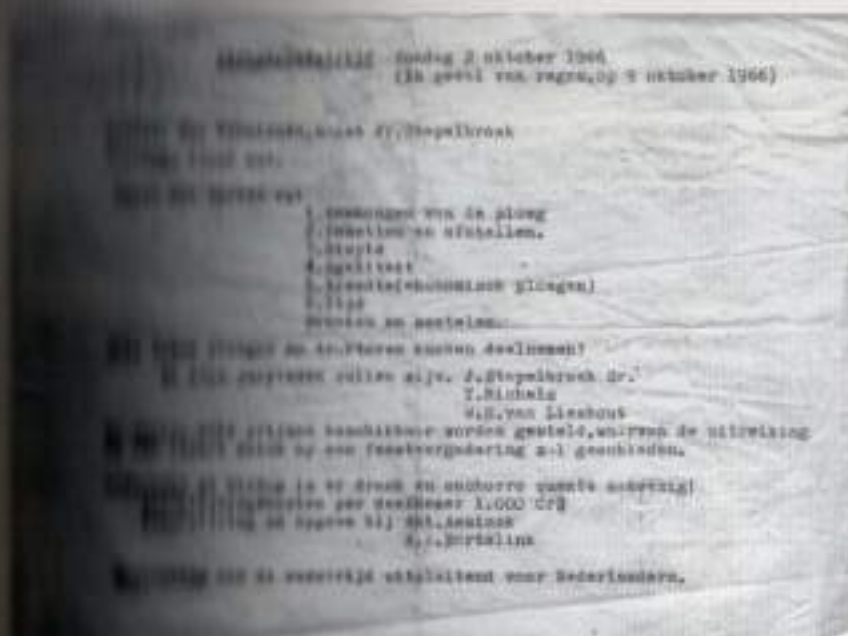
Imigrantes se apresentaram na fundação do Rotary Club, de Caracas, em 1964, em uma das primeiras formações do grupo de danças.



O De Tulp, em 2011, sob a coordenação de Marijke van der Vliet e sua filha Berta Souilljee Lütkemeyer.



Grupo de handebol, em 1957. Johannes van Riel era o coordenador, árbitro e treinador



A composição de aradores ficou registrada em papel.



Grupo de hipismo formado por: Theo Souilljee, Jos Souilljee, Rick Jansen, Jo van Riel, Henk Souilljee, Jan Frenken, Kees van Riel, Jo Jansen, Henk van Houts, Martin Jansen e Piet van Houts.



Jo van Riel e Jo van Riel, com a charrete que levava os aradores para as festas.



Bartje van Houts, de charrete (sjees), em Holambra.



A cada ano um filho: Jan Thomas Michels, a esposa suas crianças.

CAPÍTULO XV Os Casamentos

Em Itaipu Ho-Toque, o primeiro casamento de filhos de imigrantes foi de Cornelis Antonius Josef van Schaik, 33 anos, e Francisca Wilhelmina Stapelbroek, 20 anos, em 11 de julho de 1954. Foi seguido pela união de Wilhelmus Raymundus Saedt, 26 anos, e Leonilda Maria Cornelia Souilljee, com 22 anos, em 22 de julho do mesmo ano. Norberto van Riel e Maria Assink casaram-se em 1954.

O primeiro casamento misto, em 24 de maio de 1958, foi de João Hobaris Rietjens, 24 anos, nascido na cidade de Eil, na província de Limburg, na Holanda, com Venilda Sophia Schiavini, de origem brasileira, descendente de italianos.

O altar da igreja e do local da festa era feita pelos próprios noivos que usavam folhas de palmeiras, ramos de véu de noiva, tapetes do próprio jardim ou que arrumavam com vizinhos. Os noivos usavam flores e arranjos feitos de papel crepe.

Uma ou duas semanas antes do casamento, os noivos visitavam o padre para as bênçãos a respeito da vida a dois e em família.

Antes casavam virgens. Esse era um dos valores transmitidos pela família. Eles não podiam dormir sob o mesmo teto antes do casamento religioso, que era celebrado pela manhã, com uma missa. Depois da missa para o cartório. Só depois da sessão de registro civil seguiam para o local da festa que, geralmente, era na casa da noiva onde os convidados esperavam os noivos cantando o Hino Nacional.

Logo após a festa ofereciam, logo em seguida, uma taça de vermute.

O aperitivo ou café com leite era oferecido, igualmente, aos convidados, acompanhado de bolo, vlaai e bolachas. Entre duas e três horas era servido o almoço, precedido de koude schotel, prato frio servido como entrada, feito de batatinhas, carne de frango ou peixe, legumes e temperos. Depois vinha a sopa. O prato principal era o stamppot composto por diferentes tipos de carnes, legumes cozidos a vapor. Como sobremesa, creme de leite e compotas (frutas em conserva).

As famílias preparavam um programa da festa que, além do casamento, continha o histórico dos noivos em forma de alfabeto. A cada letra do alfabeto, criavam-se frases com dados pitorescos sobre a vida do casal. Um hino anunciava cada etapa da festa, quando aconteciam várias brincadeiras e pequenas apresentações teatrais, sempre contando fatos acontecidos com o novo casal.

Durante a tarde, a festa prosseguia com o café – koffielafel – sempre precedido ou anunciado por um canto ou brincadeira adaptada ao momento. À tardinha, depois do café, os convidados se retiravam dando lugar à juventude, que vinha para dançar e comer.

Os jovens que não eram convidados, procuravam fazer alguma arte, como encher a chaminé com papel, pendurar as xícaras, tudo e tudo que tinha alça, no teto da casa dos noivos, entre outras coisas inocentes e travessas.

Pães e bolos eram preparados em casa, no último dia antes da festa e guardados em local fresco. Nem todos tinham porção. Gelado nem pensar. A bebida era colocada na sanga ou na água do poço para se manter fresquinha.

As festas eram bem animadas e divertidas. Tomavam cerveja de tipo sprietschbier, feita de raízes de gengibre, gasosa de Quaker e uma bebida gostosa feita do suco de laranjas.



Antônia Josef van Schaik e Henrika Wilhelmina Stapelbroek
os primeiros imigrantes a se casar em Não-Me-Toque, em 11
de maio de 1911.



Moças integrantes do grupo de jovens que trabalhava na organização dos casamentos: Corrie van Vught, Toosje (Catarina) Rietjens, Corrie van Spreeuwel e Corrie Souilljee (2 de maio de 1961).



Carregar os noivos nas cadeiras era uma tradição que se perpetua até hoje nos casamentos dos descendentes de imigrantes.

CAPÍTULO XVI O Hobby Club

O Hobby Club foi criado em 1974, por iniciativa de Theodora Assink e Marian Rauwers, após a conclusão de um curso de entalhe em madeira ministrado por um homem que vivia de Carazinho. As aulas aconteciam no atelier de Theodora Assink, que pintava a óleo sobre tela e dava aulas de pintura. Não participaram deste curso que resultou em muitas obras de arte: Herta Rietjens, Rieka van Schaik, Lies Stapelbroek, Annie van Vught, Annie Souilljee Eltinck, Nellie Saedt, Corrie van Vught e Rietje Kok.

As senhoras aceitaram a ideia e estenderam o convite a outras. Desde então, passaram a se reunir nas quintas-feiras, à tarde, no atelier de Theodora Assink, para realizar os mais diferentes trabalhos. Inicialmente continuaram com os trabalhos em madeira, mas introduzindo o bordado com lã em tela, pintura em acrílico, etc., sempre com degustação de um delicioso café. Durante a conversação se mantém, até hoje, sempre na língua holandesa.

Em um desses encontros do grupo, em 9 de abril de 1992, decidiram a dar depoimento sobre a imigração e o início da história. Estavam presentes, neste dia: Doortje Assink, Rieka van Schaik, Annie Eltinck Souilljee, Nellie Berger, Betsie van Lieshout, Mina Stapelbroek, Rietje Kok Miechels, além da autora desta obra. Nas lembranças, aparecia o medo do comunismo russo que se espalhou na Europa e promovia uma perseguição aos católicos, gerando grande preocupação com o futuro dos filhos. O comunismo era visto como uma doença contagiosa, da qual todos queriam afastar-

se tornando insuportável. Um certo dia, foi encontrado morto nos joelhos, na frente de sua cama.

Mina Rietjens Stapelbroek lembra que sua família (os pais Jan Lambertus e Maria Catharina Rietjens e os 8 irmãos) partiu no zombro de 1949 e chegou em janeiro de 1950. Todos viajaram em um navio brasileiro e estranharam muito a presença dos maridos negros.

- Nunca havíamos visto pessoas de pele escura e não podíamos conversar, pois não entendiam o idioma. A comida era retirada em bandejas pela mãe, que teve curiosidade e foi à cozinha ver o que tinha para comer. Ficou impressionada com o sistema, como os alimentos eram preparados e não quis mais comer -, lembra Mina.

Em um salão dormiam as mulheres e crianças. Neste local caíam o terço e choravam. A mãe tinha trazido uma caixa com alimentos e à noite todos comiam desta comida. Jan Daandels e o Vitorino sofreram intoxicações graves e todos achavam que eles não iam viver, por isso, as torradas holandesas eram guardadas em potes para doentes. Em cada salão dormiam até 52 pessoas.

Numa noite, todas estavam deitadas, havia uma certa penumbra no salão, quando uma das senhoras notou a presença de alguém perto de sua cama. Pensando ser o marido, chamou-o pelo nome, pois ninguém respondeu. O homem, um dos marinheiros, se deitou perto dela, que gritou. O resultado foi um grande rebuliço no salão das mulheres.



As mulheres do Hobby Club comemoraram os 10 anos de atividades.



Exposição de Não-Me-Toque teve um espaço para o Hobby Club, onde foram expostos trabalhos destacando a integração de duas comunidades - 28 de fevereiro a 3 de março de 1985.



Joseph Stapelbroek herdou o talento artístico do pai e dedicou-se a esculturas de madeira.



Erigo Assink dedicou-se ao desenho e à pintura desde jovem.



Johanna van Schaik Reginato trabalha como artesã e instrutora de artesanato.

CAPÍTULO XVII

As Artes

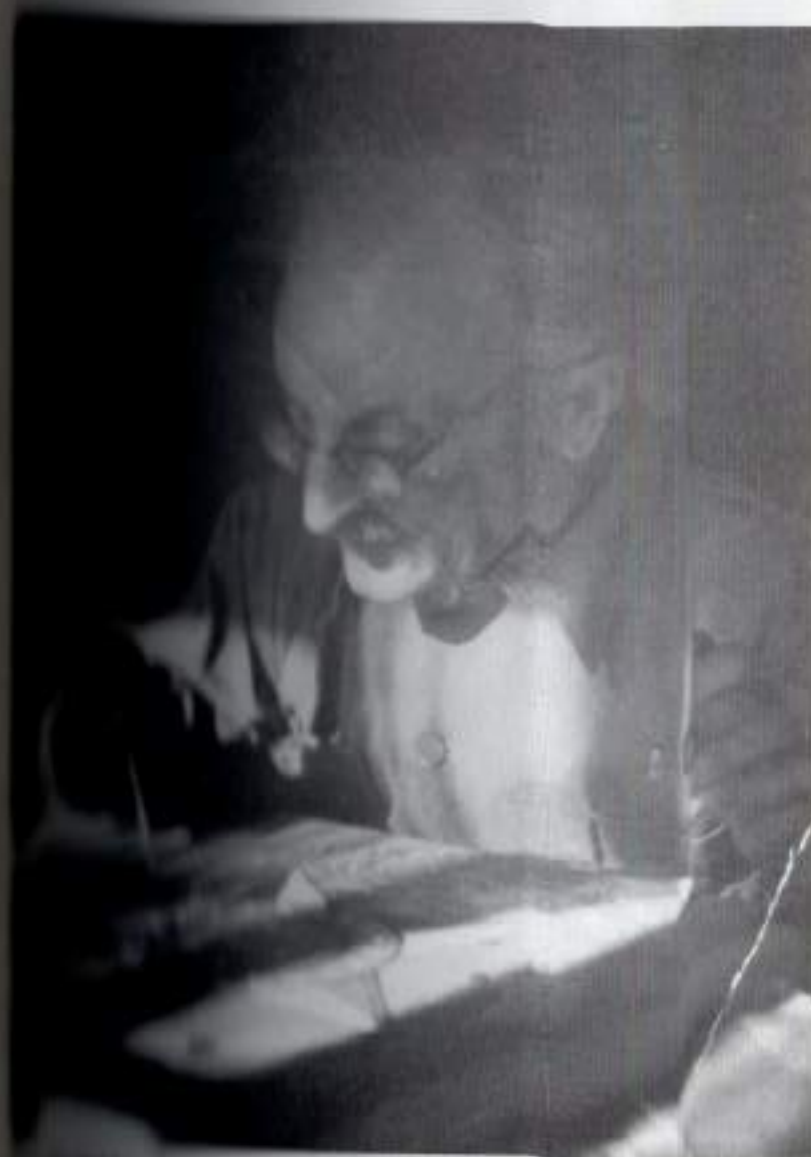
A criatividade dos Stapelbroek corre em suas veias e não mostrou apenas na invenção de máquinas agrícolas. A arte já estava presente na sua vida ainda na Holanda. Depois do ferro, a madeira era o material favorito de Jan Stapelbroek, o patriarca da família que imigrara para o Brasil. Ele trabalhava a madeira com uma ferramenta especial, afiadíssima, transformando-a numa obra de arte.

Seu filho Joseph maneja melhor o formão. As mais lindas obras artesanais saíam de suas mãos. Com muito orgulho ele montou um tampo de mesa feito com uma tábua de pelo menos 8 centímetros de espessura, em que esculpiu animais presentes nos cinco continentes. Um tampo de vidro protege a obra.

Theodora Assinck herdou o gosto pela arte do pai, Francisco Theodorus Assinck, que com 13 anos de idade, reproduziu em carvão vários cenários idílicos de sua cidade. Muito estudiosa na escola, Theodora aproveitava rapidamente a lição da professora freira, aproveitando o tempo que sobrava para reproduzir cenas da classe ou mesmo retratar a freira, o que lhe custou algumas broncas. Continuando a praticar o desenho durante a adolescência e a juventude, aventurou-se nas pinturas a óleo em tela. Já adulta, foi especializar-se em Carvão. Com bastante experiência e a convite de muitas pessoas interessadas em aprender, montou seu próprio ateliê. Realizou muitas exposições com suas telas próprias e trabalhos dos seus alunos. As melhores artistas plásticas de Não-Me-Toque deram os primeiros passos na arte em tela com Theodora. Joana van Schaik e Marian Rietjens foram algumas de suas alunas.

Para a primeira Olimpíada Intercolonial Holandesa realizada em

1950, Theodora e suas alunas produziram inúmeros cartões postais retratando o folclore holandês para comemorar todos os anos dos encontros. Aos 72 anos de idade, embora em menor escala, dedica parte de seu tempo à arte.



Theodora Assinck, o patriarca da família, dedicava horas de seu tempo à arte e criando belas obras.

CAPÍTULO XVIII

Os Zeskamp

Zeskamp é uma tarde esportiva. Consiste de uma competição de habilidade, velocidade e esperteza dos seus participantes. Por ser Zeskamp (zes é seis, kamp é combate) é combate entre seis. É de suma importância que as tarefas sejam mantidas em segredo até a hora de começar. O objetivo é criar um clima de expectativa e testar realmente o preparo físico e reflexos dos atletas, além de avaliar a união entre os membros de cada equipe.

O Zeskamp entre as colônias – as seis estabelecidas no Brasil surgiu quando, nos primeiros anos da década de setenta, dirigentes de colônias de São Paulo e do Paraná sentiram a necessidade de um intercâmbio e integração entre os imigrantes estabelecidos no Brasil. Tinham por filosofia que ninguém é uma ilha, que nenhuma pessoa pode viver para si, nenhum jovem pode desabrochar na sua ilha sem a não ser em contato com os demais. Pensaram nisso tendo em vista a integração entre o seu povo, que era demasiado pequeno e muito espalhado sobre milhares de quilômetros do território brasileiro.

"Manifestaram esta preocupação numa reunião realizada em Holambra. Participaram da reunião, representantes do estado de Paraná - Castrolândia, Carambei e Arapotí - e do estado de São Paulo - Holambra I e Holambra II. Na oportunidade, debateram com bastante ênfase um novo estilo de vida que se faria presente por intermédio de esportes, refletindo a necessidade profunda da mentalidade de um grupo que busca alcançar uma existência saudável" descreveu Gerarda Rietjens.

O significado do Zeskamp seria trocar idéias, mostrar, preparar e abrir espaço para novos caminhos, sempre com a preocupação de

refletir o reflexo dessa profunda agitação nas mentalidades, nos hábitos, nos desejos, das necessidades e dos comportamentos. Desde o princípio, as gerações jovens e posteriormente, todos os adultos. Almejavam que o Zeskamp fosse importante para ajudar a fazer, promover a harmonia psicológica e principalmente proporcionar o reencontro entre os holandeses espalhados no Brasil.

Olimpiada das Colônias Holandesas

Em 1976 a Olimpíada (Ho-Holanda) das Coloniais Holandesas foi realizada no início - guardou o Zeskamp para o último dia da competição em Holambra I. Cada time devia ter um nome. Assim, Castrolândia apresentou com a denominação "Hebbes"; Castrolândia com o nome "Facha"; Holambra I com duas equipes, "Saramandaia" e "Holambra II", "Zebra", e "Capal" representando Arapotí. Não-Me-Toque participou apenas como espectador.

Zeskamp

O Zeskamp foi realizado para definir o local onde seria o próximo encontro entre as colônias para Holambra II, do município de Paranapanema. Foi a sede da 2ª Olimpíada Intercolonial Holandesa no dia 10 de julho de 1977. Neste ano, a colônia de Não-Me-Toque se destacou com a denominação "Laçador", alcançando duas vitórias, uma no futebol de campo e outra no futebol de salão. Como a maioria dos não-me-toquenses era demasiado jovem, foi permitida a participação de integrantes que não pertenciam à colônia holandesa.

Zeskamp

Castrolândia foi sorteada para ser anfitriã da 3ª Olimpíada, em 1978, mas um surto de peste suína impediu que o evento se realizasse em Castrolândia. Foi então transferido para os dias 19 a 22 de julho de 1978 para a colônia de Não-Me-Toque.

Na colônia de Não-Me-Toque, as coisas eram extremamente diferentes. Os não-me-toquenses não estavam habituados a praticar esporte, pois tinham que trabalhar. Alguns jovens praticavam esportes, porque tinham tempo, porém não eram suficientes para formar equipes. A professora Marisa Becker, obrigou-se a explorar

trilhas ainda virgens no elenco de veteranos. Foi difícil, mas abraçou a causa e repetiu as palavras pronunciadas pelo pai, Geraldo Eysink, engenheiro agrônomo e agrimensor de Holandópolis, em discurso por ocasião da 1ª Olimpíada Intercolonial em 1971.

- Nesta ocasião, os resultados diretos não interessam, não importa quem seja o vencedor, o que importa é a maneira de como é realizado. E pelos frutos diretos todos somos vencedores, porque neste momento é impossível sermos derrotados.

4º Zeskamp

A 4ª Olimpíada Intercolonial Holandesa foi realizada em Não-Me-Toque, de 24 a 27 de julho de 1980. Para alojar os mais de 100 visitantes, foi necessário o engajamento da comunidade, que abriu as portas de suas residências para acolher o máximo de pessoas. Cotrijal liberou um de seus silos para a disputa de alguns jogos de vôlei, o que acarretou adaptações do local. Muitas pilhas de madeira e adubo tiveram de ser transferidos para outro local para liberar o espaço necessário para a realização dos jogos.

Levando em consideração a instabilidade do clima de inverno em Rio Grande do Sul e para garantir a realização do Zeskamp, os organizadores prepararam dois ambientes, um externo e outro interno. Devido aos fortes ventos e à chuva que caía naquele sábado e domingo, ambos os locais tiveram que ser utilizados.

Para a eventualidade da falta de energia elétrica, foram instalados previamente dois geradores, emprestados generosamente por Francisco Stapelbroek, Theodorus e Johannes Souilljee. Com apoio da Prefeitura e da comunidade, foi possível realizar, com ótimo resultado, esse encontro histórico em Não-Me-Toque.

5º Zeskamp

Carambei sediou a 5ª Olimpíada Intercolonial, de 23 a 26 de julho de 1981. Na ocasião, Não-Me-Toque se fez presente com 60 participantes e as equipes de futebol de campo, futebol de salão e futebol feminino foram vice-campeãs.

6º Zeskamp

A 6ª Olimpíada foi realizada em Arapotí (PR), nos dias 23 a 26

de julho de 1982. A equipe de Não-Me-Toque participou com 54 jogadores de futebol de salão, tornou-se campeã. Também desta edição, a confraternização e o coleguismo entre os participantes foram responsáveis pelo sucesso em todas as modalidades esportivas, provando a importância da realização.

Zeskamp

A 7ª edição de encontros ocorreu de 20 a 24 de julho de 1983, em Holandópolis e sofreu a influência da 7ª Olimpíada. Desta vez Não-Me-Toque participou com 78 elementos e se tornou, novamente, campeã em futebol de salão. Além dos jogos costumeiros, teve disputa de tênis e xadrez, bem como passeio turístico e Noite dos Gaúchos. Não-Me-Toque fez sucesso com danças gauchescas e o trabalho do declamador Francisco van Riel. Foi uma noite marcada pela confraternização, participação e de valorização, com a lembrança de todos.

Zeskamp

A 8ª edição ocorreu de 25 a 29 de julho de 1984, em Holandópolis. Não-Me-Toque participou com 61 integrantes e foi campeã em futebol de salão. Na época não era fácil derrotar a equipe de Não-Me-Toque no futebol de campo e de salão, mas, nas modalidades o grupo não conseguia se firmar.

Zeskamp

Em 1985, Castrolanda seria a sede das Olimpíadas. Em comemorações em torno do 30º aniversário de emancipação administrativa, Não-Me-Toque pediu para ser sede da 9ª Olimpíada Intercolonial. Assim sendo, coube à Associação Holandesa sediar o evento nos dias 24 a 27 de julho de 1985.

A cerimônia oficial do evento aconteceu em cerimônia realizada às 10h pela manhã, no Altar da Pátria, com a presença de representantes das delegações participantes. A solenidade foi aberta com o hino nacional e o hasteamento das bandeiras: do Brasil, pelo Sr. Arnaldo Hermes; dos Países Baixos, pelo Cônsul Hans Peter van der Vliet; do Rio Grande do Sul, pelo representante do governador, Paulo Tarso Dutra; do município, pelo Juiz de Direito,

Paulo Roberto Felix. A tocha Olímpica foi acesa por um representante da representação local, o jovem André van Riel. O Hino da Holanda também foi entoado em momento emocionante da cerimônia. O pronunciamento das autoridades, do presidente da Associação Holandesa de Não-Me-Toque, Johannes van Riel, e do coordenador geral da Olimpíada, Hendrikus van den Mosselaar. O show de abertura e a apresentação da Banda Marcial do Ginásio São Francisco foram

17º Zeskamp

Em 21 de julho de 1993, Não-Me-Toque organizou a 16ª Olimpíada Intercolonial. Em preparativos, o Governo Municipal cuidou de detalhes importantes, como o melhoramento do aspecto da cidade e a colocação de serviços à disposição dos visitantes. Eram aguardados 600 visitantes para o evento que transformou o município de Não-Me-Toque na Capital da Holanda no Brasil. O prefeito Johannes van Riel (holandês de nascimento e naturalizado brasileiro) convidou o governador do Estado do Rio Grande do Sul a participar das festividades.

Participaram dos jogos e festividades promovidos pela Associação Holandesa, presidida por Bernardo Rietjens, delegações das colônias holandesas.

A solenidade oficial ocorreu no Ginásio Municipal Poliesportivo na sexta-feira. No sábado aconteceu o já famoso Zeskamp, assistido por um grande público. A Associação Holandesa de Não-Me-Toque convidou a participar do evento, o Embaixador dos Países Baixos, Klaas Flaes, o Cônsul Geral dos Países Baixos, Alexander van Schelle e o Cônsul dos Países Baixos do Paraná, Toni Bruinjé, e o Cônsul dos Países Baixos do Rio Grande do Sul, Wouter de Kroes. O encerramento foi marcado pelo baile de integração, realizado no Clube União, destinado para os participantes da Olimpíada e convidados.

23º Zeskamp

Em 1999, a 22ª Olimpíada Intercolonial Holandesa de Não-Me-Toque integrou as comemorações do Cinquentenário da Imigração Holandesa em Não-Me-Toque, que voltou a ser anfitriã. Willibrordus van Lieshout presidia a Associação Holandesa e coordenou as comemorações.

foi organizado nos mínimos detalhes e com a colaboração da comunidade. A festa foi novamente um sucesso. Na ocasião, a cozinha mereceu referência pela atuação no preparo dos pratos da culinária holandesa, como, erwtensoep (sopa com batata frita (batat frit), koffie met melk (café com leite), bolos e outros, bem como cachorro-quente, sanduiches, pizzas, e pratos da culinária local.

28º Zeskamp

Em 2007, a 28ª Olimpíada coincidiu com o cinquentenário do município de Não-Me-Toque. Willibrordus van Lieshout era novamente presidente da Associação Holandesa. Tudo foi preparado com muito carinho. Quando os visitantes começaram a chegar, foram recebidos com alegria. Este clima de amizade e confraternização persistiu durante os três dias do evento, cumprindo assim o que foi estabelecido para a Olimpíada: "*Ninguém pode viver como se fosse uma ilha, todos precisam uns dos outros*".

34º Zeskamp

Em 2011, provavelmente, chegou a 34ª Olimpíada, em 2011, desta vez integrada pelas comemorações do Ano da Holanda no Brasil, data escolhida para as comemorações do Centenário da Imigração Holandesa, iniciada no município de Carambeí (PR). Diversas entidades organizaram a data.

Não-Me-Toque integrou as comemorações, organizando alguns jogos e o Zeskamp das Etnias, que contou com a participação de cinco entidades culturais: Associação Holandesa, CTG Associação Instituto Cultural Italo-Brasileiro Michelangelo, Grupo Cultural Folclóricas Alemãs Immer Lustig und Durstig e o Cultural Associação Hissen ist Leben. A gincana copiou o Zeskamp com o objetivo de integração entre a Associação Holandesa e os grupos culturais de Não-Me-Toque. O encerramento ocorreu com jantar comemorativo ao Dia da Rainha e premiação da gincana com a participação dos grupos participantes.

A 34ª Olimpíada Intercolonial volta a ser realizada em Não-Me-Toque em 2013.



Primeiro grupo de imigrantes holandeses de Não-Me-Toque a participar do Zeskamp, na segunda edição, em 1977.



Delegação não-me-toquense nos jogos de 1983, em Holambra (H).



Equipa Futeboladora, que representou Não-Me-Toque em 1983.



Equipa voleibol veterana: Gerarda Rietjens, Catarina Stapelbroek, Ana Rui Rosari van Riel, Ana Stapelbroek, Betsie van Lieshout e Ana den Masselaar. Atrás o técnico Willy van Lieshout, em 1984 (H).



Equipe não-me-toquense em uma das tarefas do Zescamp, em 1984, em Holambra II.



O jovem André van Riel acende a tocha olímpica que deu início aos jogos olímpicos do ano de 1985, em Não-Me-Toque.



Em 2009, Não-Me-Toque sedia novamente o Zeskamp, jogos entre as colônias holandesas no Brasil.

CAPÍTULO XIX

A Economia

A situação econômica da maioria dos imigrantes era crítica. Os que vinham da Fazenda Ribeirão tinham despendido praticamente todo o seu capital investido na Companhia Agrícola Holambra (SP). Em Não-Me-Toque, compraram terras benfeitorias para pagar em prestação, áreas que giravam entre 40 e 65 hectares.

As terras em Não-Me-Toque eram muito baratas porque estavam esgotadas em sua fertilidade, devido à prática extrativista simples sem reposição de nutrientes no solo. Em consequência, estavam cobertas de uma graminea chamada, popularmente, de barba de bode que só cresce em terras muito pobres. Os agricultores estavam indo embora para outros estados, como Santa Catarina e Paraná, para ali derrubar outras matas e começar de novo. Vendiam as terras convencidos de que os holandeses iriam morrer de fome no meio da barba de bode. Mas não foi assim. Elisabeth Sanders lembra que disse: "Eles têm a terra e nos temos a técnica".

Os imigrantes começaram praticando a agricultura policultural para subsistência. Algumas famílias não teriam o suficiente para comer, não fossem os comerciantes locais a vender, com prazos muito breves, para pagar depois da colheita, quando, ainda nem tinham plantado.

Precisavam plantar e progredir. Para isso, recorriam ao Banco do Brasil, em busca de financiamento. Quando as colheitas eram boas, conseguiam devolver o empréstimo.

Primeiro trabalhavam a terra com bois e cavalos. O adubo era trazido de trem, da cidade de Rio Grande até Carazinho, em sacos de 50 kg cada. Tinham tempo predeterminado para descarregar o produto

na linha e insipie (manualmente nas costas). Compravam o adubo - superfosfato, potássio e salitre - que eles mesmos tinham que misturavam com a pá.

Calculavam a quantidade necessária de cada produto no chão do campo e depois a fórmula. A formulação do adubo era feita assim: três vezes a quantidade de cada produto num monte de terra. Por fim, ensacavam para ser levado à lavoura. Alguns amarravam sacos de estopa na cintura e no pescoço, com o produto e caminhavam lado a lado, cuidando para manter a igual entre si, jogando, a cada passo um punhado de adubo espalhado sobre a terra.

Para a cevada e a aveia eram plantados no mesmo sistema, a plantadeira era serviço dos homens. Eles caminhavam, dias antes da semente preparada e à noite, estavam exaustos. Eram plantados como na época de Jesus: lançavam a semente, cuidavam dela alguns meses, colhiam os frutos. O adubo era aplicado algumas semanas antes de a semente ser lançada na terra. Quando terminava, toda a família, menos a mãe, caminhava de novo para proteger as plantas das formigas cortadeiras que, nessas horas, poderiam fazer um estrago enorme. Aproveitavam para colher com as mãos, o joio do meio do trigo e da cevada.

O milho era plantado com um aparelho manual, popularmente conhecido como pica-pau. A semente era colocada em um compartimento e o plantador gradativamente, quando o plantador, metia o bico na terra - como fazem os pica-paus na árvore. Com um movimento de abertura dos braços, a semente caía na terra. Com o tempo, tapava o pequeno buraco e protegia a semente das pragas. Mas, inicialmente, essa prática foi difícil de ser feita, com habilidade, pois não conheciam tal plantadeira.

Um dia, o frei Olímpio Reichert foi ver o andamento da lavoura e viu o agricultor Hendrikus Souilljee, na época com 17 anos, desesperado, pois não conseguia fazer a semente cair direito e o dito aparelho estava com a ponta entupida com terra. Como filho de agricultor e sempre pronto para ajudar, Reichert, limpou a plantadeira, desobstruindo o bico. Em seguida, ensinou com a batina, mostrou como se devia manejar tal aparelho plantando uma carreira de milho. Mesmo assim, custou um tempo até que o jovem plantador dominasse a tarefa.



Jovens da família Souilljee com uma junta de boi que arava a terra.



No princípio os holandeses cultivaram batata. Na foto a família Souilljee e trabalhadores safristas na colheita.



Travençolo demonstra a plantadeira manual de milho, chamada 'carrinho', que foi novidade para os holandeses no início da colonização.

CAPÍTULO XX

A industrialização

Os arados, cultivadores e outras ferramentas trazidas da pátria não funcionavam, pois não eram feitos para a terra gaúcha. Foi só a partir de 1953, com a chegada da família de Johannes Bernardus Stapelbroek, que logo ao chegar trouxeram uma bem equipada oficina mecânica, que muitos problemas foram resolvidos.

Conforme as exigências dos agricultores iam aumentando, a oficina se adaptava, remodelando e inventando novas máquinas. Na mesma época, Gerrit Jan Rauwers uniu-se a Stapelbroek e formou a sociedade Stapelbroek & Rauwers Ltda. Foi em 1956 que a junção dos nomes Stapelbroek e Rauwers, começou a fabricar famosos arados reversíveis com base no modelo trazido da Holanda por Frans van Vught. A partir de então foi inventada a capinadeira de rodas.

Eles trabalharam juntos até que em 29 de agosto de 1960, de comum acordo, resolveram dissolver a sociedade e cada um seguir o seu caminho.

Gerrit Jan fundou sua própria empresa denominando-a de Rauwers & Filhos, fabricando inicialmente os famosos arados reversíveis.

Johannes Stapelbroek, junto com os filhos Johannes, a esposa e Harrie, continuaram a empresa Stara, com o nome Stapelbroek Cia Ltda. Começaram fabricando máquinas agrícolas inventadas e aperfeiçoadas, lançando no mercado brasileiro a primeira capinadeira com rodas e braços flutuantes.



A Jan iniciou sua linha de produtos com o arado reversível que vendeu durante muitos anos.



foi o primeiro passo em inovação, criando a capinadeira

Implementos Agrícolas Jan S.A.

Fundada por Gerrit Jan Hermanus Rauwers em 29 de agosto de 1960, a G Jan Rauwers & filhos passou a atuar com consertos em geral e produção de arados e carretas.

Perseverante, Gerrit procurou aperfeiçoar o arado, acreditando no implemento como importante para a atividade agrícola da região. Em 1964 lançou-se à fabricação exclusiva de arados. Com o início da mecanização agrícola, o arado conquistou lugar importante no mercado e a empresa foi crescendo. Em julho de 1970, a empresa, que já tinha 60 empregados, passou a ser chamada "Implementos Agrícolas Jan Ltda.". Em 23 de julho de 1972, Rauwers inaugurou as instalações da nova fábrica, erguida em uma área de 5 hectares, acreditando que nunca mais precisaria construir ou ampliar sua indústria. Em 1973 a indústria passou a se denominar Implementos Agrícolas Jan S/A.

A indústria nunca parou de crescer e já naquela época veio a se tornar uma grande potência econômica para o município e para o Estado do Rio Grande do Sul, fabricando distribuidores de calcário, distribuidores pendulares, roçadeiras, trituradores de restos de cultura, arados reversíveis, arados subsoladores, carretas graneleiras e o famoso distribuidor de calcário, Jumbo Matic.

Jan, como todos o chamavam morreu em 23 de abril de 1978, mas seu legado permanece.

A indústria Jan ficou nas mãos do filho, Bernardus Rauwers e do genro Henricus Johannes Jacobus Rietjens, casado com Gerarda Maria – Mariam – que já era sócio com 25% da empresa desde 1970.

A Jan continuou crescendo, lançando produtos novos que sempre tiveram aceitação no mercado agrícola e contribuíram para solidificar a marca entre as grandes do Brasil. Mas a sociedade com Bernardus se desfez e a empresa ficou nas mãos de Henricus, sua esposa Gerarda e os filhos, Joni e Jerri.

Quando completou 50 anos de fundação (2010), a Jan estava instalada em 53.500 metros quadrados de área construída e iniciando a construção de mais uma unidade, com 25.000 m² de área, na entrada da cidade. Nesta área de 71 hectares, 21 serão ocupados pela nova fábrica e o restante destinado à área de preservação permanente e habitacional, onde serão erguidas pelo menos 200 unidades destinadas aos funcionários.

Desde 1984 a empresa também conta com uma agropecuária no município de Pium, no estado de Tocantins, onde produz gado e cereais.

Em 2011 o número de funcionários da Jan superou os 1.400. A indústria exporta seus produtos para 30 países em cinco continentes, além de fabricar componentes para empresas nacionais e internacionais que são referência no mercado agrícola. A Jan é uma das maiores empresas de Não-Me-Toque em produção, faturamento e geração de emprego.



Primeira instalação da empresa Jan, na esquina da Rua Fernando Sturm com Rua Pinheiro Machado.



Gerarda, Jerri, Joni e Henricus Rietjens: família transformou a Jan em uma das maiores empresas de Não-Me-Toque.



Duas das unidades Jan em Não-Me-Toque.

STARA

A Stara é a uma das maiores indústrias de máquinas agrícolas do Brasil. Começou sua história quando Johannes Bernardus Stapelbroek, 19 anos emigrado da Holanda para o Brasil, em 1949. Com sua esposa, Johanna Hendrika Assink Stapelbroek, e onze filhos, instalou-se em Holambra (SP), até o final de 1953, quando mudou-se para Não-Me-Toque (RS), quando se associou ao amigo Gerrit Jan Jan e juntos fundaram a oficina Stapelbroek, Rauwers & Cia. que durou até meados de 1960. A partir dali, cada sócio decidiu seu próprio negócio com os filhos. Stapelbroek ficou com a Stara (formada pelas iniciais dos sobrenomes Stapelbroek e Rauwers) e, junto com os filhos, Johannes, Harrie, Franciscus e continuou com a oficina. Assim, no dia 29 de agosto de 1960, a Stara, na época denominada Stapelbroek e Cia Ltda. Ainda nessa época Johannes e Harrie se identificaram com a atividade e permaneceram na sociedade.

Com o conserto de máquinas e implementos agrícolas, começou a desenvolver os primeiros produtos. Johannes Bernardus Stapelbroek e seus dois filhos criaram a primeira capinadeira do tipo com rodas, dirigível e com braços flutuantes, mostrando a capacidade inovadora, características que estão associadas à Stara.

Com os produtos criados pelas indústrias e à expansão da agricultura brasileira, em 1967 Não-Me-Toque já ostentava o título de Capital da Lavoura Mecanizada.

Em 1978 a Stara inaugurou sua nova área industrial, no local que possui e mantém sua sede. Stapelbroek morreu em 1981 e deixou a sociedade em 1982, em um momento crucial, mas a continuidade do negócio com o ingresso de capital e com a reorganização administrativa, mas sem ocupar cargo, fez com que passasse a se chamar Stara S.A. com capital minoritário de outros sócios.

Em 1984 Hanspohl ingressou na empresa em 1984, como auxiliar técnico. Foi responsável por levar os produtos Stara para as importantes regiões agrícolas brasileiras, inovando com o uso de demonstração nas lavouras. Mostrou capacidade, galgou

postos e entrou na sociedade em 1993, com pequena participação.

Em 1997 Harrie Stapelboek vendeu sua parte na sociedade e fundou sua própria empresa com os filhos, Alex e Fernando, e também no ramo de equipamentos agrícolas.

Em 15 de agosto de 2003, morreu Franciscus Stapelboek. A empresa passou pelo período de sucessão e em 2006, Susana Stapelboek, Renata Trennepohl e o marido Gilson Trennepohl, adquiriram a participação dos demais sócios, assumindo a direção e comandaram um salto de grande dimensão em tecnologia, produção e faturamento.

No ano 2000, a Stara criou o Projeto Aquarius, pioneiro na área da agricultura de precisão em escala comercial. Convidou parceiros na área de máquinas, universidade e insumos para provar a viabilidade desta nova ferramenta agrícola que impulsiona o desenvolvimento da tecnologia no Brasil.

A indústria não-me-toquense desenvolveu uma linha completa de produtos específicos para a agricultura de precisão, que visa ao aumento da produtividade, redução de custos com insumos e preservação do meio-ambiente. O projeto Aquarius e a tecnologia industrial da Stara respaldaram o projeto que concedeu ao município de Não-Me-Toque o título de Capital Nacional da Agricultura de Precisão, no ano de 2010. Com projeto de pesquisa voltado ao uso da agricultura de precisão e o desenvolvimento desta tecnologia acoplada aos seus produtos, a Stara nacionalizou toda a sua tecnologia na área e deu um salto mundial.

Em 29 de agosto de 2010, inaugurou uma unidade de fabricação de usinagem no município de Carazinho.

Neste mesmo ano, a Revista Exame relaciona a Stara entre as maiores e melhores empresas do Brasil como forte fabricante de tecnologia de agricultura de precisão. No ranking, a Stara aparece como o número 945 entre as 1000 melhores do Brasil e a número 232 entre as 400 melhores do agronegócio.

Em agosto de 2011, compra uma fábrica de tratores da Argentina, máquina que começa a ser fabricada com a sua marca e vendida mundialmente. Também planeja a construção de uma fábrica para a produção de tratores no Brasil, em dois anos. Na área de tecnologia, desenvolve equipamentos para aplicação a taxa variável, com custo em tempo real, e começa a apresentar os estudos de sensores

que aferece o mapeamento da textura do solo, capacidade de armazenamento de água, em tempo real, entre outros itens.

A revista Exame publica a sua edição das Melhores e Maiores empresas do Brasil e a Stara, pelo segundo ano consecutivo, é a melhor empresa da categoria Máquinas, Equipamentos e Ferramentas, além de estar entre as 50 maiores empresas do agronegócio na categoria Máquinas, ocupando a posição de número 32. Na categoria de Máquinas, ocupa o segundo lugar, sendo a primeira colocada no ranking de empresas correntes. Na classificação geral das 1.000 Melhores e Maiores empresas, a Stara sobe para a posição de número 789.

No âmbito municipal, a empresa é responsável pela maior contribuição para a formação do índice de retorno de ICMS.

Devido à marca associada à evolução constante, em 2011 a Stara possui 1.800 trabalhadores e tem a mais completa linha de produtos para o setor agrícola do Brasil, atende as linhas de preparo de solo, plantio, fertilização, pulverização, movimentação e colheita, além de tecnologia Exporta para 30 países, em cinco continentes.



Fábrica da Stara, em 1960, na Av. Dr. Waldomiro Graeff.

postos e entrou na sociedade em 1993, com pequena participação.

Em 1997 Harrie Stapelboek vendeu sua parte na sociedade e fundou sua própria empresa com os filhos, Alex e Fernando, a Star também no ramo de equipamentos agrícolas.

Em 15 de agosto de 2003, morreu Franciscus Stapelboek. A Star passou pelo período de sucessão e em 2006, Susana Stapelboek, Trennepohl e o marido Gilson Trennepohl, adquiriram a participação dos demais sócios, assumindo a direção e comandaram um novo rumo de grande dimensão em tecnologia, produção e faturamento.

No ano 2000, a Stara criou o Projeto Aquarius, pioneiro na área da agricultura de precisão em escala comercial. Convidou parceiros na área de máquinas, universidade e insumos para provar a viabilidade desta nova ferramenta agrícola que impulsiona o desenvolvimento da tecnologia no Brasil.

A indústria não-me-toquense desenvolveu uma linha completa de produtos específicos para a agricultura de precisão, que visa ao aumento da produtividade, redução de custos com insumos e preservação do meio-ambiente. O projeto Aquarius e a tecnologia industrial da Stara respaldaram o projeto que concedeu ao município de Não-Me-Toque o título de Capital Nacional da Agricultura de Precisão, no ano de 2010. Com projeto de pesquisa voltado ao uso da agricultura de precisão e o desenvolvimento desta tecnologia acoplada aos seus produtos, a Stara nacionalizou toda a sua tecnologia na área e deu um salto mundial.

Em 29 de agosto de 2010, inaugurou uma unidade de fabricação de tratores em uma usinagem no município de Carazinho.

Neste mesmo ano, a Revista Exame relaciona a Stara entre as maiores e melhores empresas do Brasil como forte fabricante de tecnologia de agricultura de precisão. No ranking, a Stara aparece como o número 945 entre as 1000 melhores do Brasil e a número 232 entre as 400 melhores do agronegócio.

Em agosto de 2011, compra uma fábrica de tratores da Argentina, máquina que começa a ser fabricada com a sua marca e vendida mundialmente. Também planeja a construção de uma fábrica para a produção de tratores no Brasil, em dois anos. Na área de tecnologia, desenvolve equipamentos para aplicação a taxa variável, com resultados em tempo real, e começa a apresentar os estudos de sensibilidade

que aferece o mapeamento da textura do solo, capacidade de armazenamento de água, em tempo real, entre outros itens.

A Revista Exame publica a sua edição das Melhores e Maiores empresas do Brasil e a Stara, pelo segundo ano consecutivo, é a melhor empresa de categoria Máquinas, Equipamentos e Ferramentas, além de estar entre as 50 maiores empresas do agronegócio na categoria de máquinas, ocupando a posição de número 32. Na categoria de equipamentos, ocupa o segundo lugar, sendo a primeira colocada no ranking de produtos corrente. Na classificação geral das 1.000 Melhores Empresas, a Stara sobe para a posição de número 789. No âmbito municipal, a empresa é responsável pela maior contribuição para a formação do índice de retorno de ICMS.

Devido à marca associada à evolução constante, em 2011 a Stara possui 1.800 trabalhadores e tem a mais completa linha de produtos para o setor agrícola do Brasil, atende as linhas de preparo de solo, plantio, fertilização, pulverização, movimentação e colheita, além de tecnologia Exporta para 30 países, em cinco continentes.



Fábrica da Stara, em 1960, na Av. Dr. Waldomiro Graeff.

Stahar

Em 1997, Harrie Stapelbroek vendeu sua participação na Stara empresa em que foi sócio fundador junto com o pai, Johannes Bernardus e com os irmãos, para fundar a Stahar & Cia. Ltda. - Stahar passou a produzir máquinas agrícolas junto com os filhos Alvaro, Fernando e Gabriela.

Harrie tornou-se um empresário de sucesso, mas tem uma história de lutas e dificuldades em sua bagagem. Quando os pais foram para o Brasil, em 19 de abril de 1949, trazendo os 11 filhos, tinham patrimônio algum, além de alguns instrumentos de trabalho, muita esperança.

A viagem de Holambra (SP) para Não-Me-Toque foi na caravana de um caminhão. Harrie tinha 13 anos de idade. No início, Johannes Bernardus Stapelbroek, firmou sociedade com Francisco Rauwers para fundar uma ferraria que servia para conserto de equipamentos agrícolas e reforma das máquinas trazidas na viagem, mais tarde, importadas da Holanda pelos imigrantes que começaram a trabalhar nas terras adquiridas dos moradores de Não-Me-Toque. A sociedade foi desfeita e em 29 de agosto de 1960, nasceu a Stahar & Cia Ltda, que ficou com o nome Stara. Os filhos começaram a ter maior participação no trabalho, especialmente Joseph, Harrie, Johannes, e a oficina já dava os primeiros passos na fabricação de implementos. Francisco preferia trabalhar na lavoura.

Com a morte do pai, Harrie e Johannes assumiram a Stara e Francisco retornou à sociedade em 1983, quando a Stara precisou de recursos para vencer dificuldades causadas pelos grandes investimentos na construção de uma nova fábrica e a economia brasileira sofrera uma forte crise. Harrie permaneceu na direção até maio de 1997, quando decidiu fundar a Stahar e retomar a Stara da Stahar & Cia. Ltda.

A Stahar iniciou produzindo produtos como comedouros para atender ao mercado agropecuário de gado de corte e de leite, mais o sistema de pulverização de arrasto, conquistando o mercado brasileiro.

No ano 2000, em novas e amplas instalações, lançou um modelo de pulverizador e uma plataforma para transporte de plantas.

...máquinas de colheitadeira, além de tanques de abastecimento. Amplando sua participação no mercado de máquinas agrícolas, Stahar produz peças para outras indústrias, em sistema de...



Stapelbroek ao lado da esposa Elisabeth e das filhas, seus sócios...



Stapelbroek fez o mesmo que seu pai e fundou uma empresa para... junto com os filhos.



Instalações da Stara em Não-Me-Toque no ano de 2011.



Fundição e usinagem em Carazinho, às margens da BR-201, em 1991.



Johannes da Stara, Johannes e Johanna Stapelbroek.



Susana e os filhos, a esposa Susana Stapelbroek Trennepohl e os filhos, Ana e Hécio fazem a gestão familiar da Stara desde 2006.

Herança empreendedora

Logo que chegaram em Não-Me-Toque, Maria Rauwers instalou uma lavanderia e firmou contrato para lavar as roupas dos internos do Ginásio São Francisco Solano. O governo holandês exigia um comprovante de que os emigrantes tinham renda no outro país. Só assim permitia a emigração.

Quando, em 1950, Maria Johanna van den Mosselaar se integrou à comunidade não-me-toquense, entra de sócia no negócio, incluindo sua máquina de lavar, que veio a somar-se às máquinas fabricadas por Gerrit Jan Rauwers. Durante vários anos, lavaram todas as roupas do Solano e de outras pessoas da cidade que buscavam este serviço, oferecendo emprego para seis funcionárias e aumentando assim a renda familiar.

Maria Souilljee, com 17 anos, era modista formada na Holanda. Ela costurava desde juponas femininas, vestidos de noivas bem elaborados a ternos masculinos, nos tamanhos infantil e adulto, para quase todos os holandeses. As filhas de Jan Rauwers andavam cinco quilômetros, a pé, para provar as roupas e aproveitavam o dia para brincar com as meninas da família Souilljee, voltando para casa só no final do dia. Para os pais brasileiros, era impensável meninas percorrendo sozinhas estas distâncias. Os holandeses não viam nada de mal nisto.

Pieter Jan Thomas Michels chegou em Não-Me-Toque, no ano de 1953. Inicialmente ocupava-se da lavoura que tinha adquirido junto com o irmão Thomas Antonius, em Arroio Bonito. Juntos também instalaram um moinho, que serviu à comunidade por muito tempo. Com o surgimento da agricultura mecanizada, Pieter Jan montou uma fábrica de implementos agrícolas e passou a dedicar-se, também, à fabricação de grades de discos, muito usados naquela época.

No início, ninguém tinha trator. Depois de algum tempo, alguns conseguiram comprar e outros ganharam de presente de familiares ou de amigos da Holanda.

No ano de 1960, os holandeses já demonstravam estar adaptados e acostumados com os usos e costumes brasileiros. Já não eram mais tão holandeses em seus hábitos e em sua forma de ser.



A lavanderia começou com as máquinas caseiras e chegou a ter seis vagas de emprego. Maria Rauwers e sua filha Johanna na lavanderia de propriedade das senhoras Rauwers e Van den Mosselaar.



Os irmãos Pieter e Thomas Michels adaptaram o arado de tração animal para poder usá-lo com o trator.

Cooperativa Agrícola Gaulanda

Habitados a trabalhar no sistema cooperativo na Holanda e por falta de um órgão que lhes facilitasse a compra de insumos e as vendas dos produtos agrícolas, os imigrantes se uniram em torno do ideal de fundar sua própria cooperativa. A concretização ocorreu após longos debates e negociações, com a aprovação dos estatutos da Cooperativa Agrícola Gaulanda Ltda. em 1952, conforme consta nos estatutos.

Art. 1º - Sob a denominação particular de Cooperativa Agrícola "Gaulanda," fica constituída, nesta data (9 de agosto de 1953), entre os abaixo assinados e os que de futuro forem regularmente admitidos, uma sociedade cooperativa de responsabilidade limitada, nos termos da legislação em vigor.

Art. 2º - A sede da Cooperativa será em Não-Me-Toque 2º distrito do município de Carazinho.

O nome GAU derivado de gaúcho e LANDA de Holanda, simbolizando a integração dos dois povos que a constituíam. O capital era dividido em quotas partes, com valor de um mil cruzeiros cada. As quotas partes subscritas pelos associados não podiam ser inferiores a sete mil cruzeiros, não havendo, porém, limite máximo de subscrição.

Foram sócios fundadores: Peter Matias Rietjens, Hermanus van Ass, Hermanus Teunissen, Petrus Uit de Willigen, Jacobus van Riel, Thomas Sanders, Franciscus J. B. Souilljee, entre outros.

Segundo Rudineia Scherer em sua dissertação de Mestrado (2004, cap.4.6), o imigrante Leonardus Phillipsen conta que as grandes questões discutidas no conselho, nos anos 1950-1960 giravam em torno de temas como: financiamentos aos produtores, importação de adubo, construção de depósitos, aluguéis de armazéns, preços mínimos dos produtos comercializados, estatutos, entre outros. Desta cooperativa participavam tanto holandeses quanto brasileiros.

A colônia sempre foi aberta ao convívio com o povo brasileiro. Isto favoreceu muito a integração dos imigrantes com os gaúchos. No início, a cooperativa estocava seus produtos, como adubo e insumos agrícolas, nas antigas salas de aula do colégio São José, que ficava na esquina da avenida Dr. Waldomiro Graeff com a rua Augusto Scherer.

A cooperativa ia bem. No decorrer do tempo, os associados conseguiram comprar uma área própria, na rua Alferes Rodrigo. Lá

construíram uma sede provisória. Dois caminhões levavam os produtos agrícolas a Porto Alegre trazendo insumos de lá.

Os imigrantes não-me-toquenses foram pioneiros em cooperativismo na região. Quando a Cooperativa Gaulanda deixou de existir, os agricultores se associaram imediatamente à Cooperativa Triticola de Não-Me-Toque (Cotrijal), que foi fundada em 14 de setembro de 1957.



Estatutos foram aprovados depois de muitos debates e a Gaulanda começou a funcionar em 1952.

COOP. AGRICOLA GAULANDA LTDA.
 RUA ME. YOGUE - Ita. G. de Sul
 Registro no R. 4.498 - Anexo R. 494

Nota de Fornecimento de Mercadorias N.º 103

1.ª VIA

Não está mais usado

Assinado: *F. S. Silva*

Quant. Unidade DESCRIMINACAO Preço unit. TOTAL

Quant.	Unidade	DESCRIMINACAO	Preço unit.	TOTAL
200	kg	Ureia 46	3,76	752,00
200	kg	Ureia 46	2,52	504,00
200	kg	Ureia 46	3,52	704,00
TOTAL GS				1.960,00

Assinado: *José Augusto*

As Notas de Fornecimentos mostram compra de insumos para correção do solo, em 7 de junho e 8 de setembro de 1954.



Associados em frente à sede da Gaulanda, na Rua Alfereis Rodrigo.

Início da prosperidade

Em 1954, a colônia recebeu a visita de alguns representantes da Embaixada Holandesa. Eles puderam constatar pessoalmente a situação deplorável em que algumas famílias viviam. Esta comissão, reunida com a diretoria da Associação Holandesa e chefes de famílias, recebeu pedidos para o envio de sementes, assistência técnica e financeira para o cultivo da batata. Também constataram que este grupo de ferrenhos trabalhadores da terra e zelosos praticantes da religião, com alguma ajuda econômica, poderiam vencer nesta região próspera e, a médio prazo, seriam independentes.

O pedido foi atendido. Durante alguns anos os imigrantes receberam as sementes. Isto era realizado através da Cooperativa Agrícola Gaulanda Ltda. Os interessados deviam fazer o pedido com bastante antecedência, pois a viagem de navio levava, às vezes, mais de vinte dias, e a encomenda precisava chegar bem antes do plantio, pois as sementes necessitavam ser inoculadas para proteger as plantas de várias doenças. Para que o tratamento tivesse o resultado desejado, as sementes eram lavadas e secadas, depois mergulhadas na calda preparada para a inoculação e, em seguida, eram novamente secadas, para posteriormente serem plantadas. Sem o tratamento a safra não era garantida.

A cultura da batata era tão nova na região que mereceu reportagem do jornal Noticioso, de Carazinho (20/12/1951), explicando todo o processo:

"Primeiro é preciso preparar a terra, ela é arada profundamente e adubada. As sementes de batatas foram misturadas - metade neerlandeses metade crioulas. A separação entre os pés deve ser de 70 centímetros. O adubo é também espalhado por cima da terra. Durante a florescência, Melis tem o cuidado de 'hibridar' as plantas, misturando ou transportando o pólen de uma para outra planta, o que garantia maior fortalecimento. Com esses cuidados, Melis obtinha 16 sacos de batatas por saco de planta. Vimos pés com mais de 20 batatas, sendo a média geral 18."

Para obter melhores preços, os imigrantes plantavam as batatinhas bem cedo, no início de agosto. Assim, tinham batatinhas novas para

venda bem antes dos outros produtores. Para proteger a plantação da geada, colocavam durante o dia montes de serragem em pontos estratégicos e, à noite, quando a temperatura baixava, acendiam a serragem que produzia bastante fumaça, protegendo as plantas. Alguns passavam uma corda pelas carreiras, para que as plantas ficassem em constante movimento, o que tinha o mesmo efeito.

Com o plantio de batatinhas, deram uma boa arrancada nos negócios, conseguiram liquidar as dívidas e alguns até compraram mais glebas de terra. Porém, o ciclo das batatas chegou ao fim, por causa de produtores da região de Pelotas (RS), que conseguiam produzir mais cedo, com custos inferiores aos de Não-Me-Toque e principalmente porque naquela região a composição da terra era mais arenosa, o que tornou o cultivo inviável para os holandeses.



Plantio de batatinha garantiu a primeira renda aos imigrantes, que até desenvolveram plantas híbridas.

Início da expansão agrícola e naturalização

A partir de 1965, iniciou-se o plantio de trigo e soja em grande escala e começou a ocorrer a falta de terra para expansão. Os filhos dos holandeses queriam progredir e começaram a arrendar terras dos agricultores locais, às vezes de vários proprietários, o que causava alguns transtornos de ordem econômica, bem como de praticidade. Começou a se repetir o que já havia acontecido nos anos 50, quando os agricultores não-me-toquenses vendiam suas terras, procurando outro lugar para viver. Agora o motivo era outro: as terras haviam sido recuperadas, mas os jovens tinham anseio de expandir a atividade.

Seguiu-se, então, o ciclo em que os grandes proprietários acabavam vendendo sua propriedade local e comprando ou arrendando áreas de campo maior, na região de Palmeira das Missões, Panambi, Giruá e Chapada (RS), alguns fazendo o mesmo, porém fora do estado, migrando para Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Tocantins e Maranhão.

Alguns filhos de imigrantes se depararam com outro problema. Para legalizar sua compra, precisaram naturalizar-se. A lei não permitia aos estrangeiros adquirirem terras em uma fração superior a 25% do território do município. Também a uma mesma nacionalidade estrangeira, a área fica limitada a 10% da área de um município.

A renúncia à nacionalidade holandesa implicava outras perdas, como benefícios sociais oferecidos pela Holanda aos seus cidadãos, entre eles:

- a) Em caso de doença, tem os mesmos direitos sociais que o holandês residente nos Países Baixos.
- b) Em caso de retorno aos Países Baixos, para fixar residência: 1) o governo municipal fornece um salário mínimo para a sobrevivência, conforme o número de pessoas que compõem a família; 2) o governo municipal cede uma casa para moradia; 3) para a compra de imóveis, o governo neerlandês faz um empréstimo por três anos. Caso o cidadão consiga quitar o valor neste período, recebe 50% de desconto.
- c) Os estudos são pagos pelo governo, inclusive o ensino superior.
- d) A assistência médica é paga pelo governo.

Mesmo assim, alguns optaram pela naturalização. Adquirindo a nacionalidade brasileira, era permitido participar mais ativamente da vida social, não mais ficando à margem como estrangeiro.

A maioria dos holandeses que deixaram Não-Me-Toque e seguiram para outras estâncias, foram bem sucedidos e trocaram alguns hectares de terra por milhares, longe daqui. É possível encontrar imigrantes e seus descendentes oriundos de Não-Me-Toque, espalhados por todo o Brasil, bem sucedidos e integrados, assumindo papel de liderança nas comunidades onde vivem.

A partir de 1960, a vida dos imigrantes começou a melhorar. Os holandeses gaúchos, ao contrário do que haviam experimentado em Holambra, logo se inseriram no mundo dos negócios, comprando e vendendo sua produção, cuidando de suas economias.

Quando o período de maior dificuldade econômica passou para os imigrantes, a tradição de enviar as moças para a escola doméstica foi retomada e algumas famílias puderam matricular suas filhas na Escola mantida pelas Irmãs de Notre Dame, na cidade de Espumoso (RS).



A prosperidade das famílias permitiu que as moças voltassem a frequentar a escola de formação. Na foto, turmas da escola doméstica Notre Dame de Espumoso (RS), em 1960. Entre elas, Elisabeth Rietjens, Maria van Ass, Cornelia van Riel e Maria Sanders.



Johannes Arnoldus Maria van Riel foi um dos que optou pela naturalização, conforme certidão.



Matias Michels migrou para o estado de Minas Gerais, município de Irai de Minas, e se tornou um produtor rural bem sucedido.

CAPÍTULO XXI

Visitas ilustres

No dia 4 de setembro de 1954, Não-Me-Toque recebeu a primeira visita de autoridades neerlandesas. Vieram o ministro Plenipotenciário Holandês para a Emigração, Dr. B. W. Haveman, seu assistente, Dr. Cornelius J. van Deern e o Dr. Frederico Schultz, do CME, este representando o governo do estado do Rio Grande do Sul, a mando da Rainha Juliana. Eles visitaram várias famílias e puderam constatar a precária e deplorável situação em que algumas viviam. Os imigrantes aproveitando a oportunidade, fizeram várias reivindicações, que foram atendidas apenas parcialmente.

Em 1957, o embaixador dos Países Baixos no Rio de Janeiro, Marc van Weed, visitou a colônia holandesa radicada em Não-Me-Toque.

Em 1959, a Colônia recebeu a visita do Príncipe Bernard, esposo da Rainha Juliana, que veio a seu mando. Chegou acompanhado do governador do estado do Rio Grande do Sul, Leonel de Moura Brizola, para averiguar a situação em que os imigrantes holandeses se encontravam. A programação da visita do Príncipe foi relatada pelo jornal "O Noticioso", de Carazinho, como segue:

- 10h30min. Chegada do avião especial da Força Aérea Brasileira, que conduz o Príncipe e sua comitiva, o Governador e seu secretariado ao aeroporto de Carazinho, onde devem estar postados autoridades, povo e colegiais.

- 11h. Chegada em Não-Me-Toque onde o ilustre itinerante será saudado pela aluna holandesa Ria van Vught, em frente ao Salão Paroquial, em seguida audiência privada, em recinto fechado, do Príncipe com as famílias holandesas.

- 12h30min. Visita à granja Sanders e passeio para ver de passagem

mais quatro granjas de holandeses.

- 13h30h. Churrasco com a presença de autoridades, pessoas mediante convite especial e povo em geral mediante inscrições prévias.

- 14h45min. Embarque novamente no Aeroporto de Carazinho, para retorno via Foz do Iguaçu.

Aproveitando o momento, a diretoria do Clube Holandês solicitou auxílio financeiro para criar um fundo hospitalar e créditos para a aquisição de mais terras, a fim de aumentar a renda das famílias e garantir a segurança em caso de doenças. Estes pedidos foram temporariamente concedidos, até que os holandeses conquistaram auto-suficiência econômica para dispensar este auxílio. Os créditos eram concedidos em dólares, o que rapidamente se mostrou inviável, por causa da inflação da época.

No regulamento dos sócios do "Fundo Hospitalar Príncipe Bernardo" lê-se o seguinte:

Artigo 1º - A associação é denominada "Fundo Hospitalar Príncipe Bernardo" com sede em Não-Me-Toque.

Artigo 2º - A - A associação tem por objetivo prestar auxílio a seus sócios e seus filhos menores de 16 anos, caso estes necessitem, conforme no artigo 13 será tratado mais detalhadamente.

B - O auxílio mencionado na letra A será concedido exclusivamente pelo Hospital Católico de Não-Me-Toque e pelo médico ligado a este Hospital.

Artigo 3º - A - Como membros da associação podem ingressar aqueles que pertencem aos neerlandeses que moram na região de Não-Me-Toque bem como seus descendentes que atingiram a idade de 16 anos, mediante aprovação da diretoria que por esta serão convidados.

Artigo 4º - Contribuição

Parágrafo 1º. A contribuição a ser paga pelos sócios será fixada na assembleia geral no fim de cada ano para o ano seguinte, para os descendentes mencionados no artigo 3, letra A. não será exigido pagamento.

Nesta época, quando o Embaixador e Cônsul Geral eram transferidos, a cada dois ou três anos, seu sucessor fazia roteiro de visitas a todas as colônias holandesas no Brasil, para inteirar-se da realidade de cada colônia.

O Cônsul Honorário de Porto Alegre, Hans Pieter Sterrenberg - no período de 18/11/1976 a 26/06/1989 - foi um visitante assíduo em Não-Me-Toque. Acompanhava a vida da colônia e sempre que

necessário, vinha para estender a mão a quem precisasse. Ele foi um pai para os imigrantes e junto com a esposa Sibyla (Billy), gostava de participar das festas promovidas pelos imigrantes. Com sua aposentadoria, foi sucedido por Wouter de Kroes, que atuou durante 15 anos - de 1989 a 2004 - e introduziu novamente a festa de São Nicolau, caída no esquecimento pelos imigrantes. Por vários anos, fez o papel de São Nicolau, doando posteriormente a roupa e os acessórios à Associação Holandesa, que deu continuidade à festa anual.

Por ocasião da visita da Rainha Beatrix, juntamente com o filho, o Príncipe Willem Alexander e a esposa, Princesa Máxima, ao município de Holambra I (SP), em 27 de março de 2003, membros da diretoria da Associação Holandesa de Não-Me-Toque, como das demais colônias holandesas no Brasil, foram convidados a participar de toda a programação.

No dia 17 de março de 2011, o presidente e integrantes da Associação Holandesa de Não-Me-Toque, juntamente com autoridades, receberam o Cônsul Geral do reino dos Países Baixos, Louis Piët, e o conselheiro para assuntos agrícolas da Embaixada do Reino dos Países Baixos, Bart Vrolijk, que estiveram em Não-Me-Toque para prestigiar o lançamento do Ano Holanda no Brasil. Isso aconteceu nos dias 17 e 18 de março de 2011. Na ocasião, o gerente regional da Empresa Brasileira dos Correios, Fábio de Lima Ribeiro, acompanhado do gerente da agência local dos Correios, Paulo Júnior Gomes da Silva, entregaram os selos comemorativos do Ano da Holanda no Brasil, que seriam utilizados pelo Governo Municipal de Não-Me-Toque em suas correspondências e também estendido para todo o Brasil. O evento é comemorativo aos cem anos da imigração holandesa em Carambeí (SC) e envolveu todas as colônias no Brasil.

Nesta noite, as famílias dos imigrantes holandeses que ainda tinham membros residindo em Não-Me-Toque, foram homenageadas com certificado conferido pelo prefeito municipal, Antônio Vicente Piva, em jantar em honra do Cônsul Geral dos Países Baixos.

Também fez parte da programação em Não-Me-Toque, no dia 18 de março, a inauguração do Monumento ao Imigrante, instalado no trevo do acesso sul da cidade, entre a Avenida Guilherme Augustin e Avenida Stara. A obra em pedra jaspé preta foi esculpida pelo artesão Valdir Paulo de Souza, na cidade de Soledade. O casal de imigrantes,

vestindo roupas do período de 1950, da região sul da Holanda, pesa 3,8 toneladas. A obra foi custeada pela Associação Holandesa, e o pedestal foi construído pela Prefeitura.



O Príncipe Bernard veio acompanhado do governador Leonel de Moura Brizola para averiguar a situação dos imigrantes. Um dos locais visitados foi a propriedade dos Sanders, em 1959.



Hans Pieter Sterrenberg, primeiro da direita para a esquerda, foi um visitante assíduo em Não-Me-Toque e grande apoiador dos imigrantes.



Wouter de Kroes introduziu novamente a festa de São Nicolau na colônia holandesa em Não-Me-Toque e assumiu a representação do personagem durante um período.



Cópia do convite da visita da Rainha Beatrix ao Brasil, em Holambra, no ano de 2003.



Rainha Beatrix em conversa com diretor-presidente da Jan, Henricus Rietjens, durante visita à Holambra em 2003.



O Cônsul Geral do Reino dos Países Baixos, Louis Piët, e o conselheiro para assuntos agrícolas da Embaixada do Reino dos Países Baixos, Bart Vralijk, estiveram em Não-Me-Toque no lançamento do Ano da Holanda no Brasil, em março de 2011. Cornelia van Riel acompanha os visitantes na mostra fotográfica em homenagem aos imigrantes.

CAPÍTULO XXII

Imigrantes que se destacaram na comunidade

Todos os imigrantes se empenharam muito em benefício da colônia holandesa de Não-Me-Toque. A imigração tinha que ter êxito. Os pioneiros não podiam admitir que depois de tantas dificuldades, também esse empreendimento fracassasse e tivessem de retornar ao país de origem, humilhados e fracassados, para depender da bondade de amigos e parentes ou da assistência pública.

Todos se uniram em torno de um mesmo ideal: o sucesso da imigração holandesa em Não-Me-Toque. Para isso, deram tudo de si. Nesta história, algumas pessoas se destacaram pela liderança. Já nos primeiros anos de permanência, é consenso o reconhecimento ao empenho dos padres missionários holandeses e do frei Olimpio Reichert.

Na sequência, vem os personagens que viveram a imigração, cuja atuação está gravada na história de vida, na história do município que os recebeu e também na memória dos familiares que permaneceram na Holanda.

Alguns deles tiveram seus feitos reconhecidos com honrarias públicas, porém, muitas pessoas não mencionadas nesta obra, desempenharam importante função de liderança em entidades comunitárias, como na Apae, Associação Comercial, Escoteiros Guardiões da Nascente, Comunidade Católica Cristo Rei, CTG Galpão Amigo, Cotrijal, Lar do Idoso São Vicente de Paulo, entre outras.

Jacobus van Riel

Jacobus van Riel, nascido em 29 de agosto de 1901, casado com Maria Josephina Vingerhoeds, nascida em 21 de junho de 1905, ambos na cidade de Diessen, Província de Noort Brabant Holanda, por vários anos exerceu o cargo de vereador e função de presidente do Poder Legislativo Municipal, substituindo o prefeito em algumas ocasiões, em seu país de origem.

Com Jacobus, Antonius Johannes Assink, Theodor, Hermanus, Hubert van Ass, Pietje Uit den Willigen e Franciscus J. B. Souilljee foram alguns dos pioneiros que mais se empenharam na organização social e econômica da colônia. Nessa época, merece destaque a criação da Cooperativa Agrícola Gaulanda Ltda., que teve aprovados seus estatutos, em setembro de 1953. Após muitas reuniões e debates, Jacobus van Riel foi escolhido para ser o primeiro presidente da Cooperativa Gaulanda, conforme comprovam as cartas publicadas a seguir, guardadas no arquivo pessoal da filha, Cornélia Souilljee, que se tornou van Riel com o casamento.

Jacobus mantinha intensa correspondência manuscrita com autoridades e imprensa da terra natal. Primeiramente escrevia um esboço em um caderno que guardava para si. Depois copiava a carta e a remetia ao correio naval. Muitas vezes, ela levava meses para chegar ao destino.

Em setembro de 1955, ajudou a criar o clube holandês sob a denominação "Na União a Força". Mais tarde, o clube passou a chamar-se Associação Rural Neerlandesa e por fim, Associação Holandesa de Não-Me-Toque.

Foi graças ao empenho de Pietje (Petrus) Uit den Willigen, cujos parentes eram produtores e exportadores de semente de batatas na Holanda e ao apoio da Embaixada Neerlandesa no Rio de Janeiro, que a Cooperativa Gaulanda conseguiu importar as sementes de batatas que deram o primeiro grande impulso à economia dos imigrantes.

Vossa Senhora me pediu sobre o preço de um sítio aqui. Seguem a seguir os nomes e quantidades.

IMIGRANTE	ÁREA	IMOBILIZADO	VALOR
Azileck	37 ha	com benfeitorias e moradia	50 contos
Theurissen	40 ha	com benfeitorias e moradia	100 contos
Fr. V. Spreuvel	24 ha	com benfeitorias e moradia	43 contos
Jac v. Riel	52 ha	com benfeitorias e moradia	95 contos
J. Daandels			
v. Herk	32 ha	com benfeitorias e moradia	70 contos
Sanders	24 ha		43 contos
Jansen	24 ha		65 contos
Uit de Willigen	64 ha		110 contos
Van Aas	28 ha		50 contos
Spreuwenberg	40 ha		120 contos
Fr. van Esch	15 ha	benfeitorias, moradia e plantação	38 contos
J. Frenken	18 ha	com benfeitorias	36 contos
Imões Michels	36 ha	benfeitorias e investimentos	100 contos
Imões Rietjens	48 ha	com benfeitorias	50 contos
Wim Nobel	14 ha	com benfeitorias	30 contos
Th. Meis	14 ha	com benfeitorias	por nada
Soullier	24 ha	com benfeitorias	30 contos
Brouwers	24 ha	benfeitorias, plantação e gado	67,5 contos
Hogenelat	16 ha		33 contos
Total	584ha		

São 22 famílias, além destas, temos quatro famílias que moram na vila e não são agricultores, totalizando 195 pessoas. Todas moram dentro de um raio de uma hora de distância de Não-Me-Toque.

Aqui, tem sítios suficientes para comprar por 2 contos o hectare. Porém, o preço também está subindo. As pessoas enxergam que na sua terra esgotada ainda pode crescer alguma coisa, mediante um bom preparo e um pouco de adubo. Estas pessoas migram para as regiões das matas em outros estados, onde, com trabalho manual, podem plantar de novo alguns anos sem adubo e pouco preparo. Eles conhecem pouco o uso de adubo (aqui tem adubo para comprar), existe falta de alimentos e para o escoamento não tem perigo, as estradas estão melhorando.

O primeiro grupo que se instalou aqui em Não-Me-Toque depois de dois anos está livre. Depois de um início austero, possuem hoje 584 hectares, que custaram 1.120,5 contos. Esta superfície custa hoje na fazenda (Ribeirão) com casa e benfeitorias 9.122 contos. Eu não consigo entender o que fizeram com todo o capital. Devia ter um barril sem fundo.

Stapelbroek também deve ter perdido tudo. Wim (o filho mais velho), ainda é empregado na fazenda, e a família pretende ir junto para o Paraná. Se ele ainda pudesse, teria vindo também para Não-Me-Toque.

Os estatutos da nossa Cooperativa também receberam aprovação do Estado. Nossa cooperativa conta atualmente com 39 membros. Para a diretoria me escolheram para presidente. P. Uit de Willigen, como gerente;

Cartas de Jacobus (Sjaak) van Riel

Não-Me-Toque, 22 de março de 1953.

Prezada família Roozen.

Recebemos sua carta no gozo de boa saúde e com muita alegria. Em Netherland (na Holanda) existe grande escassez de terra, prova sua enorme valorização. Pensávamos que tínhamos vendido nossa terra muito cara, na época, mas comparando com agora, não era nem meio preço. O que para muitos emigrantes foi pior é aquilo que aconteceu aqui no Brasil, na Fazenda Ribeirão. Todos depositaram com grande confiança a totalidade dos seus bens nas mãos de um idealista, trabalharam quatro anos com toda capacidade. Agora, com quase nada, tiveram que recomeçar num país estranho. A cooperativa Holambra, com um poder desconhecido, econômico e intelectual, hoje é um fracasso.

Sessenta e três famílias estão espalhadas pelo Brasil, muitas levam uma vida com muita escassez e dificuldades, já se mudaram até cinco vezes. Se pudéssemos ter começado logo, independente, e como autônomos (sem agrônomo ou economistas), com nada mais que nosso próprio dinheiro. Então, acredito que praticamente todos poderiam ter sua empresa rural livre de dívidas, ao contrário do que ocorre agora, depois de quatro anos, a fazenda ainda está desesperadamente no fundo do poço e 63 famílias estão espalhadas pelo Brasil, com o mínimo de recursos, passando necessidades.

Os que não assinaram o "Documento de janeiro de 1951" (que todos foram obrigados a assinar sob ameaça de serem expulsos da fazenda sem recursos) tinham boas esperanças, pois encontraram forças e proteção com os padres holandeses, Adriano e Verhulst, que atuavam na região de Campinas, com os quais os imigrantes tinham amizade. Também os padres carmelitas lhes prestaram auxílio com um bom advogado. Porém, sabem o que aconteceu? Estes padres foram transferidos para outro Estado, portanto, impotentes para a luta na fazenda. Agora, quebrou a força. Hogeboom (superintendente da cooperativa) encontrou um padre - ou melhor, eles se encontraram - que ajudará a resolver o negócio. Os que não assinaram o tal documento foram para Paraná. Ultimamente, Não-Me-Toque estava muito movimentada. Aconteceu que chegaram sete pessoas ao mesmo tempo para comprar terra. Assim estaremos entre agora e em alguns meses morando aqui com 26 famílias holandesas.

como secretário José Reichert. Para o conselho fiscal, Antonius Assinck, Hermann van Ass e Aloisio Friedrichs. Este último é brasileiro de descendência alemã. Todos juntos seremos vigilantes para que esta cooperativa não seja como na Fazenda Ribeirão. Nosso Pároco externou que nossa cooperativa será no futuro um bloco poderoso por todo o Rio Grande do Sul. Vamos nos esforçar em oração e trabalho na esperança do sucesso que vai dar.

Estamos muito bem, moral e financeiramente. Não posso deixar de louvar minha mulher e meus filhos com seu heroísmo, coragem e perseverança nesta época muito difícil que deixamos para trás. Com grande confiança em Deus, continuamos a vida. Agora que a cooperativa foi aprovada a emigração da Holanda para cá pode também legalmente seguir caminho.

Se seu filho tem vontade de vir para o Brasil, não tem necessidade de trazer uma esposa. Porém, quanto mais material possível melhor.

Em Não-Me-Toque vivemos em uma boa comunidade de Igreja. Vamos tentar guardar a paz e a união e formar um grupo saudável para sustento da igreja e sociedade. Pede como é aqui em Não-Me-Toque para Riekske Theunissen, ela se encontra na Holanda a passeio.

Até a próxima vez e saudações a todos os moradores de Diessen, de todos os antigos moradores de lá, em especial, de seu inesquecível amigo, a todos seus familiares.

Jac van Riel

Famílias Holandesas que moravam em Não-Me-Toque

AGRICULTORES - Jan Jansen - Wim Brouwers - Thomas Sanders
- Kees van Herk - Frans van Spreeuwel - Jan Daandels - Jan Winters
- Herman Theunissen - Piet uit de Willegen - Herman van Ass - Jacobus van Riel - Theo Melis - Wim Nobel - Cor van Schaik - Frans J. B. Souilljee - Wim Saedt - Toon Assinck - J. M. L. Spreewenberg - Theo Rauwers - Van der Ploeg - P. Jan Frenken - Klaas Rietjens - Lambertus Rietjens - Toon Michels - Jan Michels - Harrie de Bruin - Frans Vorselen
- G. Blanken - A. Frans van Esch - Jan Giesen - Jan Rietjens.

FERREIRO - Jan Stapelbroeck

SOLDADOR - Jan Rauwers

MECÂNICO - Theo Raurwer

SAPATEIRO - Jan van den Mosselaar

Trecho da carta de Jac van Riel aos amigos holandeses

Não-Me-Toque julho de 1953

Amigos na antiga Pátria,

Após as costumeiras saudações Sjakske (por ser uma pessoa de estatura baixa e estrutura física delgada, Sjaak era popularmente chamado pelo diminutivo de seu nome) comenta que as condições atmosféricas em Não-Me-Toque são boas. O trigo a cevada e a aveia estão muito bonitos. As batatas são muito caras até 7 Cruzeiros ao quilo. Quase não tem batatas a não ser com os holandeses. Os imigrantes que estão aqui há dois anos aproveitam disso, porém os que chegaram este ano precisam adquirir sementes caras. Mas penso que o preço no próximo ano ainda continuará assim, pois os brasileiros as consideram muito caras para plantar, juntando-se a isso ainda o adubo, cujo preço também é alto. Se a pessoa, mesmo assim, decide plantar, ainda obtém uma boa margem de lucro.

Só para ilustrar, uma pequena área experimental de 70 ares (equivalente a 7 hectares), em 14 meses, com três culturas principais e uma para adubação verde para conservar a fertilidade do solo, rendeu 33.500 Cruzeiros. No dia primeiro de março 1952, plantamos batatas; no fim de maio colhemos; início de junho semeamos trigo, que colhemos início de novembro; meados de novembro plantamos feijão-soja para adubação verde, que foi incorporado no início de fevereiro. No mês de março plantamos novamente batatas que colhemos início de maio. Na mesma área, no início de junho, plantamos trigo que no momento está muito bonito.

Assim, se pode aqui durante todo ano arar, semear e colher. Estamos sempre muito ocupados, mas é uma boa solução. Este ano, nossa terra rendeu mais do que ela custou no total. Já construímos um chiqueiro novo para 50 porcos e estamos construindo um galpão novo com uma superfície de 14 por 15 metros, a área central é de seis metros de largura, em cada lado um puxado de quatro metros. Num lado para o gado e no outro lado para adubo e cereais. Em Não-Me-Toque, há bom progresso. Na última carta escrevi que o total de área dos emigrantes era de 584 hectares. Hoje este número subiu para 835 hectares. Se recebêssemos nosso dinheiro da fazenda (Ribeirão), esta superfície poderia dobrar. Vivemos com boa esperança."

Não-Me-Toque 21 de setembro de 1953

Excelentíssimo Senhor,

Possa esta bastar como resposta às muitas correspondências enviadas a nós por vossa Senhoria. Em reunião no último dia 13 de setembro, em conjunto, tomamos conhecimento da comunicação fornecida por vossa Senhoria e muito apreciada por todos nós. Com muita satisfação, nos colocamos à disposição para receber o folheto quinzenal "Onder Ons" (Em Nosso Meio). A comunidade holandesa conta hoje com 35 famílias. Gostaríamos que todas fossem contempladas. Da nossa parte, enviaremos todos os acontecimentos extraordinários para registro. Hoje recebemos uma coleção de revistas e literatura profissional, pelo qual agradecemos sinceramente.

Queremos ainda agradecer pela sua mui apreciada visita à nossa colônia. Todos estão muito bem. Constantemente o número de sócios da Cooperativa aumenta, na semana de 13 a 20 de setembro, inscreveram-se mais cinco novos membros, três holandeses e dois brasileiros. O andamento dos negócios é satisfatório.

As condições climáticas são muito favoráveis, os trigais estão florescendo. As manchas da antiga terra esgotada ainda são visíveis nos trigais. Nas lavouras de campo nativo, como as dos Theunissen, estas manchas não ocorrem.

Cordiais saudações e os melhores votos a toda Embaixada, da nossa Colônia Holandesa, e de todos os membros da Cooperativa Gaulanda.

Jac van Riel



Na função de presidente do Poder Legislativo Municipal, Jacobus van Riel substituiu o prefeito em algumas ocasiões, no município de Diessen. O uso da corrente marcava a sua condição de prefeito nos eventos oficiais.



Jacobus van Riel, ao lado da esposa Josephina, foi um incentivador da permanência dos holandeses em Não-Me-Toque.

Johannes Bernardus Stapelbroek

Johannes Bernardus Stapelbroek nasceu em 25 de novembro de 1897, em Diessen, Província de Brabant (ND), e casou-se com Johanna Hendrika Stapelbroek Assinck. Aos 58 anos, em 1949, emigrou da Holanda para o Brasil. Com ele veio a esposa e os onze filhos: Wilhelmus, Wilhelmina, Anna, Marie, Hendrika, Johannes, Franciscus, Joseph, Agnes, Harrie e Terezia, a mais nova, com 7 anos de idade. Até o final de 1953, a família permaneceu em Holambra (SP), quando mudou para Não-Me-Toque (RS), onde logo se integrou à colônia.

Stapelbroek firmou sociedade com Gerrit Jan Rauwers, desmembrada em 1960, e criou a Stapelbrek & Cia. Ltda., empresa que deu origem à Stara.

Junto com Jacobus van Riel, elaborava relatórios e listas sobre a situação e as atividades dos imigrantes holandeses nesta terra. As listas eram remetidas à Embaixada da Holanda no Rio de Janeiro e às autoridades do país de origem para pleitear atenção e ajuda do governo holandês, além de mostrar o progresso local dos imigrantes. Os dois incentivavam os mais pessimistas a continuarem em Não-Me-Toque, infundindo otimismo e esperança no futuro da colônia holandesa.

Pelos relevantes serviços prestados à Colônia Holandesa de Não-Me-Toque, a Rainha Juliana, Grã Mestre da Ordem de Oranje-Nassau, decidiu nomear Johannes Bernardus Stapelbroek, "Cavaleiro da Ordem de Oranje Nassau", no dia 14 de abril de 1971. Ele recebeu a homenagem das mãos do cônsul dos Países Baixos, instalado em Porto Alegre, Hans Pieter Sterrenberg.

Igual honraria prestou o governo do município de Campo Real (nome de Não-Me-Toque na época) ao conceder o título de Cidadão Honorário aos imigrantes Johannes Bernardus Stapelbroek e Gerrit Jan Hermanus Rauwers, pelos relevantes serviços prestados à comunidade de Não-Me-Toque. A iniciativa do prefeito Luiz Rudi Becker consta na Lei Municipal nº 669, promulgada em 13 de junho de 1977.

O título de Cidadão Honorário foi entregue a Johannes Bernardus Stapelbroek, no dia 3 de março de 1978, na presença de vereadores e do prefeito Luiz Rudi Becker; do Barão Gerhard Wolter Bentinck, na ocasião Embaixador Extraordinário do Reino dos Países Baixos

no Brasil; de Eduart Belarts Zan Blokland, Cônsul Geral da Holanda no Brasil; Hans Pieter Sterrenberg, Cônsul da Holanda no Rio Grande do Sul, além de outras autoridades locais. Durante os discursos de homenagem, o vereador Harry Alberto Erpen, orador oficial do Legislativo, desejou que o Embaixador fosse testemunha da grande estima e amizade que imperava em Campo Real (Não-Me-Toque) entre os brasileiros e os imigrantes holandeses.

- Seus compatriotas nos legaram grande exemplo de trabalho exaustivo e produtivo, e lhes somos reconhecidos por isso – afirmou o vereador Harry Erpen.



Titulo Cavaleiro da Ordem de Oranje Nassau concedido pela Rainha Juliana ao patriarca Johannes Stapelbroek

Nederlandsche Kolonie - Campo Real.

1951: Begonnen met 5 boeren met een besit van drie tractoren, waarvan er nog een uit nood verkocht moest worden.

1969: 10 boerenbedrijven waarop 38 gezinnen.

	1952	1962	1968	1969	maart 1970	Junij 1971
tractoren	5	58	71	93	118	138
ploegen	5	60	73	85	111	116
schijfeggeh	1	26	54	77	97	124
saaimachines	-	12	37	40	57	65
ondergronder						25
schoffelmachines	-	-	33	40	56	67
sproeimachines	-	-	33	35	46	54
niveauploegen	-	-	-	5	7	7
kalkstrooiers	-	-	-	9	11	23
vrachtwagens	-	5	8	9	8	13
tractorwagens/kar	-	15	27	36	43	52
kombijns	-	14	31	44	55	55
rebocades	-	16	1	-	-	-
wagenschaaf	-	-	3	12	12	18
kombis	-	14	26	12	9	8
camionet	-	-	-	26	35	35
luxe autos	-	-	6	8	12	19
land eigendom	947	1 835	3 351	4 444	5 370	10 003
gehuurd land	-	315	4 878	8 656	10 497	10 531
tarweoogst 60 kg.sak	-	-	-	82 679	147 007	255 865
soja 60 kg.sak	-	-	-	124 005	179 760	276 916
boekweit	-	-	-	750	680	-
havert	-	-	-	1 000	60	160
mais	-	-	-	6 900	5 400	6 000

Naar schatting 75% van het land in cultuur. Fabriek: STARA maakt schoffelmachines, zware en lichte schijfeggeh, tandeggen achter saaimachines en voor onkruidbestrijding en ondergronders enz.

FABRIEK: JAN- Ploegen, wentelploegen van 2,3 en 4 schijven

FABRIEK: NICHKIS- Lichte schijfeggeh en reparatie.

Twee reparatie werkplaatsen.

Opmerking: op e 3 maart 1971. ruim 8.500 ha eigendom land met bebouwing, schuren voor 35 bedrijven en voor 41 boerengezinnen.

Cópia de uma das listas encaminhadas à Embaixada por Stapelbroek.

Gerrit Jan Hermanus Rauwers

A entrega do título de Cidadão Honorário do Município de Campo Real ao imigrante Gerrit Jan Hermanus Rauwers se concretizou em Sessão Solene realizada na sala de Sessões da Câmara Municipal de Vereadores no dia 9 de julho de 1977.

O homenageado pelo Município de Campo Real (nome do município de Não-Me-Toque na época), filho de Bernardus Johannes e Gerarda Rauwers, nasceu em 22 de março de 1912, na cidade de Winterwijk, Holanda. Aos 13 anos de idade, já ingressava na Escola Técnica Especializada de Soldas e com mais três anos de curso superior, especializou-se em desenho.

Durante um ano prestou serviço militar no Exército, em Ede. Continuando os estudos, conseguiu mais três diplomas em solda e trabalhos metal-mecânicos, correspondente à engenharia mecânica. Aos 25 anos casou-se com Maria Alberta de Keyzer.

Durante onze anos trabalhou no projeto do canal de Amsterdam-Reno. Foi sub-oficial do exército, por um ano, durante a Segunda Grande Guerra, atuando contra a Alemanha. Ficou prisioneiro das tropas de Hitler, durante oito semanas e foi dado como morto. Sua mulher, Maria Alberta, procurou-o, incansavelmente. Percorreu 200 quilômetros, de bicicleta, até encontrá-lo em uma fazenda quase sem acesso. Terminada a guerra, Gerrit Jan Rauwers sentiu vontade de deixar a Holanda.

A decisão de emigrar para o Brasil, diretamente para Não-Me-Toque, surgiu a partir de correspondências com o Frei Marcolino Melis, no ano de 1948. Diretor do Ginásio São Francisco Solano, frei Marcolino informou que havia muito a ser feito nesta terra.

O embarque da família Rauwers - Gerrit, a mulher Maria Alberta e três filhos, Bernardus Johannes Hendrikus, Johanna Maria Alberta e Gerarda Maria Rauwers - ocorreu no mês de dezembro de 1948 e o desembarque no dia 15 de janeiro de 1949, no Porto de Rio Grande (RS). Neste mesmo navio vieram as famílias de Jan Rietjens, Theunissen e Thomas Sanders. Antes deles, um grupo de rapazes havia embarcado rumo à Holambra, entre eles, Wilhemus Stapelbroek e Jan Rietjens.

Jan Rauwers não quis ir para Holambra e preferiu o convite do frei Marcolino Melis, que era irmão de seu cunhado, Theo Melis. Este

frei estava à espera das famílias no porto e já tinha acertado trabalho para Gerrit.

As famílias foram alojadas no Ginásio São Francisco Solano. A mãe ajudava na cozinha e lavava roupa. A primeira casa da família, alugada, ficava próxima ao Hospital de Caridade, onde permaneceram até adquirir casa própria, na Rua Fernando Sturm, esquina com a Pinheiro Machado. A área foi adquirida por 300 contos. O cunhado, Theo Melis, adquiriu terras na localidade de Mantiqueira.

Maria Alberta se apavorou com a falta de conforto e infraestrutura. No lugar, não havia água potável, os sanitários eram latrinas, a água precisava ser puxada com baldes, inclusive para o chuveiro de latão.

O casal não teve dificuldade de se relacionar com os moradores de Não-Me-Toque. Mesmo falando holandês, conseguiam comunicar-se com os vizinhos que falavam alemão. Maria Alberta nunca aprendeu a falar o português, mas mesmo assim, manteve a lavanderia – empresa que criou em sociedade com Maria van den Mosselaar, durante dez anos.

Inicialmente Rauwers trabalhou por seis meses nas Indústrias Fritz, em Carazinho. Depois trabalhou em sociedade com Elinor Kirinus, na fabricação de camas hospitalares, mesas cirúrgicas, cadeiras para dentista, máquinas de lavar roupa, entre outros equipamentos. O objetivo era atender às necessidades do Hospital Sagrada Família (que já foi chamado de Sociedade Hospitalar Alto Jacuí e por último Hospital Beneficência Alto Jacuí) e especialmente do Hospital de Caridade (inicialmente denominado Sociedade Beneficente Sagrada Família), que estava em construção.

Em 1954 Rauwers firmou sociedade com o também imigrante, Johannes Bernardus Stapelbroek, desenvolvendo serviços de ferraria, conserto, dando os primeiros passos para a criação de seus próprios implementos agrícolas. Em outubro deste mesmo ano, nasceu o filho brasileiro, João Bernardo.

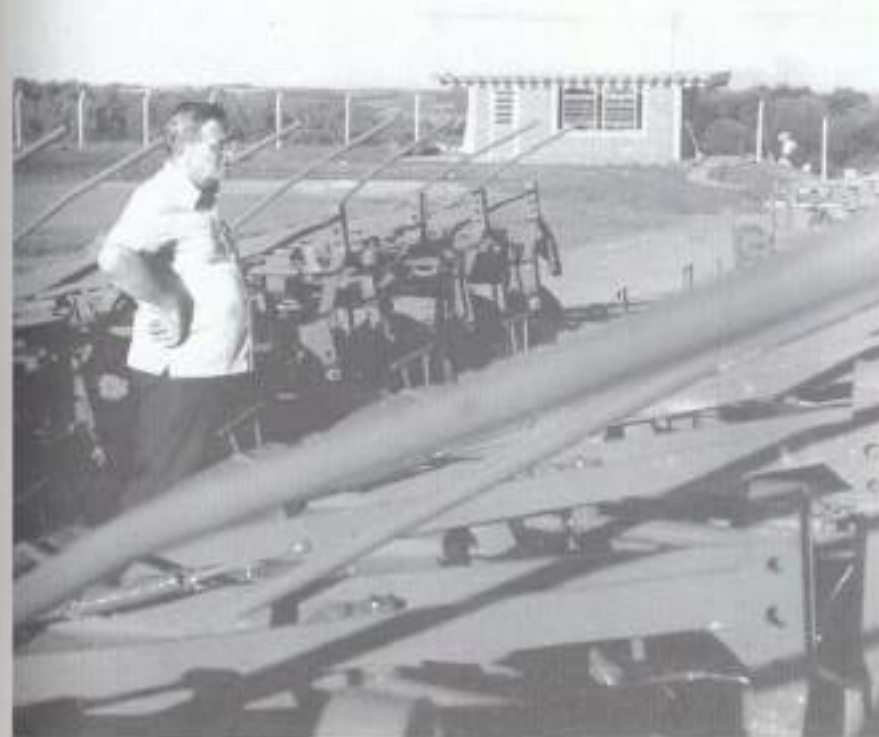
O ano de 1957 marcou tristemente a vida da família Rauwers. Um incêndio destruiu tudo o que haviam construído, deixando a família sob o teto da bondade de amigos. Foram obrigados a separar-se e ficar hospedados nas casas das famílias locais e de outros imigrantes durante três meses. Os pais, junto com o irmão mais velho, alojaram-se na lavanderia. Um grande mutirão ajudou a reconstruir a casa.

Em 29 de agosto de 1960, desfeita a sociedade, por acordo, criou sua própria firma, G Jan Rauwers & Filhos, para consertos em geral e produção de arados e carretas. A empresa veio a se tornar uma das maiores de Não-Me-Toque, com uma marca reconhecida no mercado brasileiro e internacional. A Jan está presente com seus produtos em 30 países e em cinco continentes.

Jan, como todos o chamavam, morreu em 23 de abril de 1978, tornando-se um exemplo de vida, de perseverança e de dinamismo, justificando plenamente o título de Cidadão Honorário conferido pela Câmara Municipal de Vereadores, na gestão do prefeito Luiz Rudi Becker e do vice-prefeito Willibaldo Hoffmann.

Também foi aprovada, em homenagem a Gerrit Jan H. Rauwers, em 11 de maio de 1998, a lei que denomina de “Rua Jan Rauwers” a via pública de código nº. 565, no Loteamento Ely, em Não-Me-Toque.

Mais sobre a vida de Gerrit Jan Rauwers encontra-se no capítulo Implementos Agrícolas Jan S/A.



Gerrit Rauwers diante da produção de arado da Jan.



Gerrit Jan Hermanus Rauwers, a esposa Maria Alberta e os três filhos nascidas na Holanda: Bernardus Johannes Hendrikus, Johanna Maria Alberta, Gerarda Maria Rauwers. No colo do pai, João Bernardo (Jan), nascido no Brasil.

Cornélia M. J. van Riel

Cornélia Maria Josepha van Riel, filha de Franciscus Johannes Bernardus Souilljee e Theodora Souilljee Arts, chegou ao Brasil em 10 de janeiro de 1952, no porto do Rio de Janeiro, e em Não-Me-Toque, em 31 de janeiro de 1952. Em 1977, como esposa do então presidente da Comunidade Católica Cristo Rei, Johannes van Riel, e juntamente com Betsie van Lieshout e Helena van den Mosselaar, cujos esposos integravam a mesma diretoria, criou a Assistência Social Cristo Rei. O serviço voluntário arrecadava donativos na comunidade e repassava alimentos não perecíveis, uma vez por semana, à população carente da cidade, previamente cadastrada. Também entregavam peças de vestuário e cobertores, pelos quais cobravam um valor simbólico que era revertido em mais alimentos, novamente repartidos entre os mais necessitados.

No ano de 1982, quando foi criado o Núcleo de Voluntários da Legião Brasileira de Assistência Social (LBA) em Não-Me-Toque, Cornélia foi convidada a assumir como diretora voluntária, um cargo que exerceu durante sete anos.

Como primeira-dama, em 1993, assumiu como voluntária no Setor de Ação Social da Prefeitura e criou o Centro de Educação Integrada (CEI), com atividades profissionalizantes para jovens e adultos, como: a Marcenaria São José, a horta comunitária no Bairro Santo Antônio, a Padaria do CEI com vendas de pães, bolachas e cucas para a população. Criou grupos de gestantes e idosos, o curso de auxiliar de serviços domésticos, cursos de corte e costura, confecção de acolchoados, fiação de lã, cursos já existentes nas atividades da LBA, que na época foi extinta e os serviços de ação social municipalizados.

Em 1986, assumiu paralelamente ao trabalho da LBA, a presidência do Lar do Idoso São Vicente de Paulo, que funcionava em condições precárias. Com apoio da prefeitura e da comunidade, liderou uma reforma executada ainda naquele ano. Imediatamente liderou o início de uma campanha para a construção de novas instalações para o Lar São Vicente, em terreno adquirido especialmente para esta finalidade. O trabalho árduo junto com os membros da diretoria e com doações locais e do exterior, culminou com a inauguração da nova sede, no dia 15 março de 1998. Cornélia continuou como presidente até junho

Johannes van Riel

Filho de Jacobus van Riel e Maria Josephina van Riel Vingerhoeds, nascido em 11 de dezembro de 1938, Johannes Arnoldus Maria van Riel, desde muito jovem atuou na comunidade não-me-toquense. Iniciou como líder juvenil e posteriormente, à frente de várias iniciativas, entre as quais se destaca a fundação e construção do Centro de Tradições Gaúchas Galpão Amigo (CTG). Nos anos de 1974-1977, 1978-1980, 1989-1990, permaneceu patrão (presidente) por sete anos.

João van Riel, como é conhecido em Não-Me-Toque, organizou eventos, sempre valorizando as apresentações da Invernada Artística – departamento do CTG que se dedica à dança e às manifestações culturais e artísticas. Esse departamento era o seu preferido e ele ajudava a arrecadar fundos para construir e melhorar as instalações da entidade tradicionalista. Sob sua coordenação foi realizado o primeiro Rodeio de Não-Me-Toque, as primeiras missas crioulas e os concursos internos de prendas (cargo que corresponde a rainha e princesas de um clube, mas que considera o conhecimento e os dotes artísticos).

Em diferentes épocas, presidiu a Comunidade Católica Cristo Rei. Em 1975 liderou a reforma da igreja matriz, por ocasião do quinquentenário da paróquia, organizando a primeira Festa do Trigo, com excelentes resultados. Ainda atuou como conselheiro da paróquia, quando foi reformado o salão de festas Cristo Rei.

Na Associação Holandesa, colaborou durante muitos anos como vice-presidente e foi eleito presidente em 2011. Como integrante da diretoria do Lar do Idoso São Vicente de Paulo, teve papel importante como conselheiro. Por duas gestões, assumiu a presidência da instituição. Fez parte da diretoria da Cooperativa Cotrijal, como conselheiro; é membro do Rotary Club, o qual presidiu no ano de 2005-2006. É sócio do Grêmio Aquático de Não-Me-Toque, sócio jubilado do Clube União e sócio fundador da cooperativa Sicredi Alto Jacuí. Atuou durante dois anos como presidente do Hospital Beneficência Alto Jacuí, dois anos como vice-presidente e mais dois anos como conselheiro.

Em 1982, foi eleito vice-prefeito na chapa com Arlindo Hermes, candidato a prefeito, e assumiu o cargo de secretário de Obras e

Saneamento. Em consequência da morte do titular, exerceu por oito meses, o cargo de prefeito do município. Johannes van Riel deixou a marca de líder e grande capacidade de executar obras.

Em 1992, foi eleito prefeito, tendo o advogado Luiz Paulo Moraes Malaquias como vice. A principal ação de seu governo foi a oferta de moradias para a população de baixa renda e boas estradas para o escoamento das safras agrícolas. Executou e inaugurou o Núcleo Habitacional Arlindo Hermes, com 116 casas, em homenagem ao falecido prefeito. Construiu pontes de concreto, inaugurou o trecho da rodovia RS 142 - perimetral que liga o trevo Norte da cidade (Sementes Roos) até o trevo Sul (Parque da Expodireto Cotrijal) -, incluindo a Avenida Stara, entre muitas outras realizações.

Durante sua gestão, o Cônsul da Holanda, Wouter de Kroes, sediado em Porto Alegre, instalou por um dia o consulado neerlandês em Não-Me-Toque. Johannes van Riel foi, ainda, secretário de Obras de dois governos municipais e no ano de 2011, acumulou o cargo de secretário Municipal da Agricultura e Meio Ambiente, presidente do Conselho Municipal de Trânsito e presidente da Associação Holandesa.



Johannes van Riel fundou o Centro de Tradições Gaúchas Galpão Amigo de Não-Me-Toque e foi patrão (presidente) por sete anos alternados. Na foto Johannes e Carmélia ao lado do casal Marisa e Dirceu Portes da Silva, primeiro capataz (vice-presidente).



Sócio Fundador da Cooperativa de Crédito Alto Jacuí, em 1981, junto com os holandeses Willibrordus van Lieshout, Johannes Assink e Franciscus Stapelbroek.



O Cônsul da Holanda, Wouter de Kroes instalou o consulado neerlandês em Não-Me-Toque por um dia.



Em 1992 Johannes A. M. van Riel foi eleito prefeito de Não-Me-Toque e assumiu ao lado de Luiz Paulo Moraes Malaquias. Na foto realizam juramento de posse em 1º de janeiro de 1993.

Henricus Rietjens

Em 29 de agosto de 2005, a Câmara Municipal de Vereadores realizou sessão solene para homenagear a empresa Implementos Agrícolas Jan S/A, pela passagem de seus 45 anos, considerando que mais de dez por cento da população não-me-toquense tirava a sobrevivência econômica diretamente da empresa. Também, na época, 24,71% do valor agregado do ICMS destinado ao município era proporcional à arrecadação tributária da Jan. Henricus Rietjens, presidente da empresa, recebeu a homenagem.

Além da Indústria de Implementos Agrícolas Jan, que Henricus administra com a participação direta do filho mais novo, Jerri Rietjens, mantém a Agropecuária Jan S/A, no estado de Tocantins, administrada pelo filho primogênito, Joni Sérgio Rietjens. Naquele estado, localizado na Região Amazônica, mostrou ser grande colaborador e incentivador da preservação ambiental, doando uma área de 65 hectares para a construção do Centro de Pesquisa Canguçu, criado em 1999, pelo instituto Ecológica, com o objetivo de gerar informações científicas e tecnológicas necessárias aos projetos ligados a mudanças climáticas e biodiversidade. O projeto, em 2002, recebeu a visita do Príncipe Charles, da Inglaterra. Além da doação das terras, Henricus participou, também, da construção do Centro de Pesquisas, trazendo várias cargas de piaçava, de sua propriedade, para a construção da sede. Em reconhecimento, recebeu o prêmio de incentivo à pesquisa, oferecido pela Barry Foundation, com a seguinte inscrição:

"Grande homens são aqueles que compreendem a essência de suas funções na sociedade. Pela ousadia, convicção e importância da doação das terras na região da Ilha do Bananal para a criação do Centro de Pesquisa Canguçu, nossos sinceros agradecimentos."



Henricus Rietjens homenageado pelas 45 anos da Empresa Jan com o Certificado de Reconhecimento da Câmara de Vereadores de Não-Me-Toque, entregue pelo vereador Sérgio Souza, em 2005.



Em Tocantins, Henricus doou 65 hectares para o Centro de Pesquisas Canguçu, sendo reconhecido pela Barry Foundation.

Mina Stapelbroek

Philomina Petronela Maria Stapelbroek (Mina), filha de Lambertus J. Rietjens e Maria Hendriks Rietjens, também se destacou na comunidade não-me-toquense por seu trabalho incansável à frente da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) durante quatro anos. Recebeu, no dia 25 de abril de 2007, o "Certificado de Reconhecimento Público" proposto pela vereadora Vanise Beatriz Fritzen da Silva. A proposição foi transformada na Lei de nº 3.289, que confere reconhecimento às mulheres que se destacam na condução de projetos de cunho social no município de Não-Me-Toque.



A Câmara de Vereadores prestou reconhecimento público a Mina Stapelbroek em 2007, pelo seu trabalho junto à Apae.

Teodora Berta Souilljee Lütkemeyer

Teodora Berta Souilljee Lütkemeyer, filha dos imigrantes Hendrikus M. C. Souilljee e Annie Eltinck Souilljee, nasceu em Não-Me-Toque em 24 de abril de 1964. Exerceu o magistério municipal e ingressou na vida pública marcando sua atuação pela retidão, dinamismo e objetividade.

Na época estudantil, ocupou o cargo de presidente da Associação Cultural e Recreativa dos Estudantes Universitários de Não-Me-Toque (Acreu). Atualmente, coordena, junto com Marijke van Schaik Willig, o grupo de danças holandesas De Tulp, do qual foi integrante ativa durante anos.

Participou ativamente das diretorias do Centro de Tradições (CTG) Galpão Amigo, atuou como secretária municipal da Administração no período de 1986-1988 e 1994-1996, foi secretária Administrativa da Câmara de Vereadores de Não-Me-Toque no período de 1997-2000, secretária municipal de Educação, Cultura e Desporto de Não-Me-Toque, nos anos de 2001-2008.

Recebeu o Prêmio Gestor pelo trabalho desenvolvido na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e também o troféu Semente da Vida oferecido pela Emater/RS, no ano de 2009.

Foi eleita vice-prefeita de Não-Me-Toque compondo a chapa com o médico Antônio Vicente Piva, em outubro de 2008, tornando-se a primeira vice-prefeita do município. No mesmo ano, em 4 de dezembro, recebeu o prêmio "Construtor do Saber", proposição da vereadora Ana Maria Kieling Erpen, honraria transformada na Lei Nº. 3.161, que presta homenagem a professores da rede municipal, estadual e particular de ensino, que tenham contribuído ou que estejam colaborando, efetivamente, para a melhoria da qualidade de Ensino no Município de Não-Me-Toque.



Teodora como vice-prefeita, ao lado do prefeito Antônio Vicente Piva, empossados em 1º de janeiro de 2009.



Teodora Berta Souiljee Lütkemeyer recebeu o troféu Semente da Vida oferecido pela Emater/Ascar/RS no ano de 2009.

Johannes B. Stapelbroek (filho)

Johannes Bernardus Stapelbroek, a exemplo do pai, no dia 17 de julho de 2009, foi honrado com o título de Cidadão Honorário de Não-Me-Toque, através da Lei Municipal N°. 3.561, proposição da vereadora Gessy Guedes Trennepohl. Foi a oportunidade em que a comunidade não-me-toquense teve de reconhecer seu trabalho criativo, íntegro e impulsionador para o desenvolvimento tecnológico do município e do Estado. O imigrante holandês, Johannes Bernardus Stapelbroek (filho), durante cinquenta anos dedicou sua vida à Stara – empresa da qual foi sócio-proprietário e diretor-presidente, até o ano de 2006 - com o objetivo de dar prosseguimento à empresa criada pelo pai, manter a família, oferecer empregos e contribuir para o progresso da agricultura brasileira. Conquistou também a amizade e a admiração de todos os que com ele conviveram.

Johannes afirma que o Brasil é sua verdadeira pátria e que conquistou tudo o que quis. Durante a solenidade de entrega do título de cidadão, afirmou que nunca buscou o reconhecimento, mas percebe isso nas pessoas com quem convive no trabalho e na sociedade.

Iniciou na indústria com o pai, aos 19 anos. Junto com o irmão Joseph, trabalhou na mudança dos implementos importados, mexendo no ângulo das rodas, do disco e da posição do engate, tudo para dar maior robustez ao maquinário. Em 1657, veio o primeiro invento, um arado reversível, na época sem similar no Brasil, muito importante para o preparo do solo que precisava ser destocado ou descompactado. Em 1961, João e Joseph desenvolveram a primeira invenção patenteada, a capinadeira dirigível, que era acoplada ao trator e substituiu a capina manual, prática necessária antes da introdução dos herbicidas. O crescimento da estrutura da empresa possibilitou inúmeros outros inventos e a construção de um nome ligado à evolução. Os implementos desenvolvidos na Stara estavam sempre à frente do mercado.

Durante a juventude, também deixou fluir sua inventividade. Desenvolveu um miniautomóvel que chegou a rodar pelas ruas de Não-Me-Toque.



Johannes Bernardus Stapelbroek foi distinguido com o título de Cidadão Honorário de Não-Me-Toque pela Câmara Municipal de Vereadores.

Harrie Stapelbroek

Harrie Stapelbroek é filho caçula de Johannes Bernardus Stapelbroek e Johanna Hendrika Assinck Stapelbroek. Foi um dos diretores-proprietários da empresa Stara, fundada pelo pai, até 1997, quando resolveu desligar-se para fundar junto com seus filhos a própria empresa, a Stahar - Stapelbroek & Cia. Ltda. Seu grande senso humanitário faz com que seja destaque na comunidade. Homem discreto, foi presidente da Comunidade Católica Cristo Rei durante vários anos. Em sua gestão, junto com Edgar Fritzen, liderou a construção do salão de esportes e do salão de festas Cristo Rei. Por 14 anos, atuou como vice-presidente do Lar do Idoso São Vicente de Paulo, e sua presença foi decisiva nas grandes questões da entidade.

Foi presidente do Lyons Clube na gestão de 1975-1976, com relevante atuação social no município. Atualmente, faz também o papel de São Nicolau, para a alegria das crianças e para manter viva a tradição que veio da Holanda com os primeiros imigrantes.

Harrie guarda com muito cuidado uma coleção de artefatos usados durante a 1ª Guerra Mundial, 1914-1918, quando o pai atuou na organização dos quartéis, bem como alguns objetos da antiga oficina que originou a Stara.

Empresário íntegro e trabalhador, destaque no ano de 1991, foi homenageado com o título de "Empresário Cristão do Ano", em âmbito regional, pela Associação de Dirigentes Cristãos de Empresas (ADCE).

Em 7 de dezembro de 2008, assumiu a presidência da Associação Holandesa, até outubro de 2011, quando transferiu o cargo para Johannes van Riel.



Harrie Stapelbroek foi reconhecido pela Associação de Dirigentes Cristãos de Empresas (ADCE) pelo seu empreendedorismo.



Harrie Stapelbroek exerceu com alegria o papel de São Nicolau durante o Natal Étnico festejado em Não-Me-Toque juntamente dos "Pedros Pretos".

Franciscus Johannes Stapelbroek

Franciscus Johannes Stapelbroek foi um homem que tinha orgulho de ser agricultor, amava a família e tinha respeito por todas as pessoas. Foi um colaborador sistemático no município de Não-Me-Toque, local que seus pais escolheram para viver quando emigraram da Holanda para o Brasil. Para "Seu Chico", o Brasil era sua pátria e a Holanda era um país para visitar. Foi no Brasil que cresceu junto com os irmãos, onde viu os pais trabalharem com dignidade e educarem os filhos com exemplos. Reconhecia o Brasil como a terra que o acolhera e lhe dera oportunidades.

- "Eu sempre gostei da agricultura. Fui um colono sem terra e a renda que conquistei na agricultura serviu para salvar a Stara em um momento crucial".

Referia-se ao início da década de 80, quando a empresa passou por sérias dificuldades. Franciscus ingressou com capital, com conceitos de administração e ficou com a maior parte da empresa. Em todo o tempo, jamais retirou qualquer valor a título de rendimento ou se beneficiou na compra de algum implemento.

Em 1965, aos 28 anos, plantou sua primeira lavoura - 52 hectares - alcançando uma produtividade média de 21,7 sacos por hectare.

Desde 1968, os agricultores aplicaram calcário, que era distribuído a pá, de dentro do carroção para a lavoura de cal virgem, que lhes queimava a pele e a deixava em feridas. Em 1971, conseguiu uma produtividade de 32,1 sacos por hectare, média surpreendente para a época, graças à aplicação do calcário.

Na comunidade, sempre teve significativa atuação, participando de muitas entidades, normalmente como colaborador anônimo. Fazia questão de contribuir, mas com muita discrição. Entre suas ações, é possível citar a construção da primeira escola da Apae, doação de cadeiras de rodas para deficientes, construção de pelo menos 15 casas para pessoas que não podiam trabalhar, colaboração constante no Lar do Idoso São Vicente de Paulo, na Apae e muitas iniciativas de cunho religioso, social, caridoso, esportivo e comunitário.

Em abril de 2002, a Câmara de Vereadores aprovou o projeto de lei do Poder Executivo, assinado pelo prefeito Armando Carlos Roos, concedendo a Franciscus Johannes Stapelbroek o título de Cidadão

Honorário de Não-Me-Toque, como reconhecimento da comunidade, pela sua atuação como cidadão e empresário. O título não chegou a ser entregue, pois a saúde do homenageado não permitiu a sua participação em uma solenidade. Quem o recebeu foi a esposa, Anna Stapelbroek, em 25 de agosto de 2006, durante a comemoração dos 46 anos da Stara.

Filho de Johannes Bernardus Stapelbroek e Johanna Hendrika Assink Stapelbroek, nasceu em 11 de novembro de 1937, na cidade de Eibergen, na Holanda. Chegou ao Brasil em 19 de abril de 1949 - Holambra-SP. Veio para Não-Me-Toque no final de 1953, com 16 anos de idade, junto com os pais e os irmãos, Wilhelmina, Anna, Marie, Hendrika, Johannes, Josef, Agnes, Harrie e Terezia, a mais nova, com 7 anos. Somente o irmão mais velho, Wilhelmus, permaneceu em Holambra.

Franciscus morreu em 15 de agosto de 2003, depois de cinco meses de internação hospitalar, devido a complicações decorrentes de enfisema pulmonar.



O título de Cidadão Honorário foi entregue à sua esposa, Anna Stapelbroek, pelas mãos do prefeito Antônio Vicente Piva.



Franciscus Stapelbroek foi um grande benfeitor da comunidade não-me-toquense.

Willibrordus van Lieshout

Willibrordus van Lieshout, líder nato, como a maioria dos imigrantes, quando veio ao Brasil morou em Holambra (SP), onde conheceu Alberta Sleutjes (Betsie), com quem se casou. Alguns dias após o casamento o jovem casal se mudou para Não-Me-Toque (RS) onde arrendou 25 hectares de terras e nasceram os seis filhos. O primogênito faleceu com poucos meses de idade.

Em 11 de junho de 1997, Willibrordus foi escolhido para presidir a Associação Holandesa, cargo que exerceu por 11 anos, com muita dedicação, sempre apoiado pela esposa Betsie. Ela foi como uma mãe para os holandeses, principalmente para os que passavam por dificuldades.

Willy continua assumindo papéis importantes na Associação, como colaborador da diretoria. Foi sócio fundador do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Galpão Amigo. Conselheiro da Cotrijal, teve papel preponderante na fundação da Cooperativa de Crédito Sicredi Alto Jacuí, da qual foi presidente durante 10 anos. Como fundador e presidente do Sindicato Rural de Não-Me-Toque, cargo que ocupa desde 2002, presidiu o primeiro Congresso Sul Americano de Agricultura de Precisão e Máquinas Precisas (APSul), realizado em Não-Me-Toque, durante três dias, no mês de setembro de 2011.



Willibrordus também recebeu homenagem como um dos fundadores do Banco Sicredi durante cerimônia dos 30 anos, em junho de 2011.



Na função de presidente do Sindicato Rural, presidiu o 1º Congresso Sul Americano de Agricultura de Precisão e Máquinas Precisas, realizado em Não-Me-Toque, em 2011.

Leonardus Philipsen

Leonardus Philipsen (Leo) havia terminado a escola de Técnicas Agrícolas, na Holanda, quando foi atraído pela Cooperativa Agropecuária Holambra (SP) para vir ao Brasil. Ainda solteiro, pisou em terras brasileiras, em 2 de junho de 1949, mais precisamente no porto de Santos, 31 dias após o embarque em Rotterdam, acompanhado de dois amigos. Os três haviam recebido as passagens em troca de serviços no navio.

Eles eram responsáveis por tratar o gado e limpar as cocheiras, diariamente, pois o navio Amstelland vinha carregado de gado leiteiro, que seguiria para a fazenda Holambra. A embarcação era aberta dos lados e não tinha conforto algum. O vento era constante, às vezes muito forte.

Na fazenda Ribeirão, onde chegou no dia 3 de julho do mesmo ano, Leonardus foi consultado pela diretoria da cooperativa, sobre o seu interesse em fazer estágio na Escola Agrícola de Pirassununga, como técnico agrícola, nível médio. Aceitando a proposta, o estágio serviu para orientar os jovens, adaptando-os, mais facilmente, à nova terra. O uso de um dicionário e um caderno para anotações contribuíram para que Leo se comunicasse, em português, em 60 dias.

Na fazenda, o seu trabalho era desmatar e preparar o solo para o plantio, com a ajuda de um trator esteira. Os solteiros trabalhavam à noite e os casados durante o dia. Esta foi a forma encontrada para agilizar o preparo do solo. As jovens solteiras também ajudavam. Elas lavavam roupas, cozinhavam e limpavam a casa para os solteiros.

Foi na fazenda que encontrou a também imigrante, aquela que veio a ser a sua grande companheira, Wilhelmina (Mina) Stapelbroek, com quem se casou em 27 de abril de 1951. Mina havia chegado ao Brasil com a mãe, os irmãos e o pai, Johannes Bernardus Stapelbroek, que era mecânico.

Mina tinha mais que um interessado em namoro, além de Leonardus. E um deles era membro da diretoria de Holambra. Por isso, Leo foi ameaçado de ser deportado por mau comportamento, caso mantivesse a sua intenção de namoro com ela. Entretanto, na segunda intimidação, o jovem enfrentou os chefes e se definiu pelo casamento, que ocorreu em celebração coletiva, na mesma oportunidade em que

os pais da jovem, Johannes Stapelbroek e Johanna Assink Stapelbroek completavam 25 anos de matrimônio. Neste mesmo dia, também se casou a irmã de Mina, Ana Stapelbroek, com Pierre Wolfs.

A família Stapelbroek conseguiu uma moradia maior que a dos demais imigrantes. Chamava a atenção dos holandeses as casas que lhes eram disponibilizadas, piores que os galinheiros da Holanda. Também não tinham água encanada, energia elétrica e telefone, como estavam acostumados. Uma curiosidade para os imigrantes era a presença de pessoas negras, as quais só tinham visto em fotografias, em algumas revistas.

Em 1952, a Fazenda Ribeirão entrou em decadência. Decorridos cinco anos de sua fundação, as famílias passaram a abandonar o local, seguindo para outros lugares. Leo e Mina, então, com mais cinco casais, seguiram para o município de Mococa, também em São Paulo. Juntas, arrendaram 12 hectares, onde cultivaram batata inglesa, tomate, milho, arroz, abacaxi e criaram galinhas poedeiras.

Em Mococa, nasceram os quatro filhos do casal: Martinus, Johannes, Leonie e Antonius. Mas passados mais cinco anos, a saudade dos amigos e familiares motivou mais uma mudança, desta vez, para Não-Me-Toque, no Rio Grande do Sul, onde compraram 24 hectares de terras, em Bom Sucesso. Além de agricultor, por aproximadamente cinco anos, gerenciou a Cooperativa Agrícola Gaulanda. No entanto, em busca de mais possibilidades de crescimento, o casal vendeu essa área e arrendou 400 hectares no município de Chapada, onde ficou com os filhos, até 1973.

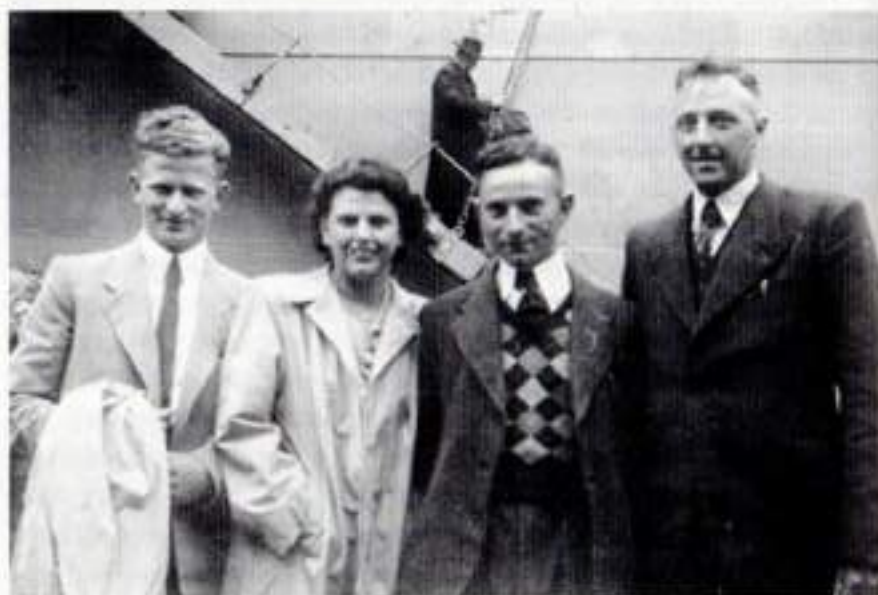
Pouco tempo depois, foram em busca de nova área, no estado de Goiás, junto com mais 21 famílias. Em conjunto, as 22 famílias deram tudo o que tinham para pagar a entrada de uma área de três mil hectares. Foi grande a surpresa de todos na hora de fazerem a escritura, pois a área pertencia ao Parque das Emas e não podia ser comercializada. Perderam todas as economias, mas não desistiram. Foram atrás do anúncio do Governo Federal, que estava incentivando a povoação do sul do Maranhão. Com incentivo do Banco do Brasil, iniciou o trabalho de lavoura, na cidade de Balsas, onde foi pioneiro no plantio de soja, alcançando o sucesso depois de inúmeras dificuldades.

Em reconhecimento à sua persistência, coragem e ao apoio incondicional da esposa, deram o nome de Mina à primeira variedade

que se adaptou ao solo maranhense e Leonardus Philipsen recebeu o título de Cidadão Balsense, oferecido pela Câmara Municipal de Balsas. Também recebeu a Medalha do Mérito Agrícola, conferida pelo Governo do Estado do Maranhão. Conforme Lei Nº 648, de 21/06/1999, a Rua 4, da cidade de Balsas, recebeu o nome de Rua Leonardus Phillipsen.

No município de Balsas, exerceu plenamente a cidadania, presidindo o Lar do Idoso São Vicente de Paulo, por onze anos. Foi ministro da Eucaristia durante 15 anos. Retornou para Não-Me-Toque em junho de 2002. Mesmo podendo usufruir merecido repouso, não parou e ditou sua história, que está gravada em duas edições, a primeira, "A Saga de um Casal de Imigrantes", lançada em 2003, escrita por Itelmo Möllmann, e a segunda, "Os caminhos da Soja até o Maranhão", lançada em 2009, escrita por Cristine Kayser da Silva.

No mês de julho de 2010, a Câmara dos Deputados do Maranhão concedeu-lhe o Título de Cidadão Maranhense, em reconhecimento ao seu trabalho em prol da economia do Estado.



Leonardus Philipsen, dois amigos e a primeira enfermeira que veio da Holanda para o Brasil em 1949, no Porto de Santos.



Leonardus Philipsen levou a soja ao estado do Maranhão, onde dormiu em barracas até construir a primeira casa.



Com o tempo não só a agricultura se fortaleceu, mas também as moradias.



Leonardus Philipsen ao lado da esposa Mina e do filho Jan entre as imensas lavouras de soja no Maranhão.



A Câmara dos Deputados do Maranhão concedeu a Leonardus Philipsen o título de Cidadão Maranhense.

Alexandra Saedt

Os holandeses se destacaram em todas as comunidades em que viveram, pela força de vontade, pelo trabalho e o exemplo de vida. Alexandra Maria Saedt nasceu em 4 de abril de 1969, filha de Wilhelmus Raimundus Saedt e Petronella Maria Cornelia Souilljee Saedt.

O pai chegou ao Brasil junto com o sogro Franciscus Souilljee, em janeiro de 1952, estabelecendo-se inicialmente em uma área arrendada em Não-Me-Toque, onde nasceram seus três primeiros filhos. Depois de alguns anos, comprou terras no município de Ernestina (RS), onde nasceram mais três crianças. No início dos anos 70, a propriedade foi vendida para adquirir uma área de 300 hectares, no município de Ronda Alta (RS). Esta granja foi negociada mais uma vez para iniciar vida nova no estado de Mato Grosso, na região de Rondonópolis, onde a filha Alexandra concluiu curso superior de Ciências Exatas e faltou um mês para concluir Ciências Biológicas. Depois de três meses lutando pela vida, em trágico acidente de trânsito, quando se encontrava a trabalho, Alexandra morreu na véspera de Natal, aos 28 anos de idade, em 1997. Deixou órfão o filho Márcio, de sete anos, aos cuidados dos pais. Por seu trabalho, luta e coragem, foi homenageada pela Câmara Municipal, com o nome em uma rua daquela cidade: Rua Professora Alexandra Saedt, Bairro Residencial Bela Vista, Rondonópolis (MT).



Alexandra Saedt ganhou uma rua com seu nome na cidade de Rondonópolis (MT).

CAPÍTULO XXIII

A história das famílias pioneiras

Na bagagem, vieram roupas, alguns móveis e ferramentas, mas a principal, que não ocupava espaço nos cargueiros nem no setor de passageiros, bagagem comum a todos, era a esperança. Em Não-Me-Toque as duas primeiras famílias chegaram no ano de 1949, e continuaram chegando até 1955. Foram cerca de 65.

Os motivos, a viagem e as dificuldades também foram comuns a todas, assim como as conquistas. A presença dos holandeses se tornou um marco na história de Não-Me-Toque, especialmente no campo econômico.

Foram os imigrantes holandeses que recuperaram a terra esgotada para a agricultura. Tornaram-se exemplo de agricultores bem sucedidos. A identidade industrial também veio com eles, transformando a matriz econômica de Não-Me-Toque. Em 2010, 61,42% do valor adicionado, que serve para o cálculo da distribuição dos impostos arrecadados pelo Estado, estava vinculado à indústria de transformação e montagem. A agricultura somava 16,84% da composição do cálculo. Juntas, estas atividades somam 78,26%.

Estes índices mostram o quanto foi significativa para o município a fixação dos holandeses. Além do impulso ao desenvolvimento, a etnia trouxe consigo valores culturais que são admirados e servem para distinguir a cidade. Em diversas ocasiões, ela foi tema de reportagem e documentários divulgados nacionalmente.

A história de algumas destas famílias, contadas nas páginas seguintes, mostra coragem e determinação. Também mostra que por trás das faces de traços fortes, existem pessoas doces, capazes de grandes atos de bondade.

Imigrantes pioneiros que se fixaram em Não-Me-Toque e em outras cidades do Rio Grande do Sul

NOME	ESPOSA/MARIDO
Assink, Antonius H.	Elisabeth Sanders
Assink, Theodora M. F. Souilljee	
Daandels, Wilhelmus A. J.	Mariza Eichler, Daandels (brasileira)
Kok, Henrica M. W. G. Theunissen	Bernardus T. Kok (falecido)
Kok, Sibila Theunissen	Johannes W. A. Kok (falecido)
Möllmann, Agnes Anna Stapelbroek	Itelmo Roque Möllmann (falecido)
Philipsen, Leonardus J.	Wilhelmina A. Stapelbroek Philipsen
Rietjens, Henricus J. J.	Maria Gerarda Rauwers Rietjens
Rietjens, Hubertus J. N. M.	Mercilda Hartmann Rietjens (falecida); Adélia Schu
Rietjens, Peter Jan	Maria J. Stapelbroek Rietjens (falecida); Terezia H. Stapelbroek
Rietjens, Mathias	
Scolari, Wilhelmina A. M. Daandels	Ladiemir Scolari (falecido)
Souilljee, Cornelia Maria Catarina van Riel	Joseph M. J. Souillje (falecido)
Souilljee, Cornelis M. H.	
Souilljee, Franciscus M. H.	Elzira Guareschi Souilljee (brasileira.)
Souilljee, Hendricus M. C.	Anna Eldinck Souilljee
Souilljee, Johanna M. P. F.	solteira
Souilljee, Johannes M. T.	
Souilljee, Theodorus M. Hubertus	Dolores Ghelen Souilljee (brasileira)
Stapelbroek, Harrie J.	Elisabeth M. J. Souilljee Stapelbroek
Stapelbroek, Johannes B.	Philomina Rietjens Stapelbroek
Stapelbroek, Joseph	
Stapelbroek, Anna Rietjens	Franciscus Stapelbroek (falecido)
van den Mosselaar, Hendrikus B. Antonius	Helena van Ass van den Mosselaar
van Lieshout, Willibrordus Henricus	Alberta W. M. Sleutjes van Lieshout
van Riel, Ana Catharina Rietjens	Petrus Jacobus van Riel (falecido)
van Riel, Antonius J. M.	Roseni D. Friederichs van Riel
van Riel, Maria Assink	Norberto van Riel (falecido)
van Riel, Gertruida C. M. Rietjens	Adrianus van Riel (falecido)
van Riel, Johannes Arnoldus M.	Cornelia M. J. Souilljee van Riel
van Schaik, Henrica W. Stapelbroek	Cornelius Antonius J. van Schaik
van Vught, Engelbertus M. C.	Maria Cornelia Souilljee van Vught
van Vught, Adriano	Frei da Ordem dos Franciscanos

*Imigrantes pioneiros que vieram de Holambra para
Não-Me-Toque no período de 1949 a 1955*

IMIGRANTE - chefes de família	ESPOSA
Assinck, Antonius Johannes	Wilhelmina Assinck - Stapelbroek
Aernauts, Prudent	Maria Prudent - van der Heijden
Berger, Nicolaas	solteiro
Blanken, A.O	Margriet Blanken - Vorselen
Bruyn, Harrie J. A de	Gon de Bruyn
Brouwers, Wilhelmus H	Cristina Brouwers
Eltinck, Antonius	solteiro
Eltinck, Anny	solteira
Enkelaar, Theodorus J. (Theo)	Els Tromp - Enkelaar
Fillekens, Kees	
Frenken, P. Johannes	Wilhelmina Frenken - van Wijk
Giessen, Johannes G.	Maria Giesen - Scheepers
Hagen, Theodorus G	Aleida MariaHagen - Jurrius
Hogewelst, Bert	Rika Hogewelst
Hogewelst, G. G.	Pedrinha Hogewelst (brasileira)
Janssen, J. A. (Jan)	Hubertina Janssen - Verbeten
Jurrius, Theodorus	Hendrika Jurrius - Hagen
Klarenaar, Joseph H. G. J.	
Klarenaar, Ronald	
Kok, Johannes Wilhelmus A.	solteiro
Kok, Bernardus Theodorus	solteiro
Kompier, Wilhelmus (Wim)	solteiro
Leermakers, Adrianus	
Melis, Theodorus	Judith Melis - de Keyzer
Michels, Thomas Antonius	Theodora C. Michels - Hoeymakers
Michels Pieter Jan Thomas	Jeanette Michels - Goumans
Nieuwkuik, Cornelis A. H. (Kees)	Henrica M. J. van Nieuwkuik - Wiegerinck
Nobel, Wim	Corrie Nobel - Bloem
Philipsen, Leonardus	Wilhelmina Philipsen - Stapelbroek
Rauwers, Gerrit Jan H.	Maria A. Rauwers - de Keyzer
Rauwers, Theo	Tiny Rauwers - van der Ploeg
Roulard, Harrie	solteiro
Rietjens Johannes (dono Nicolaas)	Johanna G. Rietjens - Hubers
Rietjens J. Matias	Hubertina A. Rietjens - Hendriks
Rietjens Nicolaas	Barbara Rietjens - Hendriks

IMIGRANTE - chefes de família	ESPOSA
Rietjens J. Lambertus	Maria Rietjens - Hendriks
Rietjens, Peter J.	Maria Rietjens - Stapelbroek
Naedt, Wilhelmus R.	solteiro
Sanders, Thomas Th.	Johanna C. Sanders - Verstedden
Sanders, Adriaan	solteiro
Schapendonck, Maria	
Souiljee, Franciscus J. B.	Theodora Souiljee - Arts
Spreeuwenberg, J. M. L.	Jet Spreeuwenberg - Hubers
Stapelbroek, Johannes B.	Johanna H. Stapelbroek - Assinck
Teunissen, Hermanus C.	Maria Theunissen - Steenbreker
Tonen, Toon	
Tonen, Jan	solteiro
Uit de Willegen, P. A. (Pietje)	Maria Catarina Uit de Willigen - Buys
van Aken, Antonius	solteiro
van Ass, Theodor Hermanus H.	Johanna P. van Ass - Driessen
van Eyk, Dannie	solteiro
van Esch, Franciscus J.	Maria van Esch - Rietjens
van Herk M. C. Cornelis (Thijs)	Johanna Gertudavan Herk - van Ham
van Houts, Lambertus	Petronela M. van Houts - Seijkens
van Lieshout, Williebrordus	Alberta W. Maria van Lieshout - Sleutjes
van den Mosselaar, Johannes P.	Maria Johanna van den Mosselaar - Borghuis
van der Ploeg	
van Schaik, Cornelis A. J. (Cor)	solteiro
van Spreeuwel, Franciscus A.	
van Riel, Jacobus	Josphina M. van Riel - Vingerhoeds
van Vught, Franciscus M.	Maria C. van Vught - van Haren
Vergouwen, Adriaan H.	
Vorselen, H. Franciscus	
Winters, Johannes G.	Anny Winters
Wolfs, P. M. (Piet)	Anna Stapelbroek - Wolfs

Antonius e Wilhelmina Assink

Antonius e Wilhelmina Assink chegaram ao Brasil em 27 de março de 1949, a bordo do navio Alphart, trazendo nove filhos – Johannes, Maria, Johanna, Antonius, Theodorus, Theodora, Guilherme, Henricus e Alida. Na bagagem, também a esperança de paz e prosperidade.

Assim como os demais imigrantes, a família teve Holambra (SP) como destino inicial e foi onde permaneceu por dois anos. A cooperativa não lhes proporcionou o retorno esperado e a família Assink veio também para Não-Me-Toque, atraída por notícias de amigos que já haviam mudado para o Rio Grande do Sul.

Confiante, Antônio Assink mandou dinheiro para que José Reichert adquirisse um lote de terras, sem sequer conhecê-lo. Naquela época, os negócios eram feitos na base da confiança. Os padres eram os intermediários e a igreja inspirava total segurança aos holandeses. E não tiveram motivo para pensar diferente.

No ano de 1952, os 11 integrantes da família Assink chegaram a Não-Me-Toque. Ficaram os primeiros dias hospedados no Colégio Solano, administrado pelos freis franciscanos, até que se mudaram para as terras adquiridas no caminho para a localidade de Arroio Bonito.

Inicialmente, o filho Antonius foi trabalhar como empregado para outros produtores. As filhas moças foram empregadas nas casas, para ajudar no sustento da família. Mais tarde, firmou sociedade com Franciscus Stapelbroek e prestou serviço de colheita.

O casal e os cinco filhos mais jovens retornaram para a Holanda. O objetivo era garantir a assistência (aposentadoria) junto ao governo holandês, mas também sentiam muitas saudades. Os filhos que seguiram juntos não queriam ser agricultores e foram em busca de estudos.

Os irmãos que permaneceram no Brasil foram: Johannes, Antonius, Alida e Maria. Antônio é o único que permaneceu em Não-Me-Toque. Casou-se com Theodora Souiljee, com quem teve dois filhos - Rubenson e Vanderlei. Separou-se e mais tarde casou-se novamente com Elisabeth Sanders, com quem tem um filho, Antoon.

Além da agricultura, dedica seu tempo à loja de ferramentas que abriu no ano de 1988 e tem a motocicleta como hobby, empreendendo viagens pelo Brasil. Com frequência, retorna à Holanda para passeio e visita aos familiares, mas não se arrepende de ter escolhido o Brasil como pátria.



Antonius e Wilhelmina Assink chegaram ao Brasil (Holambra-SP) em 27 de março de 1949, com 9 filhos: Theodora, Theodorus, Antonius, Maria, Johanna, Johannes, Henricus, Alida e Wilhelmus.



Antonius Assink desembarcando do navio, em março de 1949.

Cornelius van Schaik

Cornelius van Schaik veio sozinho. Deixou os pais e dez irmãos na cidade de Kamerik. Ele e um grupo de rapazes fugiam da possibilidade do serviço militar diante de uma nova guerra.

Chegou ao Brasil em 1949. Como sócio da Cooperativa Holambra, no estado de São Paulo, e exímio operador de máquinas pesadas, ajudou a desbravar a área, derrubando mato e abrindo estradas. Foi lá que, aos 29 anos conheceu Henrika Stapelbroek, com 17 anos.

No ano de 1953 a família da moça decidiu mudar-se para Não-Me-Toque (RS) e Cornelius van Schaik veio junto. Casaram-se em 11 de julho de 1953, um mês após a mudança, e foram os primeiros imigrantes a se casarem em Não-Me-Toque. Foram residir em Mantiqueira, onde Cornelius havia comprado terras para começar a vida. O casal teve cinco filhos: Geraldo, Jan, Marijke, Joke e Lúcia.

A morte prematura de Cornelius, aos 44 anos, fez com que Henrika vendesse as terras e viesse morar com os pais em Não-Me-Toque.

Além da viuvez que enfrentou com os filhos pequenos, Henrika lembra do choque de seus pais ao deixarem a propriedade, na Holanda, com luz elétrica, água encanada, casa ampla e confortável para as baixas temperaturas do inverno e receber um casebre para morar em Holambra. A casa era de madeira, velha, pequena, sem água, luz e sanitário.

A menina de 16 anos que chegou ao Brasil com os pais e irmãos, enfrentou as dificuldades iniciais, especialmente a viuvez, com muita coragem. Conseguiu dar o amor necessário aos filhos, encaminhá-los aos estudos e vê-los casados, formando famílias felizes.



Cornelius van Schaik e Henrika Stapelbroek van Schaik tiveram 5 filhos: Geraldo, João, Maria Tereza, Johanna e Lúcia, que na época da foto ainda não haviam nascido.



Henrika com os filhos que criou sozinha, junto das noras e dos genros.

Engelbertus van Vught

Engelbertus van Vught, filho de Franciscus Martinus van Vugth e Maria Cornélia van Haren van Vugth, lembra que, para ser um bom ordenhador, tinha que ter suficiente força nas mãos e fazer o leite formar uma espessa espuma. Bert como era chamado, com nove anos, já conseguiu tal feito. Como recompensa, o pai lhe deu uma carteira de couro.

A chegada ao Brasil ocorreu em 1955, quando Engelbertus tinha 16 anos. De São Paulo, o casal Franciscus e Maria Cornélia vieram direto para Não-Me-Toque, trazendo os filhos Adrianus, Johannes, Engelbertus, Cornelia, Arnoldus, Marinus, Pedro (no colo), Maria e Alegonda, que foram distribuídos em diversas casas, onde ficaram hospedados até a compra de terras na localidade de Colônia Saudades.

Franciscus foi para Holambra em agosto de 1966, por motivo de saúde. O clima do Rio Grande do Sul era péssimo para a asma. O casal levou consigo os filhos solteiros. Permaneceram Engelbertus e Johannes, que já haviam se casado.

Johannes comprou terras na localidade de Vila Fogo e contou com a ajuda da esposa Maria Brouwers para começar a vida. Veio a falecer aos 27 anos, em 1969, deixando a esposa desamparada e insegura, motivo que a fez voltar para a Holanda, levando consigo os três filhos.

Engelbertus permaneceu cultivando as terras em Colônia Saudades, onde veio a residir com a esposa Maria Cornélia Gertruda Souilljee e tiveram quatro filhos: Francisco, o mais velho, morreu em acidente de trânsito em 1986; o segundo filho, José, casou-se com Rosane van den Mosselaar, e emigrou para a Holanda; Marcelo, que reside em Carazinho, e Sílvio, também casado, que continua ao lado dos pais.



Franciscus Martinus van Vugth e a esposa Maria Cornelia, com os filhos: Adrianus, Johannes, Engelbertus, Cornelia, Arnoldus, Marinus, Pedro (no colo), Maria e Alegonda.



Da família, apenas o filho Engelbertus permaneceu em Não-Me-Toque.

Johannes G. Giessen

Em janeiro de 1949, Johannes (Jan) G. Giessen veio sozinho para o Brasil. Chegando, ficou na Fazenda Holambra, por dois anos, na casa destinada aos solteiros.

Em agosto de 1951, Maria Scheepers, então noiva de Jan, chegou a Holambra, onde ficou até 1952, na casa de Nicolaas Rietjens, que tinha várias filhas de sua idade e já morava na fazenda. Para poder se casar, Maria teve que esperar a liberação das malas e também passar o período da Quaresma.

Seis meses depois do nascimento do primeiro filho, mudaram-se para São Paulo, onde Johannes trabalhou na chácara de um médico. Lá ficaram pouco tempo, até mudar novamente, com destino ao município de Colorado, vizinho de Não-Me-Toque, no Rio Grande do Sul. Maria não falava português, mas Jan Giessen já conseguia comunicar-se, pois estava no Brasil havia mais tempo e tivera aulas em Holambra. Quando as crianças começaram a ir para a escola, também encontraram dificuldades, pois nenhum deles falava português. Conforme as crianças iam aprendendo na escola, foram ensinando a mãe a falar.

A família vinha para Não-Me-Toque, de charrete, para participar da missa dominical. Eles visitavam os Rietjens, que tinham se tornado sua família aqui no Brasil, e que residiam na localidade de Arroio Bonito. Em uma dessas visitas choveu muito, o rio encheu e assim não puderam voltar para casa. Jan tomou emprestado um cavalo e voltou sozinho, ficando Maria com as crianças na casa dos amigos, até o rio baixar. No dia seguinte, ao retornar, Maria deparou-se com uma encruzilhada e não lembrava mais qual era o caminho. Quis ir por uma direção, mas o cavalo, por outra. Então resolveu deixá-lo seguir o instinto. O animal os levou sãos e salvos para casa, em Colo-

rado. Jan e Maria, junto com os filhos, Pedro, Leonardo, Hubertina, Cornélio, Cornélia, João Guilherme, Henrique e Maria, mudaram para Campo Novo (RS), acompanhados da família de Franciscus van Esch e Mia Rietjens, filha de Nicolaas Rietjens, que acabaram voltando para a Holanda.



Casamento entre Johannes Giessen e Maria Scheepers.



Todos os filhos junto do casal que completou Bodas de Ouro.

Jan van Houts

Jan van Houts chegou à Fazenda Ribeirão (SP), junto com Piet Bonen e Jô van Schaik (que não tinha parentesco com Cornelius van Schaik) que veio direto para Não-Me-Toque.

Eles vieram em um navio que transportava gado. O próprio Jan ajudou a carregar e acomodar os animais. Ele e mais dois colegas foram contratados por 75 florins para cuidar de 32 bichos, o que deixou a viagem mais barata. O navio não estava preparado para receber animais, não tinha cocheira nem cocho onde poderiam alimentar-se. Jan encontrou algumas madeiras no navio e fez os cochos. Essa atitude não teve aprovação da diretoria da cooperativa, e ele foi perseguido por ter gasto dinheiro que não era para esta finalidade. Ninguém podia resolver nada por conta própria. Era a diretoria que mandava e os sócios não podiam nem opinar, apenas trabalhar e obedecer.

Seu passaporte estava sob a guarda da cooperativa, quando os pais, Lambertus e Petronella M. J. van Houts, com 12 dos 13 filhos, chegaram da Holanda, alguns meses depois. Ele precisou exigir que a cooperativa devolvesse o documento. A diretoria da Cooperativa ficava com os passaportes como forma de garantir a permanência dos sócios. Jan van Houts não ficou muito tempo na Fazenda Ribeirão, como os demais descontentes.

A família van Houts não veio logo para o sul. De Holambra foi para Poços de Caldas, estado de Minas Gerais. A empresa "Anderson" era dona de uma extensa área de terras naquela região e procurava imigrantes holandeses para fazerem a colonização. Foram para lá os irmãos João e Theodorus Palmer, as famílias de Lambertus Rietjens e Lambertus van Houts. Ficaram somente quatro meses e então resolveram juntar-se aos colonos no Rio Grande do Sul.

Em Não-Me-Toque compraram uma área de 60 hectares de terra, na localidade de Arroio Bonito e começaram a trabalhar. Foram relativamente bem, porém a doença da mãe não os deixou progredir. Das dez filhas, duas se casaram ainda em Holambra, só a menor estava em casa, as demais trabalhavam como empregadas domésticas em casa de empresários holandeses residentes na capital São Paulo. Os valores percebidos eram remetidos para os pais, em Não-Me-Toque, para a sobrevivência da família e para ajudar a tocarem a lavoura.

Por causa das condições de saúde da mãe, voltaram para a cidade de Deurne, na Holanda, no ano de 1965, de onde haviam saído há quinze anos. Jan logo conseguiu emprego em uma indústria. Começou na limpeza das máquinas, passou para a produção e depois, para a produção final, cargo mais elevado do setor. Trabalhou na fábrica por 22 anos, com muito prazer. No recomeço, a família recebeu muita ajuda da comunidade Deurne.

Na Holanda, o salário dos trabalhadores vem descontado com um percentual para tratamento de saúde, aposentadoria e impostos. Quem recebe menos que o mínimo, não paga imposto e pode se apresentar na prefeitura para receber complementação, até inteirar o valor do salário mínimo.



Jan van Houts e Miet van Riel van Houts voltaram para a Holanda.



Família van Houts na pinguela sobre o Rio Colorado, em Posse São Miguel, onde tinham sua propriedade.

Família van Riel

Maria (Miet) van Riel é a filha mais velha do casal Jacobus van Riel e Josephina Maria van Riel Vingerhoeds. Miet, que se casou com Johannes Franciscus van Houts, tinha 19 anos quando saiu da Holanda, junto com os pais e irmãos, no dia 28 de março de 1949. Embarcaram no navio Algenip e viajaram em companhia das famílias de Johannes Bernardus Stapelbroek e dos irmãos Pieter Jan Thomas e Antônio Thomas Michels, recém casados. Também estavam no navio as famílias de Nicolaas Rietjens, Krisje Krabben, Harrie de Bruin e muitas outras, todas com destino à Fazenda Ribeirão (SP).

O irmão, Johannes van Riel, lembra que junto viajava um médico idoso, que sempre falava: "Pense antes de fazer e fazendo ainda pense". O pai, Jacobus, todas as noites puxava a reza do terço e a oração do emigrante. Era uma manifestação de fé e de esperança de que a viagem e a nova pátria reservassem um futuro melhor. Por isso todos participavam.

No primeiro dia da viagem, tiveram que treinar com os coletes salva-vidas, para que, em situação de emergência, todos soubessem como agir. Depois de vários dias, já em alto mar, ocorreu que estavam envoltos em uma densa neblina e as sirenes do navio permaneceram ligadas em alerta. Ainda na madrugada, de repente, todos ouviram um enorme estrondo. O navio inteiro sacudiu e os passageiros pularam rapidamente de suas camas. Alguns, já vestindo o colete salva-vidas, foram verificar o que teria acontecido. Devido à forte neblina, um navio de bandeira inglesa chocou-se com o Algenip, mas fugiu rapidamente sem prestar-lhe socorro. O navio inglês estava com as sirenes desligadas, fato que causou a colisão lateral e um enorme afundamento no casco, que apesar disso, não se rompeu. Então os que ainda não

havião colocado o colete salva-vidas, tiveram de fazê-lo. Toda a tripulação e os passageiros ficaram em prontidão até que foi constatado que era apenas um susto e que não haveria maiores riscos.

O restante da viagem seguiu sem problemas. Desembarcaram no porto de Santos e vieram, de trem, à cidade de São Paulo, quando passaram a noite em um convento. No dia seguinte, chegaram, de ônibus, à Fazenda Ribeirão, onde foram recebidos com café pela família do Heymeijer (idealizador da Cooperativa Holambra) e as irmãs religiosas. Depois receberam móveis e utensílios para serem usados na casa, enquanto que os caixões de 2x5 metros quadrados que continham os pertences da família não chegassem. Conforme o tamanho da família mudava o tamanho das caixas, que não podia ultrapassar 2 metros de altura. Para empacotar a mudança, na Holanda, contaram com o serviço de uma firma especializada em emigração.

Jô conta que, para irem à futura moradia, foram levados de caminhão até uma altura, mas o último trajeto - cerca de três quilômetros de estrada de chão - tiveram que caminhar carregando as pesadas malas, que não eram poucas. Era um dia muito quente e no caminho havia um riacho com uma pontezinha. Ali, a mãe não aguentou mais, sentou-se e chorou muito, dizendo que queria voltar para a Holanda.

Chegando à casa, que era grande e contemplava duas moradias, Josephina se apavorou mais ainda, pois estava em mau estado. Não havia portas nem janelas. As paredes estavam sujas de estrume das vacas, que tinham posado ali ainda na noite anterior à chegada da família Van Riel.

Era à tardinha e todos estavam cansados, porém primeiro tiveram que limpar a casa, montar os móveis e arrumar as camas. Os irmãos, Cornelis (Kees) e Johannes (Jô) foram comprar ovos na vizinhança para fazer a janta. Na casa havia um fogão campeiro (armação de barro e chapa de ferro) e algumas camas. Na outra parte da casa instalou-se o casal Cornelis (Kees) Nieuwkuik.

Já em Não-Me-Toque aos 12 anos, Jô van Riel (Johannes), tinha a responsabilidade de, ao voltar do colégio, preparar a comida nos coxos dos bois, para que, quando os irmãos mais velhos retornassem da lavoura, os animais cansados já encontrassem alimento. Tratavam os bois com milho triturado e mandioca, que tinha de ser cortada de maneira certa - pedaços pequenos e

transversais - para que os bois não se engasgassem com a comida. Quando o engasgue acontecia, era preciso chamar um entendido em veterinária que, fazendo uso de um arame com uma argola na ponta, desobstruía o esôfago do pobre animal.

Os van Riel também vendiam lenha na vila, que era lascada à noite e nos dias de chuva. Também era carregada na carroça durante a noite, para que Jô a entregasse nas casas dos clientes no dia seguinte, bem cedo, antes de ir ao colégio.



A fila em ordem crescente mostra os filhos do casal van Riel: Antonius, Josephina, Johanna, Cornelia, Johannes, Cornelius, Petrus, Maria, Johannes (Jan), Norbertus, Franciscus e Adrianus.



Josephina e Jacobus van Riel com os 12 filhos: Antonius, Josephina (no colo), Johanna, Cornelia, Johannes, Cornelius, Petrus, Maria, Johannes (Jan), Norbertus, Franciscus e Adrianus.



Josefina e Jacobus van Riel oficializaram a compra das terras em Mantiqueira. Na foto estão ao lado do casal Bender, que vendeu a área.



Peter e Jeannete com os filhos: Geraldo, Matias, João Cornélio, Maria, Jacoba, Gerarda e Matea.



Thomas Michels, o irmãos Peter com as esposas e as crianças no galpão da propriedade.

Petrus Johannus Antônus Frenken e Wilhelmina van Wijk

Petrus Johannus Antônus Frenken (Jan) e Wilhelmina van Wijk (Senhora Frenken) chegaram ao Brasil em dezembro de 1947. Eles vieram através de uma companhia que reuniu dez famílias para se instalarem no município de Bananal, ao norte do estado de São Paulo, onde pretendiam formar uma colônia de imigrantes holandeses. Cada família comprou e pagou dez hectares de terra.

Para dar início à colonização, vieram, primeiramente, Jan Frenken, a esposa Wilhelmina e quatro filhos, o mais novo com seis semanas de idade. Além deles vieram dois rapazes solteiros e um homem casado, que deixou a família na Holanda, para primeiro conhecer a situação. Foram as únicas famílias que vieram de avião, o que era uma verdadeira façanha, pois nessa época ainda não havia linha aérea que fazia a travessia sobre o Oceano Atlântico. Embarcaram no aeroporto de Schiphol, em Amsterdam, e voaram até Lisboa-Portugal, onde o avião foi abastecido e pernoitaram. No dia seguinte, voaram até Marrocos, na África.

O avião que era um bimotor, foi reabastecido e dali viajaram diretamente para o aeroporto do Rio de Janeiro, seguindo para a cidade de Bananal, na serra da Bocaina. No princípio, moraram durante um mês no hotel local, onde ainda hoje constam seus nomes no livro de registro. Depois, amarraram a bagagem em várias mulas. Para trazer a máquina de costura tiveram que fazer contrapeso na mula. Eram cinco quilômetros, a pé, andando por uma picada, no meio do mato, para chegarem na área que tinham adquirido. Era tudo puro mato e morro que não servia para a agricultura. No local não existia uma casa para morar. Então, instalaram-se em uma barraca do exército, remanescente da guerra, que tinham trazido por precaução. "Vamos

levar, nunca se sabe se vamos precisar”, foi o que Jan Franken falou enquanto juntava os utensílios que pretendiam trazer.

Montaram a barraca na qual moraram algum tempo, até que uma família alemã, que já morava ali, lhes cedeu as tábuas para construir uma casinha de chão batido. Na época, Jan fazia carvão para a família sobreviver.

No período de um ano, Wilhelmina Frenken presenciou, por duas vezes, a passagem de um homem que morava nas proximidades, carregando nos ombros um caixão de criança. Grávida do quinto filho, apavorada, não quis mais ficar ali.

Eles já sabiam da existência da Cooperativa Agrícola Holambra, perto da cidade de Campinas (SP), e rumaram para lá em 1949. No ano de 1952, em companhia de Thijs van Herk, Johannes A. Daandels, Franciscus A. van Spreeuwel, juntaram-se às demais famílias, em Não-Me-Toque, onde, com muita vontade, começaram tudo de novo.

Os Frenken plantavam principalmente hortaliças, tais como: variedades de couve, vagem, beterrabas e outras. Estes produtos eram vendidos na cidade, duas vezes por semana, de casa em casa, pelas duas filhas mais velhas. Elas iam com uma charrete e cavalo. Também vendiam nas cidades de Carazinho e Passo Fundo, lugares para os quais o pai as acompanhava.

Johannes Arnoldus Daandels

Em janeiro de 1950, um ano depois da vinda dos primeiros imigrantes, Johannes A. Daandels, a esposa Anna Maria van den Oetelaar, juntamente com os filhos, Wilhelmus e Wilhelmina, chegaram ao Brasil, desembarcando no Porto de Santos (SP), com mais um grupo de imigrantes. Todos rumaram para a Fazenda Ribeirão.

Durante quatro anos, viveram na colônia agrícola Holambra, no estado de São Paulo, onde nasceram os outros filhos, Adrianus e Ardinus. Em 1954, quando o filho mais velho, Wilhelmus, tinha sete anos, a família mudou-se para Não-Me-Toque, onde adquiriu um lote de terras.

Em 1967, a família Daandels mudou-se novamente, desta vez para Panambi, também no Rio Grande do Sul, onde se dedicou à agricultura, até que Johannes veio a falecer, em 1971.

Os filhos seguiram, cada um o seu destino. Wilhelmus, formado em Agronomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1969, retornou para Não-Me-Toque, casou-se com Marisa Eichler e teve duas filhas: Milene e Melissa.

Inicialmente, Wilhelmus trabalhou na Cooperativa Cotrijal, depois na empresa E. Orlando Roos & Cia. Ltda. Em 1989, fundou a empresa Albatroz em sociedade com o cunhado, o brasileiro Ladiemir Scolari, casado com a irmã Wilhelmina. Com a morte de Scolari (1991), Wilhelmus abriu a sociedade e fundou a WD Insumos Agrícolas.

Adrianus permaneceu em Panambi onde trabalhou como agrimensor. Ardinus mudou-se para o município de Condor, onde se dedicou à agricultura, na antiga propriedade da família.



Grupo de emigrantes no navio. Sentada, a segunda da direita para a esquerda, Anna Maria Oetelaar Daandels com Wim e Mientje no colo.



Wilhelmus Daandels, junto com Willibrordus val Lieshout, permaneceu em Não-Me-Toque.

Johannes Petrus van den Mosselaar

Nascido em S'Hertogenbos NBR, Holanda, em 19 de outubro de 1899, filho de Antonius van den Mosselaar e Maria Versterren, Johannes Petrus van den Mosselaar casou-se com Maria Johanna Borghuis. Em 1990, aos 91 anos, era o único chefe de família imigrante que ainda vivia em Não-Me-Toque.

Quase meio século depois de deixar a pátria mãe, algumas lembranças estavam vivas em sua mente. A razão da vinda para o Brasil tinha como argumento principal as dificuldades enfrentadas no pós-guerra. Tiveram de entregar todo o dinheiro que tinham para o governo e receberam apenas cinco florins por pessoa, para iniciar tudo novamente. Tomaram conhecimento de que no Brasil metade da população ainda era analfabeta e acharam que, nesse país, poderiam progredir.

Jan van den Mosselaar queria ir para a África do Sul junto com um cunhado e a família, pois já tinham contrato de trabalho. Estava tudo pronto para a viagem, porém, na noite do embarque, o cunhado de Jan desistiu da viagem.

O desejo de mudança teve o destino substituído. Informações de amigos sobre o Brasil fez nascer uma simpatia pelo país e a esperança de construir um futuro melhor. A visita de uma tia que morava na cidade de Winterswijk, a mesma de Gerrit Jan Rauwers, trouxe notícias dos imigrantes. Mosselaar ficou muito interessado e, de imediato, estabeleceu contato com a família Rauwers, que ficara na Holanda, buscando saber tudo sobre Gerrit. A partir de então, reiniciou os preparativos para a grande mudança, desta vez para o Brasil.

Com passagens compradas com recursos próprios, Jan Moselaar embarcou na Antuérpia (Bélgica), em 3 de janeiro de 1950, rumo ao

Brasil, onde chegou no dia 2 de abril de 1950, com os dois filhos mais velhos: Marinus (Rinnie, 21 anos) e Johannes (Jan, 14 anos).

A passagem pelo Porto de Santos deixou uma lembrança curiosa. Alguns passageiros jogavam moedas na água do cais para ver os portuários mergulharem em busca do dinheiro. Achavam graça porque não tinham noção da miséria do Brasil. A realidade logo saltou aos olhos e muitos se recusavam a deixar o navio, impressionados com a pobreza existente nas imediações do porto. No entanto, a impressão deixada pelos brasileiros quanto à receptividade era muito boa, pois se mostravam gentis e prestativos com os imigrantes.

Ao chegar em Porto Alegre, foram recepcionados por Jan Rauwers, que já morava em Não-Me-Toque, no estado do Rio Grande do Sul.

A esposa Maria e o filho mais novo, Hendrikus (Hennie), vieram cinco meses depois (1950).

Nesse mesmo navio vieram as famílias Piet Vergouwen, Van der Vloet e Nardus van Melis, que desembarcaram no porto de Santos e foram rumo à Fazenda Ribeirão, mais tarde denominada Holambra I.

Gerrit Jan Rauwers os esperava e hospedou os novos imigrantes em sua residência, localizada na esquina das ruas Fernando Sturm com Dr. Otto Stahl, onde ficaram alojados por algumas semanas, até a chegada da bagagem.

A casa era velha, um rancho, e Maria não teve boa impressão do local. Assim que foi possível, mudaram para uma casa alugada. Pouco tempo depois, adquiriram a casa que era dos Ellwanger, localizada na Rua Cel. Alberto Schmitt, esquina com as Rua Augusto Scherer. Durante o tempo em que a família Mosselaar permaneceu em Não-Me-Toque, montaram uma sapataria bem equipada onde faziam consertos e fabricavam todo tipo de sapatos e botas, sob medida. Também tinham contrato com os padres do Ginásio São Francisco Solano para consertar os calçados dos internos do colégio.

No ano de 1951, um grupo de holandeses que estava deixando a Fazenda Ribeirão, veio conhecer Não-Me-Toque.

Uma comitiva formada por Pietje Uit den Willigen e Herman van Ass veio averiguar as condições das famílias e a possibilidade de se instalarem no Rio Grande do Sul. Decorridos 18 meses da implantação da Cooperativa de Holambra (SP), já corria notícia da insatisfação dos imigrantes e de problemas administrativos. Os associados esta-

vam inconformados com a situação e demonstravam disposição em começar tudo de novo.

Jan van den Mosselaar lembra das dificuldades iniciais em Não-Me-Toque, com a comunicação e, principalmente, pela pobreza das famílias holandesas. Ninguém tinha dinheiro e uns ajudavam os outros. Aos domingos, após a missa, todos se reuniam na residência da família Mosselaar para tomar aperitivos e café, mas especialmente, para trocar ideias e procurar apoio; matar a saudade, comentar as notícias dos familiares e acontecimentos da pátria distante. O local também servia para aqueles que moravam no interior trocassem de roupa para ir à missa.

Maria van den Mosselaar se encarregava de ir ao correio todos os dias, para buscar as correspondências dos holandeses que não tinham tempo e, aos domingos, fazia a distribuição aos destinatários. Nessas ocasiões, comemoravam suas vitórias, comentavam as derrotas e choravam a saudade.

O apoio dos padres – frei Marcolino Melis e frei Ildefonso Wouters – junto com os compatriotas Jan Rauwers e Matheus Melis, também ficou na lembrança de Johannes Petrus van den Mosselaar.

Como Jan era excelente sapateiro e, para emigrar, o governo holandês exigia um contrato de trabalho, conseguiu com os padres do Ginásio São Francisco Solano a garantia da contratação para fabricar sapatos para os internos do colégio e para os demais interessados. Para exercer a atividade, trouxe na bagagem duas máquinas, além das ferramentas. O trabalho também consistia em consertos – as pessoas mais pobres mandavam fazer meia-sola nos sapatos. Ocorria, muitas vezes, de os sapatos não serem retirados por falta de dinheiro para pagar o conserto.

Antes de embarcar, Maria fez um curso profissionalizante de corte e costura para ensinar no Brasil, porém não chegou a exercer a função, devido às dificuldades de comunicação – não entendia a língua dos moradores – e por ser uma pessoa muito nervosa. Encontrou outra alternativa ao associar-se à esposa de Gerrit Jan Rauwers e, juntas, montaram uma lavanderia, com suas próprias máquinas. Gerrit instalou uma bomba para abastecer de água as máquinas de lavar, e o dinheiro da lavanderia ajudou muito a manter as duas famílias.

Também receberam apoio das religiosas do Colégio São José e

do Hospital de Caridade, além de pessoas como o médico Dr. Otto Stahl, que não podia entender como os imigrantes haviam deixado a Holanda para virem ao Brasil, onde havia tanta pobreza. Prova disso eram as casas que tinham piores condições do que os galinheiros e estábulos que tinham na Holanda.

Jan Mosselaar lembrou que o primeiro imigrante que aprendeu bem a Língua Portuguesa foi Herman van Ass. Ele trazia sempre consigo um dicionário que utilizava para conversar com os brasileiros.

A infraestrutura de Não-Me-Toque era boa para a época, considerando o interior. Tinha energia elétrica na vila e água de poço. Os eletrodomésticos como máquina de lavar roupa, cafeteira, aspirador de pó, ferro de passar e outros trazidos na bagagem puderam ser usados logo que se instalaram. A residência da família era bem localizada, próxima à igreja, aos dois hospitais e às escolas.

Dos irmãos Mosselaar, apenas Hennie foi estudar no Ginásio São Francisco Solano, pois tinha 12 anos e cursara até o 7º ano primário na Holanda. Os demais irmãos já haviam completado os estudos na Holanda. Rinnie, que era eletricitista, e Jan ajudavam o pai na sapataria.

As roupas eram adquiridas no comércio local, principalmente do alfaiate Lauxen, e eram confeccionadas sob medida. Os tecidos e mercadorias para a manutenção da família, além dos alimentos, eram adquiridos nas lojas Graeff, Augustin, Kissmann e Reichert. Tinha também o Açougue Sebastiani (Schlosser).

Em 1956, os Mosselaar venderam a casa e a sapataria para Amanda Seibt, e transferiram residência para a cidade de Ijuí (RS). Lá contribuíram como sócios e funcionários para fazer crescer a fábrica de Calçados Ijuí S/A, que empregava cerca de 60 pessoas. Permaneceram na sociedade até 1958, quando iniciaram novamente por conta própria, trabalhando até 1970, quando o pai se aposentou e os filhos venderam tudo porque não se interessavam pela fábrica.

Marinus passou a trabalhar em Santa Rosa, como eletricitista em um frigorífico. Johannes foi trabalhar no Pólo Petroquímico, em Porto Alegre, e o pai retornou para Não-Me-Toque, onde estava Hendrikus, com seu escritório de contabilidade.

Jan Mosselaar retornou em três ocasiões para visitar a Holanda e tentar o benefício da aposentadoria. Só conseguiu na terceira vez.

No início ele quis voltar, devido às dificuldades encontradas, mas os filhos não quiseram. Com o tempo esse desejo passou e Jan garantiu que não tinha mais saudades da antiga pátria.

A mãe faleceu em Não-Me-Toque, no dia 23 de março de 1976, aos 78 anos. O pai viveu até quase 94 anos, falecendo em 1993.

Hendrikus van den Mosselaar, em 15 de agosto de 1992, presidiu a assembleia que aprovou os estatutos da atual Associação Holandesa, de Não-Me-Toque. Em reunião no dia 23 de junho de 1995, foi eleito presidente da associação.

Foi responsável pela elaboração de todas as correspondências oficiais em holandês, preenchia fichários e preparava passaportes para os imigrantes, quando precisavam. Participou de diversas diretorias do Hospital Beneficência Alto Jacuí, época em que foi construída a nova ala da instituição. Foi também presidente da Associação Comercial e Industrial de Não-Me-Toque.

O casal Hendrikus e Helena van Ass tiveram três filhos: Marcos, casado, que mora no Mato Grosso; Paula, casada com neto de imigrantes, que se tornou sócia do pai no escritório de contabilidade, e Rosane, que também se casou com neto de imigrantes e mora na Holanda.



A casa dos Mosselaar era ponto de encontro dos imigrantes aos domingos após a missa e ficava na esquina entre as ruas Augusto Scherer e Cel. Alberto Schmitt.



Johannes van den Mosselaar e esposa Maria Johanna Borghuis com os três filhos, Marinus (Rinnie), Johannes (Jan) e Hendrikus, em Não-Me-Toque, no terreno da primeira casa onde se instalaram, na esquina das ruas Fernando Sturm com Dr. Otto Stahl.



Família van Ass, pais e irmãos de Helena van den Mosselaar.



Família de Hendrikus van den Mosselaar e Helena van Ass Mosselaar.

Sibila Kok

Sibila Kok se lembra da vinda da família. O pai, Hermanus Theunissen, deixou a cidade de Diessen, na Holanda, no dia 18 de dezembro de 1948, com a família. Eram seis. Embarcaram na cidade de Antuérpia, Bélgica, em navio de meia carga, metade para passageiros. Era o Algenip, um navio Holandês.

Geert Heimeyer era engenheiro agrônomo e foi o primeiro presidente da Cooperativa Holambra (SP). Voltou à Holanda a fim de recrutar famílias para se instalarem na Fazenda Ribeirão (SP), no Brasil. A Senhora Theunissen, por temor de uma nova guerra, estava ansiosa por deixar a Holanda. Heimeyer atraiu os interessados para uma reunião no de Steeg, onde foram mostrados filmes e dadas explicações sobre o Brasil. Heimeyer foi, muitas vezes, à casa dos Theunissen e foi ele quem preparou toda a documentação necessária.

Antes do embarque participaram de uma missa na catedral, em S'Hertogenbos. Logo após, teve um café de despedida entre os companheiros de emigração. Foi muito difícil a separação dos parentes e amigos.

Durante 23 dias viram apenas água e céu. Na metade do caminho, enfrentaram tempestade com muitas ondas grandes. Não estranharam a alimentação. Jan Rauwers, Theo Melis e Thomas Sanders, com as famílias, viajaram no mesmo navio. A viagem foi tranquila com o registro de apenas uma das crianças passando muito mal e alguns adultos que sentiram desconforto.

A família desembarcou no Porto de Santos, em 10 de janeiro de 1949. Um dos diretores da cooperativa estava à espera das famílias. Ele organizou tudo para que os imigrantes pudessem seguir viagem de trem até Campinas, e de ônibus para a Fazenda Ribeirão, sem

maiores problemas.

A mudança foi grande e muito difícil, também. Na Holanda eram proprietários, na Fazenda Ribeirão tiveram que trabalhar em sistema cooperativista e em grupos. Receber ordens era difícil para eles, pois sempre haviam sido autônomos. O sistema não os agradou e muitos resolveram ir para o Rio Grande do Sul. Além das dificuldades na fazenda, os imigrantes sofriam muito com a saudade da pátria, dos parentes, amigos e da vida que tinham lá.

Comentavam sobre a coragem das famílias de Jan Rauwers e Theo Melis de irem para o sul do Brasil, por conta própria, sem proteção de instâncias superiores, cooperativa ou governo.

Embora separados, os contatos continuaram. Quando a situação na fazenda se tornou insustentável, Pietje Uitdewilligen e Hermanus van Ass viajaram para Não-Me-Toque, no Rio Grande do Sul, com o objetivo de conhecer a região e conferir a possibilidade de se estabelecerem ali. Voltaram muito animados com o clima e a região, que eram semelhantes à Holanda, pois parecia um pedaço da Europa. Logo se apaixonaram pelo povo, a maioria de origem alemã. Aqui podiam entender as pessoas e fazer seus próprios negócios, o que não era possível na fazenda, em São Paulo.

Durante a primeira visita ao Rio Grande do Sul, as duas famílias já adquiriram uma área de terra e reservaram outra para a família Theunissen que, por motivo de doença, não pode vir naquele momento. Mas alguns meses depois, saíram da Fazenda Ribeirão para se estabelecer em Não-Me-Toque. Os primeiros a chegar foram Heman Theunissen, Petrus Uitdewilligen e Herman van Ass. Depois vieram Antonius Assink e Jacobus van Riel.

Os Theunissen concretizaram a compra de uma área de 40 hectares, nas proximidades da cidade, onde a Star veio a se instalar, em 1974. Também Uitdewilligen e Herman van Ass adquiriram áreas. As famílias já possuíam máquinas agrícolas e logo começaram a trabalhar. Eram muito religiosas e praticavam sua fé.

Mais tarde, uma das filhas dos Theunissen foi para a Holanda à procura de um companheiro. Depois de seis meses, conseguiu trazer alguns amigos que, posteriormente, se tornaram membros da família através do casamento.

Dorotheia Jurrius

Dorotheia Jurrius (Dolly) conta que desembarcou no porto de Santos, no estado de São Paulo, no ano de 1950, em companhia dos pais, Theodorus e Hendrica Jurrius, e três irmãos menores. Como os demais imigrantes, vieram como sócios da cooperativa Holambra e se estabeleceram, primeiramente, na antiga Fazenda Ribeirão, onde moraram até o ano de 1956, quando vieram para Não-Me-Toque. Participavam ativamente da vida social da comunidade. Dolly se formou em magistério, no Colégio da Glória, em Carazinho e tornou-se tradutora oficial em várias línguas.

Entre as histórias vividas, lembra uma ocasião em que moravam em Não-Me-Toque, no interior de Vila Seca, ela com 17 anos e a irmã com 18 anos. Dirigiam a Kombi do pai, quando, numa manhã chuvosa, vinham para a cidade trazendo os irmãos mais novos para a escola e uma carga de ovos para entregar na Cooperativa Gaulanda. Na ponte da estrada que leva àquele povoado, a Kombi tombou. Apesar da gravidade da situação, todos riram muito, pois, um por um, saía amarelo de dentro do veículo tombado, melecado de ovo. O acidente não tivera maiores consequências.

O pai também contava sobre a visita do Príncipe Bernardo à colônia holandesa de Não-Me-Toque, em 1959. Na visita à prefeitura, foi-lhe oferecido um chimarrão. O Príncipe mexeu a erva com a bomba, como se fosse uma colher, então o mate trancou e ninguém mais pode tomar.

Também lembrava que o estagiário Hulzinga, no início dos anos 60, já previa que se os agricultores continuassem a praticar a monocultura, em breve a terra iria adoecer, como realmente aconteceu, obrigando-os a mudarem o sistema para a policultura.

O pai foi presidente do fundo hospitalar Príncipe Bernardo e da Cooperativa Agrícola Gaulanda. Em janeiro de 1967, Theodorus e Hendrica Jurrius foram para a Holanda a fim de ver como estava a situação do país e, se conseguissem serviço e casa para morar, iriam permanecer. Dolly e a irmã ficaram com uma procuração do pai, para fazerem todas as transações burocráticas da venda da terra, o que já havia sido acertado, verbalmente, antes de eles viajarem. Meio ano mais tarde, retornaram definitivamente para a antiga pátria.



Dorotheia Jurrius em visita ao Brasil, em janeiro de 2011, recebeu lembrança da Associação Holandesa, das mãos do presidente, Harrie Stapelbroek.

Thomas Antonius Michels

Thomas Antonius Michels, chamado Toon, e seu irmão Pieter Jan Thomas, chamado Jan, nasceram na cidade de Venray, província de Limburg, na Holanda. Thomas casou-se com Theodora C. Hoeymakers, no dia 22 de fevereiro de 1949, e no mesmo dia também casou o irmão Pieter Jan, com Jeannete Goumans.

Os pais tinham quatro filhos e uma filha. Um dos filhos, Harrie, emigrou para o Canadá, outro para a Nova Zelândia, dois para o Brasil, e a filha ficou na Holanda.

A industrialização da economia, na Holanda ainda estava em ascensão. A terra que tinham era pouca e pobre. É o chamado *peelgrond*, solo de areia impróprio para a agricultura. Antigamente quando ainda não havia adubo químico, pelo valor de uma calça Manchester (de veludo cotelê e reforçada) compravam-se quinze hectares de terra. Quem se arriscava estava fadado à falência. O engenheiro agrícola J. G. Heymeijer, idealizador da Cooperativa Holambra, convidou os irmãos Michels a participarem do projeto de colonização da Fazenda Ribeirão, no Brasil, que viria a ser a Cooperativa Holambra.

Nesta época, os dois irmãos ainda eram solteiros e em sua pátria não havia futuro para eles na agricultura. De comum acordo com as noivas, aceitaram a proposta de Heymeijer. Casaram-se e embarcaram no *Algenip*, navio holandês, junto com as famílias de Nicolaas (Klaar) Rietjens, Wilhelmus (Wim) e Cornelia (Corrie) Nobel, Van Dinteren, Johannes (Jan) Stapelbroek, Cornelis (Kees) A. H. Nieuwkuik, Bongers, Jacobus (Sjaak) van Riel e outras famílias, no dia 29 de março daquele mesmo ano.

Depois de cinco dias de viagem, alcançaram o Golfo de Biscaia. A embarcação tinha só meia carga e por esse motivo balançava muito,

o que levou todos a passarem mal. Quando deitados, não sentiam nada, porém quando ficavam em pé, sentiam-se muito doentes. Ao pisar em terra firme, num minuto, estavam bem.

Durante a viagem, viram muitos golfinhos acompanhando o navio durante vários dias. Também avistaram muitos peixes voadores que acabavam caindo sobre o navio. O capitão do navio estava muito satisfeito, pois nunca tivera passageiros com tão boa conduta. Ele preconizou que iria ver muitos imigrantes voltarem para a origem, porém ninguém poderia imaginar que isto realmente fosse acontecer, muito menos em tão pouco tempo.

Depois de 23 dias de viagem, chegaram ao porto de Santos, no dia 21 de abril de 1949, e passaram a noite num seminário de padres. De lá, partiram de trem para São Paulo. Como era uma única locomotiva, ela não conseguia puxar os cinco vagões e patinava sobre os trilhos. Foi necessário colocar mais uma máquina a vapor para iniciarem a viagem.

A ferrovia tinha muitas curvas e os passageiros se assustaram com a serra íngreme, que ainda não haviam visto. Muitos clamavam a Deus, questionando para onde estavam indo, afinal. Se tivessem dinheiro, teriam voltado imediatamente.

Heymeijer queria famílias com dinheiro para iniciar sua utopia cooperativista, que nascia fadada a fracassar, pois estava mal organizada desde o início.

Segundo Thomas Michels, no primeiro ano não choveu. Durante seis meses era tudo poeira. A região de Holambra não tinha boa terra, e a temporada de chuva era desfavorável para a agricultura de subsistência. Isso ficou provado. Com o tempo, a base da economia de Holambra passou a ser floricultura e turismo.

As famílias com muitos filhos passaram miséria na Fazenda Ribeirão, lembra Antonius Michels. Deixaram suas casas grandes, amplas e bonitas, feitas de alvenaria, com bonitos jardins e pomares, para viver em estrebarias.

O pátio da casa dos Michels, na Holanda, tinha forma de "U" invertido, com apenas uma entrada e uma saída. Era todo calçado com tijolos de quina. No inverno a temperatura da casa se mantinha adequada pela presença dos animais nas estrebarias e chiqueiros que ficavam emendados à casa. O frio era tão intenso que, em três noites

de geada, podiam passar com o caminhão sobre o gelo, sem quebra-lo.

Chegando à Fazenda Ribeirão, algumas famílias tiveram que morar em casas de pau a pique, feitas com paus redondos, verticais e horizontais, revestidos com barro que era misturado com estrume para aderir melhor à madeira.

O dirigente da cooperativa falava que a Holambra era uma mina de ouro. Durante uma reunião, um dos imigrantes repetiu ao presidente da Cooperativa Holambra, um ditado de seu pai: "Rijk rekenen en arm tellen" (deviam calcular rico e contar pobre). Significava que não deveriam ter expectativas tão altas. Um dos solteiros falou que deveriam separar o joio do trigo e as manchas podres deveriam ser extirpadas. Referia-se a Não-Me-Toque como joio, pois a imigração para o Sul do Brasil estava seduzindo muitas famílias.

Devido ao insucesso da produção nos primeiros tempos na Fazenda Ribeirão, a estimativa é de que mais da metade dos imigrantes assinou contrato, assumindo grande dívida junto ao Banco do Brasil para pagar em 30 ou até 40 anos. Para isso, tiveram de hipotecar toda a sua terra junto ao banco. Segundo os irmãos Michels, essa era a *mina de ouro* da Fazenda. Em 1954, eles também vieram para Não-Me-Toque, onde compraram em conjunto uma área de terras na localidade de Arroio Bonito. No local, não havia luz elétrica, água encanada e a estrada era muito ruim. As crianças enfrentavam muitas dificuldades para irem à escola. Apesar disso, todos conseguiram concluir o ensino médio.

Em 1972, Antonius quis ampliar a lavoura. Para concretizar este sonho, foi procurar nos estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, observando sempre primeiro a estrutura da terra. Conseguiu comprar 10.000 hectares, onde seus seis filhos encontraram um futuro promissor. Antonius Michels não se arrependeu de ter persistido.

Em 13 de janeiro de 1988, faleceu Theodora Cristina, a grande companheira de tantas dificuldades. Passados dois anos, Thomas casou-se com Henrika Kok, com quem viveu feliz e aproveitou das conquistas de uma vida, realizado, porque garantiu um futuro melhor para os filhos.

Thomas Antonius faleceu em 26 de dezembro de 2000, na cidade que escolheu para escrever sua história.



Casa dos Michels na Holanda.



Os irmãos Thomas Antonius e Pieter Jan Michels, recém casados, ao lado das esposas, Theodora Hoeymakers e Jeannete Goumans, a bordo do navio que os trouxe para o Brasil em 1949.



Jan Michels construindo sua casa em Holambra, no Brasil.

Willibrordus van Lieshout e Alberta Sleutjes

Nascido em 1905, Alphonsus Sleutjes casou-se com Theodora Maria van den Oetelaar, também nascida em 1905. Aos 44 anos, deixaram a Holanda para buscar novas oportunidades, trazendo consigo seus seis filhos: Wilhelmina Alberta Maria (12 anos de idade), Alberta Wilhelmina Maria (10 anos), Johannes Adrianus Josephus (8 anos), Adrianus Alphonsus Maria (7 anos), Theodora Roberta Ana Maria (6 anos) e Albertus Johannes Josephus (3 anos).

O destino da Família Sleutjes era São Paulo, onde chegaram em 1958. Vinham como sócios da Cooperativa Holambra, à Fazenda Ribeirão, para a qual já tinham integralizado o valor da cota capital e trabalhariam na agricultura. No início, todos ajudaram a desbravar a área. Quando concluído o trabalho, foram divididos os lotes de acordo com a integralização da cota de cada família. Cada uma trabalhava seu lote e entregava a produção à cooperativa.

Aos 21 anos, Alberta, a segunda filha, casou-se com Willibrordus van Lieshout, em 12 de janeiro de 1961. A família de Alberta permaneceu em Holambra e nessa época já havia desentendimento entre colonos imigrantes e diretoria da cooperativa.

O casal veio logo morar em Não-Me-Toque para começar a vida. Nesta terra nasceram os filhos Adriano Afonso Maria, cuja morte prematura, aos cinco meses, causou imensa tristeza; depois vieram Adriano Afonso, Afonso Lamberto, Paulo Alberto, Marcelo Teodoro e Eduardo Willy.

Os van Lieshout

Adrianus van Lieshout, nascido em 1883, e Lamberta van Rooy (1895), tiveram 13 filhos, entre eles, Willibrordus, que chegou soltei-

ro ao Brasil, em 1958, com recursos para associar-se à Cooperativa Holambra, onde adquiriu um sítio de 21 hectares e conheceu Alberta Sleutjes, que trabalhava como auxiliar de diretoria da cooperativa e viria a ser sua esposa. Willy já tinha no Brasil duas irmãs mais velhas: Toos, casada com Wilhelmus Miltenburg, e Anny, casada com Hermanus Kievitsbosch. Em 1959 chegou a irmã Marie, casada com Petrus Pennings.

A viagem de lua de mel de Holambra para Não-Me-Toque, com a jovem esposa, Alberta, apelidada de Betsi, foi realizada de Jeep, com três pessoas nos bancos da frente e o casal atrás. Viajaram durante cinco dias – de 13 a 17 de janeiro de 1961 – trazendo consigo algumas malas. Eles chegaram cobertos de poeira. O restante dos pertences veio de caminhão.

Willy e Betsy começaram a vida em Não-Me-Toque, numa casa alugada, pequena e suja, sobre uma área de 25 hectares, arrendados de Vilmo Bentz, localizada próximo de onde hoje se encontra o Lar do Idoso São Vicente de Paulo. Não havia banheiro, por isso adaptaram as instalações dentro do galpão. A falta de condições sanitárias era surpreendente.

Enquanto moraram nesse lugar, nasceram seus três primeiros filhos, todos no Hospital de Caridade.

Em 1964, compraram sua primeira área de terras, 27 hectares, com uma casa boa, de material, próximo ao local onde moravam e assim puderam manter o arrendamento. Para a compra, utilizaram a renda da propriedade e parcelaram o saldo.

No período de 1964 a 1965, acompanharam o retorno à pátria de mais da metade dos holandeses que haviam se instalado em Não-Me-Toque, por motivos diversos, mas especialmente pela saudade, por não terem conseguido sucesso e até para que seus filhos não se casassem com brasileiros. Alguns fizeram campanha para que todos retornassem. A família van Lieshout ficou, pois estava indo bem com a lavoura. A principal condição era poder oferecer estudo para os filhos. Se isso não acontecesse, voltariam. A realidade da Holanda, nessa época, começara a mudar, em função da industrialização, especialmente no sul do país, o que não ocorreu no setor agrícola. Quem permaneceu na atividade não cresceu, comparado com os que haviam emigrado para o Brasil.

Em 1967, venderam a área que tinham e adquiriram 127 hectares na localidade de Vila Seca, onde mais tarde adquiriram mais 100 hectares e arrendaram outros 100, quando a lavoura começou a render.

Van Lieshout, muitas vezes, teve dúvida sobre se estaria fazendo a coisa certa, mas pensava no futuro e via que as possibilidades estavam no Brasil, onde poderia exercer a profissão de agricultor e crescer.

Willy, que veio com o nível médio concluído, não teve dificuldade de comunicação e logo quis aprender a falar Português. Teve fácil convivência com o povo de Não-Me-Toque.

A atividade agrícola continuou rendendo bem para eles, que aplicou seus conhecimentos para transformar a propriedade em um empreendimento lucrativo. Os filhos puderam estudar em escolas bem recomendadas e se formaram médicos veterinários, engenheiro agrônomo, técnico em mecânica e técnico agrícola. Quatro deles abraçaram a atividade do pai.

O conhecimento em técnicas agrícolas trazido da Holanda, fez a diferença na hora de cultivar a terra adquirida dos moradores da região. A importação de sementes de batata inglesa foi uma das primeiras atividades bem sucedidas. Por volta de 1965, um agrônomo foi nomeado pelo governo holandês para prestar assistência aos imigrantes.

No período de 1995, os van Lieshout tinham 330 hectares em Não-Me-Toque e não sabiam o que fazer para oportunizar a evolução dos filhos. Apareceu um comprador, fizeram reunião de família e decidiram vender para adquirir terras no estado de Goiás, onde dois dos filhos já estavam morando. Naquelas terras, os filhos foram aplicar os conhecimentos adquiridos nos estudos e especialmente as lições de quem aprendeu com a vida. Eles foram se tornando independentes, constituindo suas famílias e dando sequência ao ciclo da vida.

Willy e Betsi venderam todas as terras que tinham em Não-Me-Toque, mas não deixaram a cidade que os acolheu e proporcionou as condições para criar e educar os filhos – condição principal que os manteve na terra quando tantos outros compatriotas retornaram à Holanda ou se mudaram para outros estados brasileiros.

Aquele jovem cheio de esperança que veio sozinho da Holanda,

constituiu família e se firmou como uma importante liderança na sua comunidade, contribuiu com a formação da Cotrijal e depois na fundação da Credijal, que se tornou Sicredi. Também exerceu e ainda exerce importante liderança no meio rural, presidindo o Sindicato Rural.



Willy trabalhava sobre a máquina na colheita da soja.



Betsi em frente a primeira casa em que moraram, na saída para a localidade de São José do Centro, em Não-Me-Toque.



Alberta van Lieshout junto das filhas Adriano, Afonso e Paulo.



Willy e a esposa cercados pelas filhas, noras e netos, comemoram com orgulho o sucesso de uma vida de luta e trabalho.

Três famílias Rietjens

Três famílias Rietjens vieram juntas para o Brasil. Os irmãos Johannes Mathias e Nicolaas, e o primo Jacobus Lambertus. Eles deixaram a Holanda em 19 de dezembro de 1949, embarcaram no navio brasileiro Duque de Caxias, rumo ao Brasil, junto com outros 100 imigrantes holandeses e 900 imigrantes alemães. Desembarcaram no Porto de Santos (SP), em janeiro de 1950, e foram direto para a Fazenda Ribeirão, já associados à Cooperativa Holambra.

Johannes Mathias Rietjens e Hubertina Antonia Hendriks trouxe-ram seus nove filhos: Johannes Jacobus, Gertruda, Jacobus, Lambertus, Cornelis, Peter Mathias, Maria Catharina, Henricus Johannes, Elisabeth Hubertina e Maria Johanna.

Nicolaas Rietjens veio com a esposa, Anna Barbara e os oito filhos: Johannes, Jacobus, Maria, Gertruda, Henrique, Catharina, Lambertus e Annie.

Jacobus Lambertus Rietjens e a esposa Maria Catharina também trouxeram seus nove filhos: Catarina, Peter, Henricus, José, Philomina, Elisa, Mannie e Mathias.

Johannes permaneceu com a família em Holambra, até fevereiro de 1953, quando decidiu seguir outras famílias e mudar-se para Não-Me-Toque. Acreditava que no sul, teria chances de conquistar melhores condições de vida. Logo, ele comprou 25 hectares de terras, na localidade de Arroio Bonito, onde começou a plantar trigo, batata e milho, além de criar gado e suínos. Trouxe seu primeiro trator, um dos únicos na região. Também vieram o irmão e o primo.

Johannes fez sociedade com o primo Lambertus e arrendaram terras na localidade de Linha Gramado.

No ano de 1965, Johannes e a esposa Hubertina resolveram re-

tornar à Holanda, pois já tinham idade para se aposentar. Os filhos constituíram família e alguns também seguiram os pais, de volta à terra natal. Apenas Henricus permaneceu em Não-Me-Toque.



Navio Algenip que trouxe as famílias Rietjens e aportou em Santos (SP), em abril de 1949.



Peter Rietjens entre os imigrantes que curtiram a grande nevasca que cobriu Não-Me-Toque, em agosto de 1965.



Jacobus Lambertus e Maria Catharina Rietjens embarcaram com os 9 filhos: Catharina, Peter, Henricus, José, Philomina, Elisa, Nicolaas, Annie e Mathias.



Johannes Mathias e Hubertina Rietjens vieram com os 9 filhos: Johannes Jacobus, Gertruda, Jacobus Lambertus, Cornelis, Peter Mathias, Maria Catharina, Henricus Johannes, Elizabeth Hubertina e Maria Johanna.



Nicolaas e Anna Barbara com os 8 filhos: Johannes, Jacobus, Maria, Gertruida, Henrikus, Catharina, Lambertus e Anna.



Em 1956, aconteceu o casamento de um dos membros da família Rietjens.

Peter Jan Rietjens

Peter Jan Rietjens (Sjang) nascido em 26 de abril de 1932, veio para o Brasil, junto com os pais, Johannes Lambertus Rietjens e Maria Catarina Hendriks Rietjens, em 1949. Aportaram em Santos, estado de São Paulo, e dali seguiram direto à Fazenda Ribeirão, para integrar o quadro associativo da Cooperativa Holambra, onde permaneceram durante aproximadamente três anos e meio. Sjang conheceu a jovem Maria Stapelbroek, com quem se casou, quando ainda residiam em Holambra.

Nessa época, a cooperativa ia de mal a pior. Quando a situação se tornou insustentável, em 1953, os pais com um dos filhos vieram para Não-Me-Toque, então município de Carazinho, unindo-se aos demais imigrantes já estabelecidos no Sul do Brasil. Peter Jan e a esposa também se mudaram e, junto com mais cinco jovens casais, estabeleceram-se no município de Mococa (SP). Em conjunto, arrendaram doze hectares de terra, onde cultivavam batatinha inglesa, milho, tomate, entre outros produtos, e criavam galinhas poedeiras. Ali nasceram os três primeiros filhos do casal: Johanna (Janny), Bernardo (Berrie) e Adriano (Adri).

Dos cinco casais que se associaram no arrendamento, as esposas de três deles eram filhas de Johannes Bernardus Stapelbroek, que também migrou para Não-Me-Toque. As cinco famílias ficaram ainda alguns anos trabalhando em Mococa, porém, no ano de 1956, decidiram unir-se aos familiares, em Não-Me-Toque. De lá, vieram Peter Jan Rietjens, Leo Philipsen e Pierre Wolfs com as respectivas famílias, além das famílias de Bert e Hans Hogenelst.

Sjang dedicou-se ao serviço de motorista de caminhão. Junto com o primo, Johannes Rietjens, transportava toda a produção da

Cooperativa Gaulanda para Porto Alegre e traziam insumos de volta. Em Não-Me-Toque nasceram os filhos Marlene e Rudi.

Anos mais tarde, já na época da expansão agrícola, com muita economia comprou uma área de terras em Ronda Alta, a chamada Fazenda Anoni. O fato de ser estrangeiro atrasou a escrituração da fazenda. Quando estava bem organizada e estruturada com galpões e casa nova, a terra bem adubada, produzindo o máximo, na calada da noite, centenas de integrantes do Movimento dos Sem Terra invadiram a propriedade, tomando toda a infraestrutura para si. O evento teve repercussão nacional. O filho que morava na fazenda não pode recolher nem os pertences pessoais. Peter Jan tentou, por várias vezes, a reintegração de posse, sem êxito. Não pôde nem colher a safra que estava pronta, muito menos continuar plantando. Perdeu tudo, muitos anos de trabalho e investimentos.

Como não era homem de se deixar abater, depois da experiência dolorosa, Pieter Jan comprou uma área de terras no município de Rondonópolis. Junto com os filhos, desbravou a área de cerrado e começou construindo uma ponte para chegar ao local. Até a madeira para a ponte teve de ser trazida do Rio Grande do Sul. No início, morou em barraca com a família, mas valeu a pena recomeçar.

Em cinco de maio de 1995, em um acidente de automóvel, no Mato Grosso, ficou gravemente ferido e perdeu a esposa. Homem de vontade férrea, superou tudo. O destino, que é imprevisível, em 21 de junho de 2003, tirou a vida do filho Rudi, em outro acidente de trânsito em Rondonópolis (MT). Rudi deixou a esposa Mariza de Quadros Rietjens com três filhos. Apesar de tudo, Peter Jan Rietjens superou mais esta provação.

Depois de alguns anos, casou-se com Theresia Henrica Stapelbroek, que já fora casada e também tivera seus filhos, todos encaminhados: Ricardo João Rauwers, Ana Regina Rauwers da Silva e Rodrigo Rauwers.

Continuou morando em Não-Me-Toque e permaneceu ativo, ajudando os filhos a administrarem a Fazenda Ribeirão, para onde vai com frequência.



Peter, na direita, foi caminhoneiro até juntar dinheiro para comprar seu primeiro lote de terras.



Jacobus Lambertus e Maria Catharina Rietjens, pais de Peter.

Thomas Sanders

Thomas Sanders e a esposa Johanna Sanders Versteden vieram a bordo do navio Algenib, trazendo os filhos - Maria, Antonia, Theodorus e Gerarda - com a esperança de ter um futuro melhor na condição de sócios da Cooperativa Holambra, instalada na antiga Fazenda Ribeirão, no estado de São Paulo.

O imigrante se deparou com uma situação que não esperava, quando chegou, no ano de 1949. De proprietário, passou a ter de dar satisfações sobre seus atos e pedir proventos, sempre que faltasse algo à família. Insatisfeito, foi um duro crítico do sistema e decidiu mudar-se. Este foi o motivo que o trouxe a Não-Me-Toque, no ano de 1951.

Além de visitar amigos, veio conhecer a situação e sondar sobre a compra de terras. Acabou fechando negócio com a família Schuster, adquirindo um lote na Saída para Lagoa dos Três Cantos. Retornou para buscar a família e a trouxe de avião. A aeronave pousou no campo que existia na propriedade dos Graeff, atualmente nas imediações do trevo de acesso norte da cidade.

Nessa época, a família já havia crescido. Gerardus foi a primeira criança, filha de imigrantes holandeses, a nascer em Holambra. No ano seguinte, nasceu Elisabeth.

Thomas contou com o apoio da esposa Johanna para vencer todas as dificuldades, desde as instalações precárias da primeira casa em que moraram, onde o sanitário era uma latrina, até as tarefas na lavoura. Mãe de onze filhos - ainda nasceram Henrique, Tereza, Cornélio, Petronela e Thomas - ensinou a todos as tarefas de casa e junto com o marido, a importância da cooperação, da economia e, especialmente, o valor da família.

Depois de dez anos em Não-Me-Toque, Sanders adquiriu uma nova área de terras, no município de Ernestina, a cerca de 24 quilômetros, para onde levou a família e conquistou a prosperidade. "O Brasil tem as terras, nós temos as técnicas", dizia sempre o velho Sanders, referindo-se à abundância de áreas e ao conhecimento avançado para a época, que os imigrantes holandeses traziam em relação ao cultivo e correção do solo.

Na casa dos Sanders, a mãe costurava a roupa de todos, utilizando a mesma peça de tecido por medida de economia. As meninas aprenderam a cozinhar, costurar, trabalhar na horta e aproveitar todos os produtos cultivados. Até hoje, Elisabeth, a única da família que permanece em Não-Me-Toque, é conhecida pela sua habilidade culinária. Com os produtos da horta e do pomar, que cultivava com auxílio do companheiro Antonius Assink, são feitas geleias e conservas de frutas e legumes, Elisabeth Sanders também produz biscoitos, pães, vlaai e ainda recebe visitantes no jardim da casa que foi dos pais, e que batizou de Paraíso na Terra.

Para Thomas Sanders, o Brasil era um paraíso, onde a natureza se manifesta em abundância, permitindo ao homem que trabalha tudo colher. Foi em sua homenagem que Beth deu o nome ao jardim onde cultivava, com harmonia, dezenas de espécies de flores e plantas ornamentais. Nele, um moinho identifica as origens dos moradores e também serve para lembrar a luta e as conquistas.

Para Elisabeth, é importante reconhecer que as conquistas dos imigrantes foram possíveis por causa das mulheres, heroínas que se sujeitaram à perda do conforto que já tinham, para recomeçar a vida em condições inóspitas, parindo um filho por ano e contribuindo, com muito trabalho, fé e valores para manter unidas as famílias e preservar a vida em comunidade.



Casa da família Sanders na Holanda.



Johanna com os filhos Maria, Antonia e Theodorus no convés do navio durante a viagem.



Chegada em Holambra.



Casa destinada aos Sanders, em Holambra, em 1949.



O conhecimento mais avançado em agricultura possibilitou aos imigrantes alcançarem alta produtividade nas esgotadas terras da região de Não-Me-Toque.



Thomas Sanders e a esposa Johanna vieram com destino à Fazenda Ribeirão (Holambra) com 4 de seus 11 filhos: Maria, Antonia, Theodorus e Gerarda. Gerardus foi o primeiro bebê filho de imigrantes nascido em Holambra, seguido de Elisabeth. Em Não-Me-Toque, nasceram Henrique, Tereza, Cornélio, Petronela e Thomas.

Nicolas Hendrikus Berger

Nicolas Hendrikus Berger nasceu em Obdan, em 20 de junho de 1924. Emigrou da Holanda sozinho, em 1948, e escolheu o Brasil como destino. Veio para Não-Me-Toque em 1955, onde conheceu Petronela Maria Cornélia Jansen, nascida em Deurne, na Holanda, em 20 de julho de 1933. Ela emigrara para o Brasil, com os pais e os irmãos, em 1950.

Nicolas e Petronela casaram-se em 20 de maio de 1961. Desta união nasceram três filhos: Nicolas Berger, em 26 de fevereiro de 1962; Hubertina, em 9 de junho de 1965; e Alexandro, em 16 de fevereiro de 1969.

Nicolas casou-se com Lorni Junges, em 30 de agosto de 1989, e tiveram uma filha, Amanda Cristina Berger, em 2 de fevereiro de 1990.

Hubertina casou-se com Ivo Antônio Binsfeld e tiveram três filhos: Cintia Berger Binsfeld (1º de setembro de 1986); Iuri Berger Binsfeld (12 de junho de 1988); e Ivo Antônio Binsfeld Junior (21 de junho de 1990).

Alexandro Berger casou-se com Marli Terezinha Barboza e tiveram três filhos: Gerhard Berger (20 de novembro de 1990), Annie Cecilia Berger (25 de fevereiro de 1992) e Cristiane Berger (13 de abril de 1994). Alexandro é avô de Enzo Berger Goes, nascido em 31 de janeiro de 2009.



Família Jansen; Petronela Maria Cornelia Berger com os pais e irmãos.



Nicolaas e Petronela Berger com os filhos, Nicolas, Hubertina e Alexandro.



Os filhos de Nicolas Hendrikus Berger acompanham Antonius van Riel em atividades na lavoura.



Nico Berger chegou em Holambra em 1949, trabalhou em diversos lugares do Brasil e se estabeleceu em Não-Me-Toque no final da década de 50.

CAPÍTULO XXIV

O imigrante solitário

Em 1951, veio para Não-Me-Toque uma família de imigrantes conhecida como "Os iuguslavos". A história a família tem muito em comum com a história dos holandeses, porém eles sofreram ainda mais os horrores da segunda guerra mundial. Pavao (Paulo) Klajn e a esposa, Francisca Klajn, tinham três filhos, Petar (Pedro), Rosina e Anton (Antônio). O pai era mecânico de profissão, conforme a professora Rosina Klajn, nascida em 7 de outubro de 1934, na cidade de Ruma - Iugoslávia - relata em seu livro "Lembranças". Eles saíram da Europa como os deslocados da guerra, totalmente desprovidos de bens.

Ao chegarem ao Rio de Janeiro, em 12 de fevereiro de 1949, também foram encaminhados à Ilha das Flores, assim como ocorreu com a família Souilljee, em 10 de janeiro de 1952. Ficaram poucos dias na ilha e foram convidados, junto com outras famílias de imigrantes, para trabalhar na cidade de Pará de Minas, no estado de Minas Gerais. Permaneceram cerca de dois anos naquela cidade e, através de padres franciscanos que lá conheceram, tomaram conhecimento de que o frei Olímpio Reichert, pároco da igreja católica de Não-Me-Toque, no Rio Grande do Sul, poderia facilitar sua colocação em um emprego. Então rumaram para o Sul, onde imigrantes europeus já viviam.

Pavao e o filho mais velho, Petar, conseguiram trabalho logo, na oficina e fábrica de camas e equipamentos hospitalares, propriedade de Elinor Kirinus e Gerrit Jan Rauwers. Os iuguslavos se deram bem em Não-Me-Toque, e após alguns anos, construíram sua própria oficina e casa, localizada na esquina da rua Vasco da Gama com a avenida Guilherme Augustin. O prédio de dois pisos ainda é o mesmo que

atualmente ~~ab~~riga um mercado de frutas.

Na época da expansão agrícola, no final dos anos sessenta, os Klajn venderam tudo o que tinham e retornaram ao estado de Minas Gerais, desta vez à cidade de Iraí de Minas, onde montaram uma oficina. Na mesma época, os filhos de imigrantes holandeses, Francisco van Riel e Pieter Jan Michels, compraram áreas de terra naquela região. Depois de alguns anos, os filhos de Pavao e Francisca Klajn voltaram para o Rio Grande do Sul.



Pavao Klajn, o iuguslavo, trabalhou na fábrica de Gerrit Jan Rauwers e Elinor Kirinus, que fabricava camas hospitalares, cadeiras de dentista e máquinas de lavar roupa.



Pavao ao lado da esposa e dos filhos, Anton e Rosina, com o primeiro carro adquirido pela família em Não-Me-Toque.

CAPÍTULO XXV

Os holandeses de Ijuí

Considerado Berço da Imigração Holandesa no Rio Grande do Sul, Não-Me-Toque recebeu os primeiros imigrantes holandeses em janeiro de 1949. Antes, em 1945 a 1947, chegaram os missionários, dessa mesma origem, e fizeram parte do dia a dia dos não-me-toquenses.

Em 1908, haviam chegado a então Colônia de Ijuhy, nove famílias holandesas, procedentes da província de Noordholland, nos Países Baixos, saíram do porto de Amsterdam, no dia 5 de maio daquele ano, chegando ao porto do Rio de Janeiro, no dia 27 de junho, depois de 52 dias de viagem. As famílias permaneceram alguns dias no Rio para descansar e depois seguiram com destino a Porto Alegre, onde embarcaram no trem que os trouxe até Cruz Alta. Vieram de carroças até a Colônia de Ijuhy, onde foram recebidas pelo encarregado da Comissão de Terras e Colonização.

Segundo Ademar Campos Bindé, no seu livro "As Etnias em Ijuí, II - Os Holandeses", os imigrantes pertenciam às famílias: Comandeur, Owergoor, Hamaier, Reithoven, Kleijn, van der Groot, van Ham, Blom e Beust. A maioria permaneceu em Ijuí, construindo ali sua história. Apenas alguns decidiram tomar outro rumo, voltando para a Holanda ou seguindo para a Argentina.

CAPÍTULO XXVI

A Holambra que deu certo

Depois que as piores crises passaram, a partir de 1960, mais de dez anos após a fundação da Cooperativa Holambra, os imigrantes que permaneceram começaram a sentir o progresso em quase todos os setores. Tanto na área econômica como na vida social.

Ao fim da década de 1960, o cultivo de flores, principalmente gladiolos e bulbos, aumentou consideravelmente, bem como a criação de frangos para o abate. Junto com a construção de um abatedouro da própria cooperativa, a suinocultura e a plantação de cítricos eram as principais fontes de renda na época.

Nesse período, assim como nas demais regiões do Brasil, ocorreu a expansão agrícola. Os imigrantes de Holambra começaram a comprar terras fora do domínio da Cooperativa, inicialmente, no município de Santo Antônio da Posse (SP) e na região de Casa Branca (SP), principalmente para se dedicarem ao cultivo de flores. Uma nova fase iniciou quando os jovens agricultores sentiram a necessidade de expandir a atividade agrícola, de buscar mais espaço para progredir. Na fazenda já não havia mais terra disponível. Então, foram procurar áreas mais distantes. Foi assim que se expandiram para os estados de Goiás, no município de Rio Verde, e em Maracaju, no estado de Mato Grosso do Sul, além de outros estados brasileiros, onde cultivaram, principalmente, soja e milho. Nessa mesma época, em 1962, a Cooperativa Holambra comprou a Fazenda das Posses, no município de Paranapanema (SP), para fundar ali uma nova colônia holandesa, a Holambra II.

Holambra deu certo graças a três pioneiros que chegaram à fa-

zenda nos anos 1956-1959, saídos da província de Noord Holland (Holanda do Norte). Eles iniciaram por conta própria o cultivo de gladiolos. Primeiro, fizeram a comercialização pessoalmente, na Ceasa, na capital paulista. Quando se tornaram mais conhecidos, os compradores vinham até Holambra para adquirir as flores. O sucesso animou outros produtores e a demanda aumentou. Durante quinze anos a Cooperativa se encarregou do transporte e venda da produção das flores. A tarefa foi devolvida aos produtores, porém, o depósito e o local das vendas continuaram à disposição dos floricultores. O local, em 1989, deu origem à fundação do Veiling Holambra, único Centro de Comercialização de Flores e Plantas Ornamentais do Brasil, responsável por 45% do mercado nacional. Foi desta forma que Holambra se tornou conhecida em todo o Brasil como a Cidade das Flores.

Em 1973, foram comemorados os 25 anos de fundação da Cooperativa Agropecuária do Núcleo do Ribeirão, Holambra. A festa foi preparada durante um ano, com a convicção de que seria para os habitantes de Holambra. Mas muitos familiares, amigos e antigos moradores também vieram participar das festividades. Os festejos criaram uma ótima oportunidade para esquecer antigas contradições. A partir de 1970, os contatos entre as colônias se intensificaram.

Em 1976, por iniciativa do então embaixador do Reino dos Países Baixos no Brasil, Jkh. Dr. Quarles van Ufford, aconteceu o primeiro Zeskamp. Desde então, as olimpíadas continuam reunindo as seis colônias holandesas radicadas no Brasil: Holambra (SP); Campos de Holambra (SP), que pretende se emancipar; Carambeí, Castrolanda e Arapotí (todas no PR), e Não-Me-Toque (RS).



O Veiling Holambra é o único Centro de Comercialização de Flores e Plantas Ornamentais do Brasil.

CAPÍTULO XXVII O Ano Brasil Holanda

Foi em 2009 que iniciaram as tratativas para que o Brasil comemorasse o centenário da imigração holandesa no ano de 2011. A iniciativa partiu da comunidade holandesa de Carambeí (PR), que recebeu a primeira colônia de imigrantes no ano de 1911. Outras cidades que abrigam comunidades de descendentes de holandeses apoiaram, como Não-Me-Toque (no Rio Grande do Sul), Castro, Castrolanda e Arapotí (Paraná), Holambra e Campos de Holambra (São Paulo).

O Projeto de Lei da Câmara, nº 180, de 2010, de autoria do deputado federal Luiz Carlos Hauly (PMDB-PR), que institui 2011 como o Ano da Holanda no Brasil, foi aprovado no Senado Federal e sancionado pela presidente Dilma Roussef.

A Comissão Municipal do Ano Brasil Holanda, formada por Teodora Lütkemeyer, vice-prefeita, Jair Kilpp, secretário de Desenvolvimento, vereador José Aloísio de Souza, representando o Poder Legislativo, Willibrordus van Lieshout, representando a Associação Holandesa, foi responsável pela inclusão de Não-Me-Toque na comemoração nacional e pela programação local.

O início da programação nacional ocorreu no dia 17 de março, durante a Expodireto Cotrijal, com a presença do cônsul geral dos Países Baixos, Louis Piët, que participou da inauguração do Monumento ao Imigrante, esculpido em pedra jaspe.

Uma exposição fotográfica promovida pelo Governo Municipal, com o apoio da Associação Holandesa, foi organizada por Helaine Gnoatto Zart (curadora), com execução da Foto Choks. Colaboraram Harrie Johannes Stapelbroek, Cornélia van Riel, além de familiares

dos homenageados.

Na noite de 17 de março, em solenidade realizada no Clube União, com a presença do Cônsul dos países Baixos, Louis Piët, e do conselheiro para assuntos agrícolas da Embaixada do Reino dos Países Baixos, Bart Vlolijk, as famílias dos pioneiros que permanecem com vínculos em Não-Me-Toque foram homenageadas com uma Menção Honrosa. O Governo Municipal, através do prefeito Antônio Vicente Piva, prestou reconhecimento à contribuição econômica e social que os imigrantes holandeses trouxeram ao município. Na ocasião também ocorreu o Lançamento da segunda edição da obra "Não-Me-Toque no Rastro da Sua História", da historiadora Sandra Pedroso Cunha. Harrie Stapelbroek, em nome da Associação Holandesa, falou do sentimento da sua comunidade:

- Muito se fala da contribuição que os holandeses deram ao município. Em nome de todas, agradeço ao povo de Não-Me-Toque pela forma como nos recebeu e pelo crédito que deu às nossas famílias. Nós somos muito gratos a vocês. Quando chegamos, éramos pobres e desconhecidos nesta comunidade. Os primeiros financiamentos concedidos pelo Banco do Brasil tiveram o aval dos freis e também contamos com a bondade dos comerciantes locais.

Integrou a programação do ano o Zeskamp das Etnias, realizado no mês de maio, e uma cavalgada no mês de junho. Três famílias de imigrantes holandeses abriram as portas da propriedade para receber os cavaleiros da 8ª Cavalgada Município de Não-Me-Toque, realizada no mês de junho, que teve a duração de dois dias e a participação de 89 cavaleiros vindos de onze cidades da região do Alto Jacuí. Realizada pelo CTG Galpão Amigo e pelo departamento Cavaleiros da Tradição, a cavalgada percorreu 45 quilômetros, visitando as propriedades dos casais Elisabeth Sanders e Antonius Assink, Adriana e Pedro van Riel, Dolores e Geraldo Kok.



Monumento retrata casal de imigrantes da região Noort Brabant Holanda.



Representantes das famílias dos pioneiros homenageadas e as autoridades que promoveram e prestigiaram o ato.



Elisabeth Sanders mostrou o Jardim Paraíso na Terra aos cavalarianos de grupos da região do Alto Jacuí.



Joseph Stapelbroek construiu quatro moinhos que foram colocados na cidade de Não-Me-Toque em comemoração ao Ano da Holanda no Brasil.

CAPÍTULO XXVIII

Diário de Bordo

Theodora Assinck, uma das filhas do casal Souilljee, escreveu um diário contando tudo o que aconteceu durante os 40 dias, do embarque na Holanda até a chegada em Não-Me-Toque. No diário, relata fatos e impressões, registrando os sentimentos que foram comuns a todos os imigrantes.



Theodora Assinck guarda até hoje o diário.



1º dia

Dia 23 de dezembro de 1951, às 8 horas, o navio partiu. De manhã, durante o café, o gigantesco transatlântico é rebocado para fora do porto. Em seguida os motores começam a roncar e, em pouco tempo, estamos navegando em alto mar, em direção ao hemisfério sul. No primeiro dia, a maior parte da família ficou com enjoo. Kees, de 5 anos, se mantém firme. Constantemente, passam outros navios por nós. Passamos as Montanhas Cretáceas, à tarde, vemos somente água e mais água, e o mar é bastante agitado. O pai ainda não se queixa de enjoo, e ele foi sozinho à mesa. Todos estamos doentes, menos a Corrie.

24 de dezembro de 1951.

Véspera de Natal. Estamos no início do golfo de Biscaia, que se encontra em frente à costa da França, na altura da cidade de Bordeaux. A tempestade é forte e o mar é bastante bravo. Em pleno dia o céu está escuro como se fosse noite, e a embarcação balança muito forte. Cruzamos por outro navio, que foi levantado ao alto sobre uma onda gigantesca e, no momento seguinte, só se via o mastro por cima da água. Todos continuam doentes, menos o pai e a Corrie.

Nota da Autora

É proibido subir ao convés. Ao caminhar pelos corredores é preciso segurar firme para não ser jogado de um lado para o outro. Todos estavam recolhidos nos seus camarotes. Eu estava sozinha e, sem ter o que fazer, caminhava pelos corredores, como um bêbado, devido ao balanço do navio. Curiosa, primeiro descí as escadarias até a sala das máquinas, espiei e vi alguns homens com macacões cor de laranja mexendo nos enormes motores que produziam um barulho infernal. Ninguém me notou, e então eu voltei. Dalí, subi ao corredor da primeira classe, que dava acesso à escadaria que leva ao convés. Não me contive. Olhei e como não vi ninguém, subi rapidamente ao convés e grudei-me contra a parede do andar dos botes salva vidas. As ondas jogavam o navio vários metros para cima e, no momento seguinte, o navio mergulhava de bico no vazio da onda. Quando uma onda maior jogou uma carga de água sobre o convés,

eu, sozinha no escuro e naquela tempestade, observando toda a força do mar, fiquei apavorada. Voltei correndo, descí as escadarias que davam para a primeira classe, depois as da segunda, onde me senti segura de novo. Ninguém percebeu e eu nada contei.

Continua...

Esperamos que Deus nos dê um Natal com o mar mais calmo. Provavelmente, não teremos um Natal muito bonito, pois nem padre temos a bordo. Mesmo assim, vamos festejar.

Quarta-feira, 25 de dezembro de 1951

A maioria da nossa família continua doente. O pai, a Nellie e a Doortje subiram ao convés para observar os dois navios que cruzaram conosco. De novo todos estão de cama, menos o pai. É próximo ao meio dia. Os que estavam no quarto foram dormir, porém após algum tempo acordamos. A mãe e a Doortje trouxeram uma maçã e um pãozinho para cada um, que comemos com speculaas e um borstplaat (doce típico da época de Natal). Não é um natal muito agradável sem a Missa do Galo. Tudo é muito lúgubre. O Jan agora está um pouco melhor. A Lies lê para os outros. Kees e Annie brincam tranquilos. O pai se mantém forte. A mãe ainda está com enjoo. A Nellie não se encontra em lugar algum. Ria está de cama, também doente. O Jos veio um pouco no nosso quarto, mas logo voltou. O pai nos deu um pouco de Aqua de Colônia e isto nos anima um pouco.

Quarta-feira, 26 de dezembro de 1951

Faltam dez para as nove. Terra à vista. Cedo, de manhã, ainda no escuro, o pai já avistou um farol. Ainda navegamos algum tempo e, finalmente, conseguimos distinguir melhor a terra. São as montanhas da costa norte da Espanha que se erguem do mar. Tudo fica mais nitido agora. Quinze para as onze, uma paisagem maravilhosa se estende à nossa frente. Aproximamo-nos do porto da cidade de Bilbao e lindas colorações se mostram: um lindo mar verde, montanhas lilases e roxas, rochas brancas e amarelas, não se sabe o que olhar mais. Aproximadamente às 12 horas, navegamos pelo Porto de Bilbao adentro, um espetáculo incrível para nunca esquecer. A cidade é construída em torno do porto. As casas são brancas e quadradas, construídas

contra e sobre as montanhas. Mais um navio entra no porto. Ele é americano, muito bonito e se destaca contra as rochas brancas que mais adiante estão cobertas com vegetação verde, poteiros, laranjeiras e pomares. Já nos acalentamos, agradavelmente, ao sol. Aqui, o clima é como na Holanda, na segunda quinzena de abril.

No alto das montanhas, vemos algumas matas. No cais há muito movimento, pois estão embarcando inúmeros passageiros, todos espanhóis. Por trás do cais, as montanhas sobem quase verticalmente, 350 a 450 metros. Há muitos soldados franceses. Não se vê nenhum carro de luxo, como na Holanda. São todos carros antigos. Às 4 horas da tarde, saímos de novo do porto. As montanhas são ainda mais altas e cobertas com neve. À direita se estende o Oceano Atlântico, infinito.

Quinta-feira, 27 de dezembro de 1951

Tivemos uma noite com muita tempestade. O navio se ergue, ora na proa ora na popa, de modo que conseguimos ver a hélice. Tudo o que não está preso, rola de um lado ao outro, pela nossa cabina. Na cabina das minhas irmãs, viajam três moças argentinas. Elas trazem duas caixas com um pó verde, que elas põem numa pequena vasilha, colocam um caninho de metal, derramam água quente em cima e depois chupam o chá. É algo muito estranho para nós. Ficamos sabendo que tomar chá assim é um hábito Sul Americano. Na manhã de hoje estava tudo espalhado pelo quarto, por causa do forte balanço do navio. As caixas arrastaram-se pra lá e pra cá, até abrir. As argentinas ajuntaram tudo com uma vassoura e colocaram de volta nas caixas. Na hora do café, de repente, tudo que estava sobre a mesa - xícaras com café, pão, açúcar, louça, talheres etc., escorregou para o chão. A louça era de inox. e foi uma tremenda barulheira. Até hoje, não tivemos ainda um dia de tempo bom, o vento não para de bramar e o mar ribomba. Montanhas de água rolam em direção ao navio, mas este vence todos os obstáculos. Lentamente, sobe a montanha de água, para, em seguida, deslizar do outro lado. Isso já é assim desde o dia 24 de dezembro.

Sexta-feira, 28 de dezembro de 1951

Estamos ancorados em frente ao porto da cidade de Vigo, ainda

na Espanha. Por causa do clima tempestuoso não pudemos entrar no porto. Tivemos uma noite difícil. Só cedo, pela manhã, foi possível entrar no porto. A paisagem é ainda mais bonita do que a do porto de Bilbao. É um porto com uma profunda área para atraque, que aproveita a grande enseada. As formas rochosas sobem maravilhosamente do mar e, novamente, podemos observar lindas colorações. Às 9h30min a cidade se torna visível, também construída contra as rochas e montanhas. À tarde, pudemos descer do navio até 4h30min. Tinha feira na cidade, num enorme pavilhão. Podia-se comprar todo tipo de verduras produzidas na Espanha e frutas meridionais, batatas do tamanho de uma cabeça de criança, queijo, ovos, bananas, entre outras. Mais adiante, havia barracas com todo tipo de mercadorias, assim como na feira, em Nijmegen. Nas ruas, vimos as primeiras palmeiras, de 10 a 15 metros de altura. Muitos arbustos ainda estão verdes. A grama ainda dá para cortar, porém é mais grossa do que em Nederland. Para a proteção animal aqui não se faz nada. Vimos uma carroça cheia de ovelhas, amarradas pelos pés, sendo jogadas todas num monte. Pobres animais. A cidade é construída contra as rochas, com escadarias. As ruas são bastante íngremes, todas calçadas com pedra natural, que aqui existe em abundância, pois o solo é pura rocha. Aqui também circula um bonde elétrico, que na maioria das vezes nem para, as pessoas correm e pulam para dentro (muito perigoso). Quando caminhamos pela cidade temos uma visão ainda mais bonita do porto. Um grupo de crianças pobres nos acompanha. Quando outros percebem que lhes damos alguma coisa, o grupo aumenta cada vez mais. Então decidimos não dar mais esmolas. Está chovendo um pouco. O sol ainda não apareceu, mas o clima aqui é suave e agradável. Está na hora de voltar para o porto. Descemos por outro setor da cidade, as casinhas são construídas dentro das rochas. Tudo aqui é muito sujo. Muitas casas não são habitáveis. Casas tão ruins não se vê na Holanda, e já teriam sido desmanchadas há muito tempo, apesar da falta de alojamento. Toda sujeira e tralhas são depositadas na rua e sentimos um cheiro muito ruim. No centro da cidade, onde se encontram as lojas e as casas ricas, está um pouco mais limpo. No geral, aqui existe muita pobreza e pouco luxo.

Sábado, 29 de dezembro de 1951

Hoje, às 9 horas da manhã, partimos do porto de Vigo. O tempo está bonito, verdadeiro clima de primavera. Apreciamos novamente a linda visão das montanhas. Muitas pessoas voltam a ficar doentes, até o pai desta vez foi para a cama e ficou deitado durante toda a manhã. À tarde, o tempo está muito bonito e é um prazer ficar no convés. Continuamos sobre o Oceano Atlântico. Esta noite, às 12 horas, devemos voltar o relógio meia hora. Agora o sol brilha, das nove horas da manhã até as seis horas da tarde. Esta noite, provavelmente, entraremos no porto de Lisboa. Nas cidades de Bilbao e Vigo, subiram três sacerdotes a bordo. O pai já perguntou algumas vezes se um deles podia rezar uma missa, mas até agora isto não aconteceu. Amanhã vamos tentar assistir a uma missa em Lisboa.

Domingo, 30 de dezembro de 1951

Hoje ao amanhecer entramos no porto de Lisboa. Porto tão maravilhoso quanto este ainda não havíamos visto. Desde o alto mar, levamos meia hora até alcançar o lugar onde o navio atraca. Passam por nós tão lindas paisagens, que é impossível descrever para quem não viu. Nunca imaginamos que Deus tivesse criado tanta maravilha. Um largo braço de mar se estende por quilômetros terra adentro, estreitando-se sempre mais. Em ambos os lados, as montanhas sobem cobertas por arbustos, poteiros, uvas, laranjas, limões, palmas e outras. Ali no meio, contra as montanhas, estão construídas as casas, todas brancas com telhados vermelhos. Também aqui, de novo, lindas colorações que, na Holanda, nunca vimos. Vemos, também, grandes peixes escuros, que aparecem com as costas e a cauda sobre a água. Às vezes, eles saltam com o corpo todo por cima da água. São trutas, dizem as pessoas no navio. As rochas têm cor de ocre e cinza, quase brancas, acinzentado até vermelho. Aproximamo-nos da cidade, tão pitoresca que, quem não viu não pode imaginar. Ficamos ancorados aqui, o dia todo, e depois, pudemos desembarcar. Rapidamente, procuramos o centro da cidade e observamos o máximo possível. Há moradias bonitas, edifícios pomposos e até um pequeno arranha-céu. As ruas são íngremes e muitas são escadarias. Há algumas planas, onde circulam bondes elétricos e lindos parques e canteiros onde tudo ainda é verde e floresce. Por todo lugar existem chafarizes,

grandes e pequenos, com água tão límpida, que se pode beber, e cascatas rodeadas por lindas palmeiras. Hoje é um dia bonito, com um sol gostoso. Deixamos os casacos no navio, pois o tempo está agradável, assim como na Holanda no final de maio. Pela vegetação pode-se constatar que o clima daqui é subtropical. Algumas árvores estão sem folhas, mas a maioria ainda é verde e já começa a brotar. O ar é claro e limpo, é um prazer caminhar aqui. É domingo e se vê muita gente nos bancos dos parques. As crianças em roupas de verão brincam nas ruas e praças. Os gerânios e begônias estão em flor, bem como os amores-perfeitos e muitas outras plantas.

Na entrada da cidade sentamos num parque bonito e bem planejado, sob as palmeiras e em meio a arbustos verdes e copos-de-leite em flor. As borboletas voam de flor em flor. A chuva-de-ouro ainda está bem verde. Por tudo se veem canteiros com íris azuis em flor e, até mesmo alguma roseira ainda floresce. Mais adiante, na cidade, circulam bondes abertos, sem vidros ou portas. Ao lado da rua, há mulheres com fogareiros assando castanhas que elas vendem. Os sapatos podem ser lustrados ao lado da rua. Encontramos pessoas que andam rezando na rua, com as mãos juntas. Por tudo se veem figuras religiosas, nas paredes e em frente às vitrines dos prédios grandes. Até nas estações e no correio. As pessoas são educadas e solícitas, fora do comum. Elas percebem que somos estrangeiros e quando demonstramos dúvida sobre algum ponto, por si, já nos mostram o caminho. Perguntamos a um policial, em neerlandês, onde conseguiríamos trocar dinheiro. Naturalmente, não nos entendemos, mas quando o pai lhe mostrou dinheiro, logo ele nos ajudou. Apitou para um colega substituí-lo naquele ponto e ele mesmo acompanhou o pai até um banco. O pai lhe ofereceu um charuto, mas ele não quis aceitar nada.

Muito desagradável é que aqui também andam muitos mendigos que incomodam a toda hora. Eles se deixam, simplesmente, pisar os pés, antes de se afastar.

Lisboa é a cidade mais bonita que vimos e isto não vamos esquecer nunca. Às sete horas da noite, nosso navio partiu. Ainda é claro, mas o sol começa a descer. Enquanto o navio faz a volta, se passa meia hora e já escureceu. O que vemos agora mais parece uma lenda: na cidade, milhares de grandes e pequenas luzes, e contra as encostas

um céu claro com a lua crescendo e milhares de estrelas completando a visão. Agora vamos rezar o terço na cabine do pai e da mãe e, depois, vamos dormir.

Segunda-feira, 31 de dezembro de 1951

Esta noite dormimos bem. De manhã, ao nascer do sol navegávamos na altura do mar Mediterrâneo. Às nove horas, muitas pessoas já estavam no convés, aproveitando o tempo bom. Agora vemos nada mais que água e o mar está calmo. Às duas horas, outro navio está à vista. Pensávamos que vinha ao nosso encontro, porém mais tarde vimos que nós o havíamos ultrapassado. Era um barco a velas e, por quase uma hora e meia pudemos vê-lo. Muitos espanhóis deitam preguiçosamente no deck. Depois do jantar ainda ficamos algum tempo no convés. Havia um vento suave sobre o mar. Tentamos manter contato com alguns espanhóis, mas isto não surtiu efeito. Com sinais e algumas palavras em inglês, alemão e francês, por fim conseguimos nos entender. Uma espanhola cantou alguns cânticos para nós. Em cada hino se encontravam várias tríades. Eles sabem expressar maravilhosamente bem o canto. Então nós tínhamos que cantar também, e cantamos vários hinos holandeses. O pai teve que cantar seu *Panis Angelicus* e a *Ave Maria*, de Gounod. Assim passamos algumas horas agradáveis. Então fomos para a cama, mas não dormimos muito bem, porque era o último dia do ano. Os alemães comemoravam com muita festa, na verdade, faziam festa todos os dias.

Terça-feira, 1º de janeiro de 1952 - Ano Novo

De manhã, às cinco horas, os alemães ainda estavam todos fazendo barulho. Às seis horas tinha uma Santa Missa, e eles atrapalharam bastante. Às duas horas da tarde passamos pelas Ilhas Canárias. Aqui enxergamos pássaros antes de ver terra. As montanhas aparecem vagamente e, através da neblina, suas formas ficam cada vez mais nítidas. À direita da proa pudemos ver, repentinamente, um enorme peixe marrom com o dorso e a cauda para fora da água. Calculamos que ele meça pelo menos três metros de comprimento. Conseguimos definir a cor das montanhas: amarelo, assim como margas, uma rocha sedimentar formada por argila e cal (rochas cretácias), de cor amarelada, igual às que se encontram em Limburg, Holanda. Mais no fundo,

elevam-se montanhas bem mais altas, do pé até a metade coberta com construções de casas. A temperatura aqui é muito agradável, não muito quente, nem muito frio. De dia o sol já está a uma altura considerável. Quando olhamos para o mar, de repente, aparece algo rasgando sobre a água e, a uns cinquenta metros adiante, desaparece. Ali adiante mais um, e mais um, dois, cinco, sete ao mesmo tempo. São peixes voadores pequenos, que têm trinta a quarenta centímetros de comprimento e listras azuis e verdes ao longo do corpo. As nadadeiras são grandes como asas e transparentes como vidro. Ainda longe da costa, é possível ver um pesqueiro pequeno. Os tripulantes acenam para nós e nós, para eles. Deixamos as ilhas que, conforme nosso entendimento, são a metade do comprimento de toda a Holanda. Então novamente vemos somente água.

Quarta-feira, 2 de janeiro de 1952

Pela manhã, começamos com uma Santa Missa que teremos daqui para a frente, todos os dias. Às 6h45min o sol sai por cima do Kim (horizonte). Duas vezes já tivemos que atrasar o relógio. Agora são 12 horas do meio-dia, enquanto na Holanda são quatorze horas e trinta minutos. Agora navegamos entre as Ilhas Canárias e as Ilhas do Cabo e vemos somente água e céu.

A comida no navio é boa, mas preparada ao estilo argentino, o que, para nós europeus, não é gostoso, mas quando temos fome comemos igualmente. Hoje, navegamos entre o 40º e o 30º meridiano no hemisfério norte, com velocidade de 19,5 knoop (nós). Isto não é muito ligeiro. Aqui também vemos plantas boiando sobre o mar. São de cor cinzenta e só aparecem nas águas quentes. No mais, nada de especial aconteceu hoje.

Quinta-feira, 3 de janeiro de 1952

Hoje, às 6h45min, o sol apareceu por cima do horizonte e, às 7 da noite, vai se por agora. São 9h15min. Já se encontram muitas pessoas no deck. De novo, promete ser um belo dia. O mar está calmo e sopra um ventinho agradável, no mais só água. À tarde, o convés se transforma numa praia, onde as pessoas, quase nuas, se bronzeiam ao sol, todas em traje de banho.

um navio, que está muito longe. Só pudemos ver as luzes. Hoje mais um dia sem novidades.

Quarta-feira, 9 de janeiro de 1952

Esta noite estava quente na cabine. Estamos passando por uma região com bastante umidade no ar. Isto não é agradável, esgota muito e nos deixa cansados. Depois do café da manhã, passamos por uma nuvem de água. Uma enorme quantidade de água caía do céu, podia-se se ver apenas alguns metros ao redor. Depois o tempo aclarou e já estava quente de novo. Agora estamos entre a 10ª e 20ª linha do meridiano sul. Amanhã esperamos entrar no porto do Rio de Janeiro. Estamos todos ansiosos para descer, pois os últimos dias foram muito estafantes e sem graça. Queremos muito chegar ao destino e conhecer nossa nova Pátria.

Quinta-feira, 10 de janeiro de 1952

Às 5 horas da manhã, avistamos o farol do Rio. Com a luz da lua, pudemos ver, vagamente, surgirem as rochas sobre o mar. O sol nasce às seis horas. Uma visão espetacular surge à nossa frente. De muito longe, avistamos a famosa imagem do Cristo Redentor, no cume de uma montanha iluminada por holofotes. Maravilhoso, impossível descrever. Também passamos pelo Pão de Açúcar, com seus matizes maravilhosos. A natureza é muito linda aqui no Brasil, e agora é pleno verão. As árvores e plantas são todas verdes. A cidade esplêndida foi construída em torno do porto, que é muito grande. A cada cinco minutos se vê subir um avião. Também se veem muitos aranhas-céus, e como são altos! Quantos navios transatlânticos de diversas nações! Nosso navio está sendo puxado para o cais por outros barcos menores. Achamos isto muito interessante.

Um representante do governo brasileiro nos acompanhou na viagem de lancha até a Ilha das Flores, onde devemos permanecer alguns dias. Fizemos um lindo passeio pelo porto do Rio. Depois de meia hora chegamos à ilha que faz jus ao nome, pois é muito bela, com sua natureza exuberante, palmeiras em leque, coqueiros, amendoeiras com frutos, bananeiras, mangas, laranjeiras, ananás, etc. samambaias enormes, árvores com flores de todos os matizes, canteiros com flores e plantas tropicais desconhecidas. A ilha é rodeada por uma

água rasa, onde dá para nadar à vontade. É admirável a quantidade de peixes que existem aqui. Quem tem um pouco de habilidade é capaz de pegá-los com as mãos. Fomos recebidos pelo capelão da ilha, o padre José Müller, pessoa muito amigável, encarregado pelo governo brasileiro de zelar pelas necessidades espirituais e temporais das pessoas hospedadas na ilha. Temos muita sorte, pois o padre também é neerlandês, da província de Limburg. Ele é muito hospitaleiro e nós somos beneficiados com isso. Na primeira noite, já nos convidou para irmos à sua casa, onde conversamos até quase onze horas. Ele conhecia a cidade de Wijchen, pois esteve lá inúmeras vezes. Na Holanda, era pároco na cidade de Asselt, na igreja mais antiga de lá. A comida é boa aqui, porém não se pode ser muito exigente quanto à higiene. A coordenação se esforça, mas devemos levar em consideração que aqui moram gente de todas as nações do mundo. Muitos são fugitivos das regiões de trás das cortinas de ferro. São russos, alemães, romenos, tchecos, gregos, iugoslavos, italianos, espanhóis, etc. São pessoas infelizes, perseguidas por motivos políticos, fugidos de sua pátria. Nas fisionomias mostram que sofreram muita privação. O governo brasileiro recebe muitas destas pessoas e as encaminha na vida profissional. A maioria são pessoas de boa índole. Mas como em todo lugar, também tem joio no meio do trigo.

Sexta-feira, 11 de janeiro de 1952

Diante de nossos olhos se desenrola uma magnífica paisagem. Bem à nossa frente, a baía com suas águas calmas. Logo atrás, montanhas de porte médio, de aproximadamente 200 metros de altura; mais adiante, montanhas mais altas ainda, com até 1.000 metros. Também podemos observar a conhecida Serra dos Órgãos, que devido à neblina, mostra somente os picos, que sobem acima das nuvens. Muito bonito. Veem-se aqui muitas montanhas rochosas. No primeiro dia, recebemos uma pequena tempestade tropical. Depois era calor como se estivéssemos na Holanda, em uma estufa. Em seis semanas, pode-se plantar e colher feijão. As batatas são de má qualidade e pouca quantidade, por causa do clima. Frutas e hortaliças crescem aqui em abundância, assim como outros alimentos, que podem ser muito saborosos. Para os filhos, o lugar é ideal. Podem tomar banho e nadar à vontade. Isto é necessário, pois sentem muito calor e transpiram muito, mesmo

Sexta-feira, 4 de janeiro de 1952

Hoje está igual a ontem. O tempo está lindo. Há alguns dias não usamos mais casacos, blusões e borstroken (borstok é uma regata tricotada com linha de algodão usada por baixo das roupas no inverno, que vestimos ao sair da Holanda). Os passageiros tomam banho de sol em roupas de banho e já estão bastante bronzeados. Estamos perto do Equador, e esperamos ultrapassá-lo amanhã. Já ultrapassamos há algum tempo as ilhas do Cabo Verde. Não pudemos ver nada delas, a não ser alguns pássaros. Estamos navegando sobre o décimo meridiano, ainda no hemisfério norte. Em breve passaremos pelo Equador. Então, vemos borboletas voando. De onde elas surgiram, aqui no alto mar, não sabemos. Provavelmente estavam escondidas no navio e, com o calor, alçaram voo. O mar aqui não é mais verde, sua cor é azul. Hoje é o aniversário da mãe, não pudemos comemorar como o fazíamos na Holanda. Esperamos que o próximo ano seja melhor. Constantemente, ainda vemos peixes voadores.

Sábado, 5 de janeiro de 1952

Esta noite era muito quente no camarote e dormimos sobre os lençóis. Agora sopra um vento sul quente. Conforme avança o dia, o calor aumenta. O sol encontra-se agora quase reto, sobre nossas cabeças. Um dia quente de verão na Holanda é nada contra isto aqui. Navegamos próximo ao Equador. Amanhã, provavelmente, o calor vai aumentar ainda mais. Esta noite teremos festa pela passagem do hemisfério norte para o hemisfério sul, com a escolha da Rainha do Equador. (Nota da autora: É costume que, ao passar pelo Trópico do Equador, se faça uma festa com baile e brincadeiras). As crianças aguardam ansiosas pela festa de Netuno, o Deus do mar.

Domingo, 6 de janeiro de 1952

Ontem à noite, às 9 horas, começou a festa. Uma jovem holandesa foi escolhida Rainha do Equador, uma espanhola ficou com o título de Princesa do Hemisfério Norte e uma Argentina, Princesa do Hemisfério Sul.

Hoje, pela manhã, caiu uma chuva quente. O dia começou com uma missa, às seis horas, quando o sol tinha recém nascido. Às 7 horas, desjejum com leite achocolatado. Às 8h30min tivemos outra missa que

terminou às 9h15min, justamente na hora em que passávamos sobre a linha do Equador. O mar está um pouco mais agitado. No momento em que chegamos ao hemisfério sul, tudo o que podia produzir som o fez, em homenagem à passagem, porém, tudo é abafado pelo zurro das sirenes de neblina do navio. No mar, sol e céu. Não acontece nada especial, mesmo assim impressiona, quando se pensa que estamos aqui neste oceano infinito, só com os companheiros de viagem, longe da civilização. Durante vários dias não vimos mais terra nem pássaros, mesmo assim, a viagem tem suas atrações. A água é tão azul quanto o céu, na sombra a temperatura é agradável. A tarde teve mais festa. Foi feito um sorteio e teve brincadeiras no convés. Algumas pessoas foram molhadas com mangueiras, simbolizando Netuno, o Deus do mar. A mãe continua doente e esperamos que melhore quando se habituar com o calor. Depois de sete dias sem ver nada, senão água e céu, à tarde vemos outro navio. Também parece de passageiros, mas está muito longe para distinguirmos direito. O calor continua. Conforme informações, passamos pelas ilhas de São Paulo (*), porém não foi possível ver nada. Agora, às 5 horas da tarde, já estamos ao sul da ilha de Fernando de Noronha (**), mais uma ilha no Oceano Atlântico, já na costa Sul Americana. À esquerda, o grande Oceano atrás do qual fica o Congo Africano.

* O arquipélago de São Pedro e São Paulo é um conjunto de pequenas ilhas rochosas que se situa na parte central do oceano Atlântico equatorial, declarado parte do território brasileiro.

** Arquipélago de Fernando de Noronha.

Segunda-feira, 7 de janeiro de 1952

Hoje estamos em frente a Pernambuco, o primeiro lugar importante da costa Sul Americana. Aqui faz bastante calor e continuamos ainda na região tropical. Tudo continua igual aos últimos sete dias.

Terça-feira, 8 de janeiro de 1952

Uma e quinze da tarde, encontramos um navio que segue em direção ao norte, passando rapidamente. Já navegamos a trezentos quilômetros ao sul da Bahia. Novamente aparecem alguns pássaros. Navegamos na costa brasileira, porém não pudemos ver nada, somente céu e água. A temperatura continua alta. Às 7h30min avistamos mais

sem fazer nada. Aqui o calor é quase insuportável. No Rio Grande do Sul, sabemos que o clima é bem mais favorável para nós. Esperamos que, em breve, possamos estar no nosso destino, pois os dois filhos mais velhos, Frans e Henk, devem estar nos esperando.

Sábado, 12 de janeiro de 1952

Às 6h30min temos uma Santa Missa onde Theo e Jos são coroinhas. Ontem, Theo acompanhou o padre à cidade, hoje Jos e Jan podem fazer companhia. Isto se dá com uma lancha rápida. Um passeio destes é realmente muito interessante. Os charutos e cigarros são confeccionados com tabaco de boa qualidade e não são caros. Uma carteira da marca Astoria custa dois cruzeiros e cinquenta centavos, equivalente a 37,5 cent (centavos) de florim.

Domingo, 13 de janeiro de 1952

Hoje iniciamos o dia com duas Santas Missas. A primeira às 7 horas e a outra, às 9 horas. A última foi uma missa solene. O pai cantava os hinos alternativos, a mãe e as crianças, os fixos. À noite, teve adoração e, mais tarde, jogamos carta até as 11 horas, na casa do padre. Ele havia comprado um cacho de 16 kg de bananas, direto do pé, mangas, laranjas e abacaxi.

Segunda-feira, 14 de janeiro de 1952

Hoje, o pai foi à cidade (Rio de Janeiro), para informar-se a respeito da possibilidade de viajarmos para o sul. Porém, estas coisas demoram muito no Brasil. Também os holandeses que moram aqui já pensam assim. Na Holanda, "Tempo é dinheiro", aqui é "Paciência" (geduld).

A cidade do Rio de Janeiro é maravilhosa. A maioria das casas foi construída ao pé das montanhas, que surgem no meio da cidade. Passamos por uma rua que foi cavada na rocha. Nos dois lados há rochas escarpadas e, olhando para cima, se vê somente o céu azul. As ruas são ladeadas por enormes palmeiras que sobem 25 a 30 metros, retilíneas na altura, com grossos troncos. Há lindos parques com plantas e árvores tropicais. Belas construções e muitos arranha-céus, ricamente decorados com muito mármore, alguns totalmente revestidos com mármore. Também são vistos passeios com mármore.

As grandes avenidas, com quatro pistas que atravessam a cidade, são muito movimentadas. Precisa-se de 30 minutos para atravessar as quatro pistas que, ao todo, não ultrapassam 100 metros. Por todo lugar existem estacionamentos para milhares de carros. Nas ruas têm muito mais carros que pessoas.

Rio é uma cidade rica, porém, além destas riquezas, há uma dolorosa pobreza. Grande parte dos habitantes é negra ou mulata. Estes não são os habitantes originais da América do Sul. Os negros são descendentes de escravos. A população total é de dois milhões de habitantes. Seria adequada para imigrantes europeus, pois teria um bom escoamento de produtos agrícolas, porém o clima é muito desfavorável para os holandeses, pois o calor é demais. Das 11 horas às 13 horas, o sol fica perpendicularmente acima de nossas cabeças. Nossa sombra, então, não é maior que alguns decímetros. E as chuvas tropicais, então? Depois de uma chuva de meio-dia, imediatamente volta o calor e dá a sensação de estufa. Energia elétrica tem por todo lugar, deixam as lâmpadas acesas 24 horas por dia, como se não custasse nada. Também a mentalidade do povo não é adequada para imigrantes.

Terça-feira, 15 de janeiro de 1952

Hoje recebemos a visita de dois padres holandeses que trabalham perto de Rio de Janeiro e que souberam da permanência de uma família holandesa na ilha. Vieram nos visitar e dar as boas vindas. Tivemos, de novo, uma noite agradável.

Quarta-feira, 16 de janeiro de 1952

Hoje nada de novidade especial. O pai e os rapazes foram de novo ao Rio conhecer a cidade. Mas a mãe e as meninas ainda não. Daqui podemos ver a famosa imagem do Cristo Redentor. Uma colossal imagem sobre uma colossal montanha. Só a imagem tem 32 metros de altura.

Quinta-feira, 17 de janeiro de 1952

O pai foi novamente ao Rio ver como está o andamento da licença para viajar, mas não conseguiu nada. Nestas ocasiões, ele fica o dia todo fora da ilha. No início, era bonito ir ao Rio, pois era a cidade mais linda do mundo, mas quando isto se torna corriqueiro, perde a graça.

Como estrangeiro, caminha-se sozinho e lamentoso pelas ruas. Na cidade, os terrenos são muito caros, principalmente, no bairro onde funcionam os prédios governamentais e bancos. A terra custa 600 até 800 florins por m², e constroem ali prédios de 100 a 105 metros de altura. No térreo é tudo comércio, acima moradia e escritórios que são alugados. As construções são práticas, mas não tem nada de beleza. Para viajar de bonde, não é preciso comprar passagem. Embarca-se no ônibus ou no bonde e vai se adentrando conforme outros passageiros descem. Quando se chega perto do motorista o passageiro deve colocar ali Cz\$ 2,00 em uma caixa coletora de vidro, para então descer. Por este valor, pode-se viajar muito e para onde se quiser, desde que seja a rota do ônibus. Pode-se ficar uma hora e meia dentro do bonde e ainda não se atravessou a cidade, que tem 38 km de comprimento.

Agora temos aulas de português. Existe na ilha uma escolinha com uma professora grega que ensina o português a seus conterrâneos. Nossas meninas e os pais também frequentam as aulas. Não entendemos muito, mas estamos aprendendo aos poucos. As aulas são também um bom passatempo. Até o pai e a mãe sentam atrás de nós com caderno e lápis, tentando aprender algumas coisas. Pessoas idosas, jovens e crianças se sentam nos bancos escolares. Um ventilador ronca incansavelmente tentando refrescar o ar.

Os quartos ficavam dentro de um grande pavilhão e têm somente camas beliche, nenhuma cadeira ou mesa. Vader (pai) e moeder (mãe) dormem com os pequenos, em um quarto que não é muito grande, com somente uma porta, sem janelas e com paredes que terminam a, aproximadamente, meio metro do forro. Quando ficamos em pé sobre o beliche, podemos ver todo o pavilhão. Guilherme Saedt, o futuro genro, Theodorus e José dormem num quarto, logo ao lado. Os colchões são muito estreitos e duros, não podemos nos virar, sob pena de cair da cama. Numa noite, Doortje caiu e só recuperou os sentidos às nove horas da manhã seguinte. Ela nem soube que caíra. Outras duas crianças caíram da cama, pois passaram mal depois de terem comido mangas. As frutas eram quentes do sol e ajuntadas do chão. Durante toda a noite, as crianças sofreram cólicas e náuseas. Várias pessoas da hospedaria se mostram solidárias e se comunicavam por sobre as paredes, as divisórias dos quartos, que têm menos de

dois metros de altura.

Sexta feira, 18 de janeiro de 1952

Nossos pais, acompanhados do genro Wim Saedt, foram novamente ao Rio, para tratar da liberação para a viagem, mas outra vez foi sem resultado. O embaixador não conversou com eles e um auxiliar teve que tratar do caso. O pai disse que não tinha uma boa impressão, pois parecia haver falta de interesse em ajudá-los. À noite, chegaram exaustos em casa.

Sábado 19 de janeiro de 1952

Hoje o pai foi novamente ao Rio onde encontrou o padre Hildefonso Wouters (missionário holandês que trabalhava no Ginásio São Francisco Solano em Não-Me-Toque). Ele trouxe a boa notícia de que, provavelmente, poderemos viajar a Carazinho no início da próxima semana, com toda a nossa bagagem. Na última semana todos estavam doentes, por causa da comida, do cansaço e do clima quente e úmido. Nesta região é época de grandes chuvas. Precipitações tropicais acontecem, às vezes, durante um dia inteiro, ou durante toda a semana. As nuvens ficam presas entre as montanhas.

Domingo, 20 de janeiro de 1952

Graças a Deus, tivemos de novo duas missas. A última missa voltamos a fazer solene, nós mesmos a cantamos. Além do vigário, participaram nossa família, a família do farmacêutico da ilha e um iugoslavo. Só com fé em Deus e apoio do padre somos capazes de vencer tantas dificuldades. Quem não estava doente passou o dia estudando, nadando ou fazendo nada.

Quinta-feira, 24 de janeiro de 1952

De segunda-feira (21) a quinta-feira (24) de janeiro, sem novidades. Tudo continua no mesmo ritmo. Devemos ficar na fila para receber o cartão para almoçar e jantar. A fila é tão grande, que demora 45 minutos até chegar a nossa vez. Os russos continuam com suas roupas de lã, neste clima. Eles exalam um odor horrível. Duas das nossas pequenas já desmaiaram na fila. Recebemos uma bandeja grande com

vários compartimentos e, passando em frente a um balcão grande, fomos servidos de arroz, feijão, carnes, verduras, legumes e um mingau. Isto é nosso almoço e, como sobremesa, ganhamos um cafezinho.

Sexta-feira, 25 de janeiro de 1952

Grande novidade neste dia. Às 11h45min, recebemos telefonema de que devemos arrumar nossas malas para iniciar a última etapa da viagem. Às 20 horas partiremos para São Paulo de trem, e devemos chegar amanhã cedo.

Sábado, 26 de janeiro de 1952

Chegamos às oito horas em São Paulo, depois de 12 horas de viagem, sem intervalo, com todas as crianças mal alimentadas, porque não são acostumadas com a alimentação que era servida no navio e na ilha. A viagem de trem até São Paulo foi difícil, tinha muitos passageiros viajando em pé, empilhados nos corredores. Fomos recebidos em um convento, por irmãs religiosas que cuidam de um orfanato. Pudemos nos refrescar um pouco e dormir. À tarde, as irmãs nos serviram um café. Elas eram muito gentis. Depois, nos levaram para a estação ferroviária, de caminhão. Às 5 horas da tarde, partimos para o Rio Grande do Sul. A previsão é de que a viagem dure dois dias e três noites.

Dias 27 a 30 de janeiro e 1º fevereiro de 1952

Tivemos uma noite muito ruim, porque viajamos na segunda classe. Na Holanda, a classe mais inferior é melhor que a primeira classe daqui. Pelos desconfortos da viagem, fomos compensados com a bela paisagem, que tivemos oportunidade de contemplar. Aqui, de novo, é muito bonito. Grande parte do Brasil é montanhosa e com uma vegetação tropical exuberante. Vimos montanhas com mais de mil metros de altura. Nesta altitude, o clima é subtropical. Algumas plantas que conhecemos na Europa são vistas aqui também.

Chegamos ao Rio Grande do Sul. No último trajeto, permitiram-nos viajar na primeira classe, depois de vários dias e noites sentados nos bancos de ripas e deitados sobre as malas que nossa boa mãe arrumara para que, pelo menos, as crianças pudessem deitar. A primeira classe parece um céu e, sem demora, todos dormiram. Fomos

acordados quando chegamos em Carazinho. Era uma hora da madrugada do dia 31 de janeiro.

Frei Marcolino chegou no caminhão do colégio. Estava nos aguardando, junto com os dois filhos mais velhos que já tinham vindo ao Brasil no mês de outubro de 1951, e mais alguns imigrantes. Foi aquele reencontro, depois de tanta expectativa e quatro meses de separação. Tomamos primeiro um cafezinho, para então procurar o caminhão. Todos subiram na carroceria. A mãe e alguns pequenos puderam viajar na cabine junto com frei Marcolino. Após uma hora de sacolejo por uma estrada de chão, chegamos a Não-Me-Toque, no Colégio São Francisco Solano, onde nos colocamos a dormir. Na manhã do dia 31, às nove horas, acordamos e conhecemos o restante. Em pouco tempo vinham chegando mais imigrantes para conhecer os novos integrantes da colônia. O Senhor Assink, com seu bigode grande, deu medo. Ainda não há muitas famílias de imigrantes aqui, e devemos ser a décima família. Provavelmente, ainda vamos esperar uns 14 dias pela bagagem.

Isto não é o pior. Pelo menos chegamos.



Os quarenta dias da viagem foram detalhados nas páginas do diário de Theodora.

CAPÍTULO XXIX Os Pioneiros

Através das fotos a seguir a obra presta homenagem aos pioneiros que imigraram para este lado do oceano, na época adultos, jovens e crianças, movidos pela esperança de um futuro melhor para si e para suas famílias.

Das cerca de 65 famílias que vieram para Não-Me-Toque, 33 permanecem até este ano de 2011, conforme lista no capítulo XXIII "A História das Famílias Pioneiras", página 184.

Através deles e de seus descendentes, a história se perpetua e continua a ser contada.



Anna Eltinck Souilljee e Hendricus M. C. Souilljee



Theodora M. F. Souilljee Assink



Wilhelmus A. J. Daandels



Sibila Theunissen Kok



Wilhelmina Stapelbroek Philipsen e Leonardus J. Philipsen



Agnes Anna Stapelbroek Möllmann e Henrica Stapelbroek van Schaik



Maria Gerarda Rauwers Rietjens e Henricus J. J. Rietjens



Humbertus J. N. M. Rietjens



Wilhelmina A. M. Daandels Scolari



Terezia. H. Stapelbroek e Peter Jan Rietjens



Cornelia Maria Catarina van Riel Souilljee



Theodorus M. Hubertus Souilljee e Johannes M. T. Souilljee



Franciscus M. H. Souilljee



Antonius H. Assink



Johanna M. P. F. Souilljee



Harrie J. Stapelbroek e Elisabeth M. J. Souilljee Stapelbroek



Philomina Rietjens Stapelbroek e Johannes Bernardus Stapelbroek



Joseph Stapelbroek



Anna Rietjens Stapelbroek



Hendricus Bernardus van den Mosselaar e Helena van Ass van den Mosselaar



Ana Catarina Rietjens van Riel



Willibrordus Henricus van Lieshout e Alberta W. M. Sleutjes van Lieshout



Antonius J. M. van Riel



Cornelis M. H. Souiljee



Maria Assink van Riel



Gertruida C. M. Rietjens van Riel



Henrica e Sibila Theunissen Kok



Maria van Riel van Houts



Lúcia Friederichs, brasileira que acompanhou toda a história da imigração

CAPÍTULO XXX

Prólogo

Que a expectativa do grupo de imigrantes holandeses em Não-Me-Toque R/S era favorável, já foi visto por H. Lodder, funcionário do setor de emigração da embaixada Neerlandesa, quando fez uma visita à recém instalada colônia, de 28 a 31 de julho de 1953. Ele observou que:

- Tudo indica que os imigrantes holandeses poderão conseguir uma certa prosperidade e que em Não-Me-Toque pode desenvolver-se até um importante núcleo de colonização holandesa. O ânimo entre os colonos é excelente e se trabalha muito, o que já deixou grande impressão nas redondezas. Não-Me-Toque já está se destacando, também, junto às autoridades brasileiras.

Os imigrantes fizeram jus a esta observação. Quase sem recursos, numa terra estranha, trabalharam com afinco realizando duas safras ao ano. Mantiveram a fé, praticaram a religião e, com muita criatividade, foram vencendo os obstáculos.

Os primeiros anos foram muito difíceis, porém, com o passar do tempo, a situação foi melhorando a cada colheita.

Nos anos 70, na era da expansão agrícola, justamente quando a situação começou a mudar e as expectativas estavam melhores, um grupo significativo recuou e voltou para a Holanda.

Os que ficaram, progrediram e seus descendentes, ainda hoje, mostram do que um imigrante holandês é capaz.

Que a imigração Holandesa em Não-Me-Toque é um sucesso, após 62 anos (1949-2011) de convivência e mútua colaboração com o povo brasileiro, é fato. Os imigrantes continuam fiéis ao primeiro objetivo que mobilizou os pioneiros a deixarem sua pátria e procu-

rarem no Brasil um futuro melhor para os filhos.

Hoje, é possível dizer que a grande maioria dos imigrantes e seus descendentes foi bem sucedida e os holandeses e seus descendentes estão bem integrados com o povo local, tanto que fazem parte da família não-me-toquense e se sentem bem **brasileiros**.

A história da imigração é muito rica e dinâmica. Sabemos que não conseguimos narrar tudo que ocorreu nesses 62 anos. Muito ficou de fora. Entretanto, o que não poderia faltar é o nosso muito obrigado ao povo de Não-Me-Toque, que acolheu os imigrantes com grande carinho.



Autora Cornelia van Riel, ao lado da neta Luiza Weidlich, são símbolos de duas culturas que se integram no país que recebeu os imigrantes.

Bibliografia

- CÂMARA MUNICIPAL DEVEREADORES. Não-Me-Toque. Ata nº 560 da Sessão Solene em 17 de julho de 2009.
- ESTADO, O. Edição Especial Zeskamp. 21 de julho de 1993.
- FOLLINGS, Pieter. Het Vergeten Gebied. Ano 2007.
- HOLAMBRA, Mari Smits. Tomada da Tchecoslováquia pelos Russos.
- LITJENS, J. Mila Jeugd Contact. Ano: 1976.
- MOMENTO, Revista. Mensal. Não-Me-Toque: dez. 2003.
- MOMENTO, Revista. Edição especial. Não-Me-Toque: 2003.
- MOMENTO, Revista. Mensal. Não-Me-Toque: dez. 2004.
- MOMENTO, Revista. Mensal. Não-Me-Toque: mai. 2010.
- MOMENTO, Revista. Mensal agrícola. Não-Me-Toque: set. 2010.
- MOMENTO, Revista. Mensal agrícola. Não-Me-Toque: dez. 2010.
- MOLLMANN, Itelmo. A atuação SOS imigrantes à Embaixada da Holanda no Rio de Janeiro, conforme consta no Histórico de J. B. Stapelbroek. Jornal O Noticioso. Carazinho, 13 de setembro de 1977.
- NÃO-ME-TOQUE, Veja. Revista mensal. Não-Me-Toque: mar. 1995. Artigo: Não-Me-Toque 40 anos.
- PARÓQUIA CRISTO REI. Não-Me-Toque. Livro Tombo: período 1949 a 1951.
- REI, Paróquia Cristo. Publicação especial dos 75 anos da Paróquia Cristo Rei. Ano: 2006; páginas 7 a 10.
- RIETJENS, Gerarda. Correio Regional. 27 de julho de 1985; páginas 5 a 7.
- RIEL, Cornelia van. Correio Regional. 27 de julho de 1985; página 1.
- SCHERER, Rudinéia. Tamancos de Madeira: Imigração Holandesa em Não-Me-Toque. 2004. Monografia apresentada na Universidade de Passo Fundo para obtenção do grau de Mestre em História.
- SILVA, Cristina Kaiser da. Os caminhos da Soja – Biografia de Leonardus Philipsen. Gráfica Grapel, 2009.
- VLIET, Dirk J. van. Mila Jeugd Contact.

Apoio à Cultura

Buscando valorizar a história das suas raízes preservando e promovendo o legado da imigração holandesa no Brasil, o Banco De Lage Landen esta apoiando o projeto "A Caminho da Esperança – Imigração Holandesa em Não-Me-Toque", uma homenagem que presta a esta comunidade.

Apoiar iniciativas que busquem valorizar a cultura é algo que o De Lage Landen faz com muito orgulho ao longo da sua trajetória.

A visão corporativa do De Lage Landen, advinda da sua matriz na Holanda, traz o compromisso de estar inserido nas comunidades onde atua, colaborando com o desenvolvimento de projetos e assegurando um ambiente cultural disponível para a sociedade.

De Lage Landen

O De Lage Landen, empresa subsidiária do Grupo Rabobank, foi fundado em 1969 para oferecer soluções de financiamento e leasing ao mercado Holandês.

O De Lage Landen atua no mercado brasileiro desde 1998, atendendo aproximadamente 60.000 clientes em todas as regiões do país, dispondo de uma infraestrutura moderna e dinâmica com capacidade para atender com agilidade as necessidades nos diversos mercados em que atua. Buscando sempre a excelência em nosso atendimento, nossa equipe é formada por profissionais especializados, preparados para auxiliar nossos parceiros e clientes de forma personalizada, eficaz e com qualidade. Atuando nos mercados de Alimentação e Agricultura, Saúde, Equipamentos para Escritório e Tecnologia, Equipamentos de Construção e Indústria, Transporte,

Instituições Financeiras e Telecomunicações.

Sobre a AGCO Finance

A AGCO Finance é uma Unidade de Negócios do Banco De Lage Landen Brasil S.A, sediado em Porto Alegre, com filial em São Paulo. A AGCO Finance viabiliza programas de financiamento para a aquisição de máquinas e equipamentos AGCO para as marcas Massey Ferguson e Valtra do Brasil e de outros 26 fabricantes de implementos de marcas renomadas de abrangência nacional. Está presente em 15 países na América do Sul, América do Norte, Europa e Oceania. No Brasil, fornece aos agricultores opções de linhas de financiamento diferenciadas de acordo com as necessidades individuais de cada cliente.

EDITORA RH PUBLICIDADES LTDA



Helaine Gnoatto Zart

Atuando como jornalista há 24 anos, Helaine Maria Gnoatto Zart é editora do jornal *A Folha*, semanário com circulação em Não-Me-Toque (RS), do qual é proprietária junto com o marido Roque Rudimar Zart.

Sua formação em Administração Rural aliada ao gosto pela escrita a levou a trabalhar no jornal *A Região*, em sua cidade natal, Sarandi (RS), onde se dedicou ao suplemento Rural e logo assumiu a editoria geral.

Em Não-Me-Toque desde 1990, envolveu-se com diversas entidades como, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, Liga Feminina de Combate ao Câncer, Instituto Cultural Italo-Brasileiro Michelangelo, Centro de Tradições Gaúchas, Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais, Comunidade da IECLB, Conselho Escolar Sinodal Sete de Setembro, contribuindo nas diretorias como presidente e outros cargos.

Na área editorial, além do jornal, produziu revistas de cunho histórico e empresarial, assinou a apresentação da obra "Não-Me-Toque no Rastro da sua História", de Sandra Pedrosa Cunha, produziu textos para audiovisuais de cunho histórico e social.

Conheceu Cornelia van Riel atuando comunitariamente. De conhecidas, tornaram-se amigas, relacionamento que se aprofundou a

LEI DE
INCENTIVO
A CULTURA



Patrocínio



de lage landen ™
partners in finance



Augustin®

Apoio



Realização

Ministério da
Cultura

